



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

OSMAR MARÇOLI

**ESTUDO COMPARATIVO DOS DIALETOS DA
LÍNGUA KAWAHIB (TUPI-GUARANI)**

Tenharim, Jiahui e Amondawa

Campinas
2018

OSMAR MARÇOLI

**ESTUDO COMPARATIVO DOS DIALETOS DA
LÍNGUA KAWAHIB (TUPI-GUARANI)**

Tenharim, Jiahui e Amondawa

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pelo aluno Osmar Marçoli e orientada pelo Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis

Campinas
2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

M333e Marçoli, Osmar, 1971-
Estudo comparativo dos dialetos da língua Kawahib (Tupi-Guarani)
Tenharim, Jiahui e Amondawa / Osmar Marçoli. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Wilmar da Rocha D'Angelis.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Língua tupi-guarani - Dialetos - Fonologia. 2. Língua Kawahib. 3. Estudo
comparado. 4. Índios da América do Sul - Brasil - Rondônia. 5. Índios da
América do Sul - Brasil - Amazonas. I. D'Angelis, Wilmar, 1957-. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III.
Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Comparative analysis of the Kawahib (Tupi-Guarani) dialects
Tenharim, Jiahui e Amondawa

Palavras-chave em inglês:

Tupi guarani languages - Dialects - Phonology

Kawahib language

Comparative studies

Indians of South America - Brazil - Rondonia

Indians of South America - Brazil - Amazonas

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora:

Wilmar da Rocha D'Angelis

Angel Humberto Corbera Mori

Carolina Coelho Aragon

Data de defesa: 23-03-2018

Programa de Pós-Graduação: Linguística



BANCA EXAMINADORA:

Wilmar da Rocha D'Angelis

Angel Humberto Corbera Mori

Carolina Coelho Aragon

**IEL/UNICAMP
2018**

Ata da defesa, com as respectivas assinaturas dos membros da banca, encontra-se no SIGA - Sistema de Gestão Acadêmica.

*Sólo le pido a Dios
Que el futuro no me sea indiferente
Desahuciado esta el que tiene que marchar
A vivir una cultura diferente.*
León Gieco

*A língua, de modo geral, é o meio pelo qual
qualquer cultura se manifesta.*
Aryon Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Às lideranças e aos participantes Tenharim (aldeias Mafuí e Campinho), Jiahui (aldeia Ju'i) e Amondawa (aldeia Trincheira) pela anuência concedida e participação efetiva nesta pesquisa.

Ao amigo médico-indigenista-missionário Dr. Gilles de Catheu (Dr. Gil) por sua amizade e apoio logístico durante as viagens destinadas ao trabalho de campo em Rondônia e sul do Amazonas.

Aos meus familiares e demais amigos pelo incentivo.

Ao professor Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis pela gratificante orientação, do início ao término deste trabalho dissertativo.

Aos professores Drs. Angel C. Mori (IEL/Unicamp) e Carolina C. Aragon (Universidade Católica de Brasília) que participaram de minha banca de qualificação e defesa, por suas observações e sugestões.

Ao Programa de Pós-Graduação do IEL pelo apoio para a realização do trabalho de campo.

A todos, minha gratidão!

RESUMO

Esta dissertação de mestrado apresenta uma análise comparativa dos dialetos da língua Kawahib (Tupi-Guarani), falada pelos povos indígenas Tenharim, Jiahui e Amondawa, localizados na Amazônia Meridional Brasileira, especificamente nos Estados de Rondônia e sul do Amazonas. Apresentamos a fonologia da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) e alguns de seus processos fonológicos e morfofonológicos, a partir de uma perspectiva sincrônica, demonstrando as particularidades dialetais. Como metodologia, o trabalho de campo proporcionou a adoção de um extenso *corpus* a partir de dados de fala destinados ao estudo da estrutura dessa língua. Incluímos pessoas de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias não elegendo assim um “falante ideal”. Também é apresentado o contexto sociogeográfico, população e situação linguística dos povos falantes da língua Kawahib assim como os estudos linguísticos anteriores. Os principais teóricos que fundamentam esta análise são Jakobson ([1931] 2008); [1958] 2008), Rodrigues (1964; 1986), Rodrigues & Cabral (2002; 2005; [1984-1985] 2011; 2012), Thomason & Kaufman (1988), Dietrich (1990; 2010), Chambers & Trudgill (1998). Os resultados obtidos indicam a manifestação de variação inter e intradialetal (variações diatópicas e diastráticas) e revelam a ocorrência de mudança linguística em processo. A conclusão deste trabalho aponta para um aprimoramento do mapeamento linguístico onde estão inseridos os dialetos constituintes da língua Kawahib na família linguística Tupi-Guarani.

Palavras-chave: Línguas Indígenas; Língua Kawahib; Fonologia; Línguas e Dialetos.

ABSTRACT

This dissertation presents a comparative analysis of the Kawahib (Tupi-Guarani) dialects, spoken by the Tenharim, Jiahui and Amondawa indigenous peoples, located in the Brazilian Southern Amazon, specifically in the states of Rondônia and Southern Amazonas. We present the phonology of the Kawahib language (Tenharim, Jiahui and Amondawa) and some of its phonological and morphophonological processes, from a synchronic perspective, demonstrating the dialectal peculiarities. As a methodology, the field work provided the production of an extensive corpus from the data of speech destined to the study of the structure of that language. We include people of both sexes and different age groups, thus not electing an "ideal speaker." The socio-geographical context, population and linguistic situation of Kawahib-speaking peoples as well as previous linguistic studies are also presented. The main theorists that base this analysis are Jakobson ([1931] 2008); [1958] 2008), Rodrigues (1964; 1986), Rodrigues & Cabral (2002; 2005; [1984-1985] 2011; 2012), Thomason & Kaufman (1988), Dietrich (1990; 2010), Chambers & Trudgill (1998). The obtained results indicate the manifestation of inter and intra-dialectal variation (diatopic and diastratic variations) and reveal the occurrence of linguistic change in process. The conclusion of this work points to an improvement of the linguistic mapping where the constituent dialects of the Kawahib language are inserted in the Tupi-Guarani linguistic family.

Keywords: Indigenous Languages; Kawahib language; Phonology; Languages and Dialects.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Região do interflúvio Madeira -Tapajós	22
FIGURA 2 – Kagwahiva Setentrionais e Meridionais	25
FIGURA 3 – Linhas de movimento dos Kagwahiva	31
FIGURA 4 – Cladograma (SAMPAIO, 2001)	71
FIGURA 5 – Espectrograma de [pɛ'hɛ] ‘vocês’ em Amondawa	85
FIGURA 6 – Espectrograma de [pɛ'ɛ] ‘vocês’ em Amondawa	86
FIGURA 7 – Tipos de Sílabas em Parintintin	103
FIGURA 8 – Espectrograma de [k] em contexto intervocálico em Amondawa	119
FIGURA 9 – Espectrograma de [uɥ] em contexto intervocálico em Tenharim	120
FIGURA 10 – Espectrograma de [uɥ] em contexto intervocálico em Jiahui	120

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Metades exogâmicas dos povos Kagwahiva	27
QUADRO 2 – Grupos em situação de isolamento voluntário (de língua Kawahib)	59
QUADRO 3 – Subconjuntos V e VI	64
QUADRO 4 – Ramos da família Tupi-Guarani	65
QUADRO 5 – Agrupamento geográfico e tipológico das línguas FTG	66
QUADRO 6 – Fones consonantais	74
QUADRO 7 – Fonemas consonantais	74
QUADRO 8 – Ocorrência dos fonemas consonantais na sílaba	97
QUADRO 9 – Fones vocálicos	100
QUADRO 10 – Fonemas vocálicos	100
QUADRO 11 – Segmentos ambivalentes: [w] e [j]	115

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Percentuais de similaridades fonética e fonêmica (SAMPAIO, 1998)	69
TABELA 2 – Percentual de similaridade fonética (SAMPAIO, 2001)	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Amo	povo Amondawa
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CUNPIR	Coordenação da União das Nações e Povos Indígenas de Rondônia
FTG	Família Tupi-Guarani
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPA	Alfabeto Fonético Internacional
ISA	Instituto Socioambiental
Jia	povo Jiahui
OPAN	Operação Amazônia Nativa
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PASS	passado
PCH	Pequena Central Hidrelétrica
PTG	Proto Tupi-Guarani
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
SIL	Summer Institute of Linguistics
SPI	Serviço de Proteção aos Índios
Ten	povo Tenharim
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Nota sobre o uso dos etnônimos: neste trabalho, a grafia dos nomes das etnias e línguas segue, em linhas gerais, as normas definidas em convenção pela 1ª Reunião Brasileira de Antropologia (1953), de modo que tais nomes não sofrem flexão de gênero ou número.

LISTA DE SÍMBOLOS

#	fronteira de palavra
+	juntura de morfema
.	fronteira silábica
→	passa a, transforma-se em
∅	zero, ausência de um elemento
[]	representação fonética
//	representação fonológica
{ }	representação morfológica
()	explicação
~	semelhante à, igual à
'	acento silábico principal
,	acento silábico secundário
V	vogal oral
Ñ	vogal nasal
C	consoante

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
 CAPÍTULO I	
I. POVOS KAGWAHIVA	20
I.1. Contexto sociogeográfico	20
I.1.1. Migração Kagwahiva	27
I.2. Registros Etnográficos	33
I.2.1. Kagwahiva Setentrionais	33
I.2.1.1. Parintintin	36
I.2.1.2. Juma	38
I.2.1.3. Jiahui	40
I.2.1.4. Tenharim	41
I.2.2. Kagwahiva Meridionais	42
I.2.2.1. Tupi-Cawahib ou Tupi do alto rio Machado	46
I.2.2.2. Kagwahiva do rio Capivari	49
I.2.2.3. Karipuna de Rondônia	51
I.2.2.4. Uru-Eu-Wau-Wau ou Jupa'u	54
I.2.2.5. Amondawa	56
I.2.3. Grupos Kagwahiva em situação de isolamento voluntário	58
 CAPÍTULO II	
II. LÍNGUA KAWAHIB	62
II.1. Classificação genética	62
II.2. Registros e Estudos Linguísticos	66
II.3. Fonologia	72
II.3.1. Consoantes	74
II.3.1.1. Obstruintes descontínuas	78
II.3.1.2. Obstruinte contínua	84
II.3.1.3. Soantes nasais	87
II.3.1.4. Soantes orais	90
II.3.2. Vogais Orais e Nasais	100
II.3.3. Tipos de Sílabas	102

CAPÍTULO III

III. ALGUNS PROCESSOS FONOLÓGICOS E MORFOFONOLÓGICOS DA LÍNGUA KAWAHIB

104	104
104	104
104	104
104	105
106	106
106	106
107	111
111	114
115	116
116	121
121	122
122	124
126	127
127	127
127	127
129	
133	
142	

INTRODUÇÃO

O registro e o estudo das línguas indígenas continuam sendo tarefas urgentes da linguística em nosso país, uma vez que grande parte delas está em processo de rápida obsolescência, a caminho da extinção. Como afirma Rodrigues (2002), cada língua indígena brasileira, além de refletir aspectos importantes da visão de mundo desenvolvida pelo povo que a fala, também constitui a única porta de acesso ao conhecimento pleno dessa cosmovisão que só nela é expressa.

Atuando como indigenista em Rondônia e sul do Amazonas, os povos indígenas com os quais tive maior convivência e contato foram os povos de língua Kawahib: Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u), Parintintin, Tenharim e Jiahui. Assim, foi inevitável não se atentar às diferenças dialetais e à situação sociolinguística específica de cada um desses povos, em seus diferentes contextos de contato com a sociedade envolvente.

Através dos estudos linguísticos, fomos conduzidos a um aprofundamento sistemático, obtendo um conhecimento mais acurado do funcionamento da língua Kawahib nos seus dialetos constituintes, destacando suas variações, as diferenças fonéticas, lexicais e morfofonológicas que, no entanto, não comprometem a inteligibilidade entre os povos Kagwahiva, falantes da língua indígena Kawahib¹, pertencente à família Tupi-Guarani, integrada ao tronco Tupi (RODRIGUES, 1986; 2012).

A propósito, podemos encontrar diversos etnônimos referindo-se aos Kagwahiva (povos que falam a língua Kawahib) na literatura etnográfica e linguística, tais como: Tupi-Kagwahiva; Tupi-Kawahib; Tupi-Cawahib; Kagwahiv; Kawahiwa; Kawahib; Kawahyb; Cawahib; Cabahyba; Cawahiva; Cobahiba; Cohaiva; Cavaíbas; Cauhahipe; Cahwahiva; Cauahib; Cauahiba. Muito frequentemente os nomes Parintintin e Boca Negra ou Bocas Pretas referem-se também a esses grupos e povos de língua Kawahib.

As principais fontes, quanto aos estudos etnográficos, são Nimuendajú (1924; 1925; 1948); Menéndez (1981, 1989); Kracke (1984; 1978, 2007) – o qual faz uso do termo *Kagwahiv* – e, mais recentemente, Peggion (2011), que vem utilizando *Kagwahiva*. Essa última designação, inclusive, vem sendo adotada pelo povo Tenharim, pelo menos, em ambiente escolar. Por isso achamos ser o termo Kagwahiva o mais atual e coerente para esta dissertação, quando nos referimos a esses povos.

¹Do ponto de vista fonológico, consideramos aqui tratar-se de uma única língua com suas variações dialetais. Adotamos o termo Kagwahiva quando se refere aos povos Kagwahiva Setentrionais e Meridionais; e Kawahib para a língua materna desses povos.

Os Kagwahiva estão distribuídos na região sul do Estado do Amazonas, e são conhecidos na literatura etnográfica como os Kagwahiva Setentrionais (Tenharim, Parintintin, Jiahui e Juma). Na região central de Rondônia estão os Kagwahiva Meridionais (Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau ou Jupa'u, Karipuna e um único remanescente Kagwahiva do rio Capivari). No noroeste do Estado do Mato Grosso, como também nos Estados de Rondônia e no sul do Amazonas, estão pequenos grupos populacionais de pouco ou sem nenhum contato com a nossa sociedade, mantendo em situação de isolamento voluntário, tendo como língua materna a língua Kawahib.

Conforme os dados do Censo do IBGE (2010), a população total dos povos Kagwahiva (Setentrionais e Meridionais) é inferior a duas mil pessoas. É possível afirmar, de acordo com as fontes historiográficas, que num passado recente os Kagwahiva eram muito mais populosos que seu contingente atual. A depopulação remete também a perdas socioculturais e na manifestação de distintos dialetos dessa língua. O processo histórico de cada um desses povos que constituem os Kagwahiva será apresentado, de maneira breve, no Capítulo I.

São relevantes, para a dialetologia, tanto a distância geográfica entre os Kagwahiva Setentrionais e Meridionais² como seus contextos históricos específicos. Dos povos que atualmente constituem os Kagwahiva Setentrionais e Meridionais, tomamos, como objeto de análise, os dialetos falados pelos Tenharim e Jiahui, representando os Kagwahiva Setentrionais, e Amondawa para os Kagwahiva Meridionais, considerando para essa escolha fatores linguísticos, históricos e sociogeográficos. Estudos linguísticos anteriores sugerem uma diferença dialetal significativa entre Tenharim e Jiahui (análises fonostatística e filogenética), razão pela qual incluímos na pesquisa povos pertencentes à mesma classificação etnográfica (Kagwahiva Setentrionais). Por último, procuramos representar uma visão mais abrangente da língua Kawahib a partir dos seus diferentes dialetos. Acreditamos que, com essa precaução, a interpretação fonológica se torna mais coerente com os dados obtidos em campo junto às comunidades indígenas dos povos anteriormente citados.

Nosso objetivo principal foi esclarecer as relações internas entre os dialetos Tenharim, Jiahui e Amondawa por meio de análise do sistema fonológico e de seu funcionamento do sistema linguístico Kawahib. Quanto aos objetivos específicos, apresentamos uma revisão bibliográfica dos materiais já produzidos sobre essa língua, a sistematização de um léxico comparativo a partir das coletas de dados nos três dialetos já

² Cf. Anexo A - Localização geográfica dos povos Tenharim, Jiahui e Amondawa.

mencionados, consistindo de listas lexicais (organizadas por campos semânticos), de sintagmas nominais de diferentes tipos (com posse pronominal, em composição atributiva, em relação genitiva, etc) e de pequenas orações independentes entre os povos Tenharim, Jiahui e Amondawa o que poderá servir como subsídios para a produção de material didático-pedagógico para as escolas indígenas nas aldeias desses povos onde foi realizada a pesquisa.

A metodologia que sustentou a investigação tem como base a pesquisa bibliográfica e o trabalho de campo, proporcionando um extenso *corpus* a partir de dados de fala destinados ao estudo da estrutura dessa língua. Incluímos pessoas de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias, não elegendo assim um “falante ideal”. Participaram jovens adultos (entre 20 e 40 anos de idade) e também os mais velhos (acima dos 40 anos); homens e mulheres entre os povos Tenharim, Jiahui e Amondawa. Os procedimentos adotados para a coleta de dados se deram através de gravações de sistema digital; por meio de entrevistas informais, seguindo um questionário previamente elaborado e organizado em campos semânticos para entender a estrutura e o funcionamento da língua e dialeto específico; e transcrição fonética em campo, utilizando o IPA (Alfabeto Fonético Internacional), com revisão posterior, quando se mostrou necessário, empregando um software de análise instrumental (PRAAT). Foram realizadas duas etapas para concluir o trabalho de campo: na primeira etapa, houve participantes Tenharim (aldeias Mafuí e Campinho), localizada no sul do Estado do Amazonas, no município de Manicoré/AM e Amondawa (aldeia Trincheira) localizada na região central do Estado de Rondônia, município de Mirante da Serra/RO. Na segunda, para a conclusão da pesquisa *in loco*, contamos com participantes da comunidade da aldeia Ju’i, povo Jiahui, localizada no sul do Estado do Amazonas, no município de Humaitá/AM. Ao todo, foram totalizadas 37 horas de gravação em áudio-digital. Os textos que deram suporte à esta fase da pesquisa foram Dwyer (2007); Sakel & Everett (2012); Macaulay (2004).

Descrevemos a análise dos dados obtidos procurando não os comparar isoladamente, mas determinando o que é específico de cada povo que participou desse trabalho dissertativo. Esse cuidado é relevante para evitar contradições internas na análise do sistema linguístico em questão, mencionando sempre a qual povo se referem os itens lexicais aqui apresentados, onde a fonologia linear foi o modelo teórico escolhido para representar os processos fonológicos e morfofonológicos nos dialetos da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa).

Os fundamentos teóricos para esta análise se baseiam em Rodrigues (1964; 1986); Rodrigues & Cabral (2002; 2005; [1984-1985] 2011; 2012); Trubetzkoy (1969; 1981);

Jakobson ([1931] 2008); ([1958] 2008); Thomason & Kaufman (1988); Dietrich (1990; 2010); Chambers & Trudgill (1998); Campbell (1999; 2012), entre outros.

No Capítulo I é apresentado o contexto sociogeográfico, dados etnográficos, a população e situação linguística dos povos Kagwahiva. Como parte central desse trabalho, nos Capítulos II e III, abordamos a filiação genética, registros e estudos linguísticos anteriores, a análise fonológica da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) e alguns de seus processos fonológicos e morfofonológicos, explicitando as particularidades dialetais. Finalmente, a conclusão deste trabalho aponta para um aprimoramento do mapeamento linguístico onde estão inseridos os dialetos constituintes da língua Kawahib (Ramo VI), na família linguística Tupi-Guarani (RODRIGUES & CABRAL, 2002; 2012).

CAPÍTULO I

I. POVOS KAGWAHIVA

I.1. Contexto sociogeográfico

A região entre os rios Madeira e Tapajós, na Amazônia brasileira, teria sido ocupada, dos séculos XVI ao XVIII, por diversos grupos do tronco linguístico Tupi, a exemplo dos Tupinambarana, que se situavam à margem do rio Amazonas, exatamente entre a foz do Madeira e do Tapajós (CYPRIANO, 2007).

Quanto à origem e expansão de povos do tronco linguístico Tupi, é Martius que, em 1830, apresenta a primeira pesquisa relevante sobre a origem e migração desses grupos. Depois, seguiram-se vários outros estudos trazendo novas contribuições como, por exemplo, que a origem cultural dos tupi está constituída por elementos amazônicos que não se perderam quando esses povos realizaram a dispersão geográfica pelo leste da América do Sul (NOELLI & BROCHADO, 2008, p. 22).

A contiguidade espacial dos tupi, não só nessa região, como também a leste do rio Tapajós, já tinha chamado a atenção de Martius (1867) no século XIX:

[...] existem diversas hordas pertencentes à tribo Tupi que habitavam a vasta área pouco conhecida entre os afluentes do Amazonas, o Tocantins e o Madeira, uma área que atualmente não apresenta povoamento cristão. Essas hordas são mais numerosas na área do alto Tapajós; mas também são encontradas entre 5° e 15° de lat. Sul, tanto nos afluentes do Araguaia e Xingu a leste, como nos do Madeira a oeste. Praticam uma agricultura precária, não sendo, portanto, nômades no sentido estrito da palavra; mas seus assentamentos não ficam sempre no mesmo lugar (Martius, 1867, p. 201 apud MENÉNDEZ, 1989, p. 04-05).

Ainda segundo Martius (1867), os grupos que corresponderiam aos tupi centrais eram formados por: os Apiaká, os Uypá ou Oropia, os “Cahahyba”, Caa-ûva, ou Cayowa, os Mitandue, os Ababa, os Tapirapé, os Pochety, e outros grupos. Nesse amplo território geográfico que Martius (1867) delimitava, abrangendo os rios Madeira, Araguaia e Xingu, a maior concentração desses povos tupi estava na região do alto Tapajós e seus principais afluentes, onde os Apiaká e os Kagwahiva eram considerados “as mais poderosas e guerreiras hordas do tronco” (Martius, 1867, p. 201 apud MENÉNDEZ, 1989, p. 07).

Informações dos primeiros cronistas e viajantes na região da Amazônia brasileira, segundo Bessa Freire (2011), já mencionam uma grande diversidade linguística. Embora se pressupusesse a inexistência de um comércio intertribal, os registros históricos indicam que havia uma rede de trocas, ainda que frágil, mas que ao mesmo tempo proporcionaria

possibilidades de fazer-se entender com a ajuda de intérpretes, ao menos em grande parte dessa região entre o Madeira e o Tapajós. “É possível, portanto, que existisse, mesmo em estado embrionário, um processo de formação de língua franca antes mesmo da chegada do europeu” (BESSA FREIRE, 2011, p. 118).

Galvão (1979) afirma que a região interfluvial Madeira-Tapajós, na Amazônia Meridional, também é uma área cultural predominantemente tupi e onde os grupos de língua Kawahib estão localizados. O interflúvio Tapajós-Madeira é uma área cultural indígena integrada por “[...] duas sub-áreas, formada uma pelas chamadas tribos Kawahyb, outra pelos Mundurukú. Os Maués a noroeste da área parecem estar ligados a estes últimos. Todos de fala Tupi” (GALVÃO, 1979, p. 205). É muito provável que as relações que os Tupinambá mantinham com outros grupos sejam responsáveis por uma tupinização dos Munduruku e Mawé (MENÉNDEZ, 1992, p. 290).

Velden (2010) destaca que a região denominada de “Grande Rondônia” – que corresponde ao atual Estado de Rondônia, o noroeste do Mato Grosso, o sul do Amazonas e oriente boliviano – apresenta uma notável diversidade de populações indígenas falantes de línguas de várias famílias do tronco Tupi (Tupi-Guarani, Arikém, Ramarama, Puruborá, Mondé, Munduruku, Tupari e Mawé). Esta imensa área da geografia amazônica ainda deve ser melhor estudada, uma vez que se trata de um conjunto de línguas das terras baixas sul-americanas poucas descritas e, inclusive, ameaçadas de desaparecimento pelo violento processo de colonização.

A importância dos estudos linguísticos na “Grande Rondônia”, a qual representa uma das zonas de crucial importância, não só por ser o limite ocidental da área transicional Cerrado-Amazônia, mas por apresentar, uma notável diversidade cultural e linguística em um território relativamente restrito, conforme Velden (2010), pode em muito contribuir para a compreensão sobre as interações entre os povos que aí vivem. Como exemplo, um avanço das pesquisas nessa região permitirá

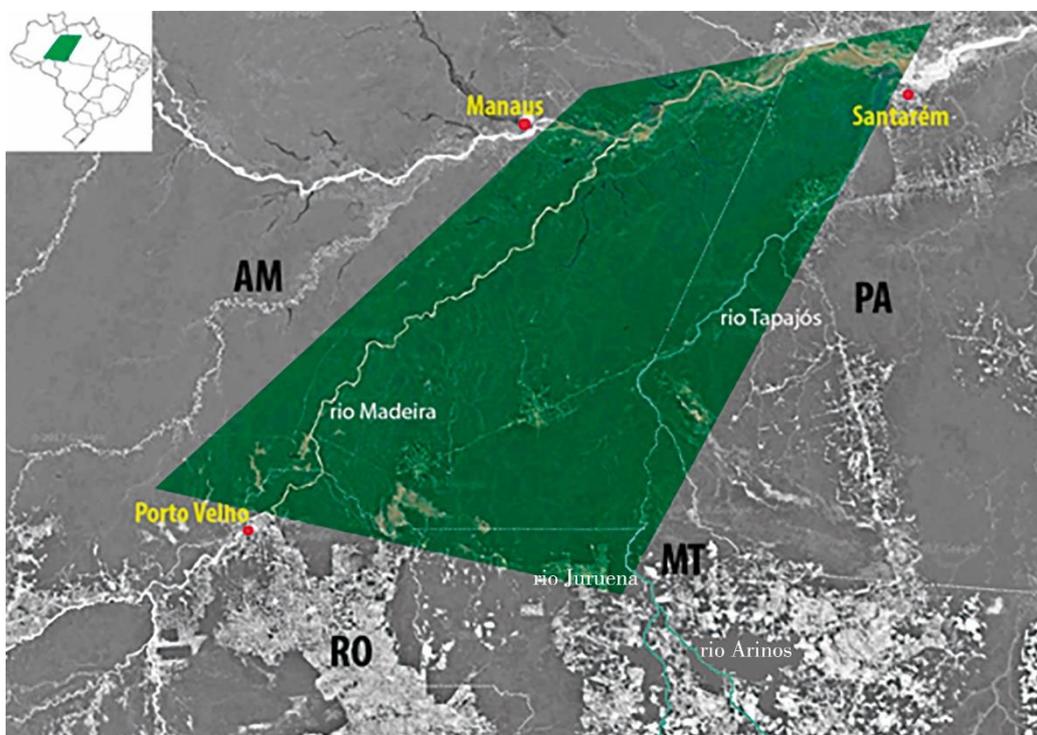
“[...] o entendimento das articulações entre as culturas Amazônicas e as Centro-Brasileiras, ou, em outros termos, entre os povos de língua Tupi e aqueles pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê. Nesse sentido, estamos sugerindo concentrar esforços nesta área que é o limite ocidental da área transicional Cerrado-Amazônia [...]” (VELDEN, 2010, p. 131).

A existência de dezenas de sociedades distintas, falando línguas de várias famílias linguísticas muito diversas, faz dos estudos linguísticos e antropológicos dessa região dos afluentes meridionais do rio Madeira uma relevância particular, uma vez que a região concentra grande número de culturas e línguas do tronco Tupi, onde alguns estudos

consideram Rondônia o centro de origem e dispersão das diferentes famílias linguísticas Tupi (RODRIGUES, 1964). Já Ramirez (2010) faz sua classificação nomeando a área entre os rios Purus e o Tapajós como “Grande Madeira” e apresenta uma revisão da literatura que se refere aos etnônimos e à cartografia do Rio Madeira, entre Brasil e Bolívia.

Para a segunda metade do século XIX, as fontes para o rio Madeira se referem quase exclusivamente aos Mura, Parintintin (Kagwahiva), Munduruku, Arara e Torá no curso baixo e médio desse rio, “indicando as frequentes hostilidades que esses grupos mantinham entre si e com o branco” (MENÉNDEZ, 1992, p. 287). Com isto, a diferença linguística encontra correspondência também em outros setores da cultura. Do ponto de vista da distribuição dos Tupi-Guarani, pelo menos dois dos atuais remanescentes tupi do alto Tapajós considerados “tupi centrais”, os Apiaká e os grupos Kagwahiva, apresentam em meados do século XVIII, uma longa ocupação dos seus territórios nos rios Juruena e Arinos (norte do Estado do Mato Grosso). Isso pode ser deduzido a partir da adaptação ao meio ambiente circundante, o que foi registrado nas observações dos viajantes que percorreram a região (cf. Anônimo, 1900; Castro e França, 1868 apud MENÉNDEZ, 1989, p. 10).

FIGURA 1: Região do interflúvio Madeira-Tapajós



FONTE: Google^{BR} (com adaptações do autor)

Ribeiro (1995) afirma que os grupos indígenas do tronco Tupi nunca formaram uma organização política homogênea, apesar de manterem uma unidade linguística e cultural. E isso relaciona-se muito bem com a constituição dos povos Kagwahiva Setentrionais e Meridionais. Cada grupo, ao aumentar seu contingente populacional, dividia-se em novas entidades autônomas que, afastando-se umas das outras, se tornavam mais diferenciadas e hostis (RIBEIRO, 1995, p. 32-33). Os tupis históricos – grupos que no século XVIII entram em contato, no alto Tapajós, com o não-indígena – possuíam uma economia baseada, particularmente, em uma agricultura itinerante bem desenvolvida (MENÉNDEZ, 1989).

O território entre o Madeira e o Tapajós pode ser considerado como uma macro-região que encerra diferentes ambientes naturais, banhados pelos afluentes orientais do Madeira, os tributários meridionais do médio Amazonas e praticamente toda a bacia do rio Tapajós, incluindo os rios Juruena e Arinos (MENÉNDEZ, 1989).

Com Menéndez (1989) retoma a hipótese de que povos tupi, como habitantes do interior do continente, haviam sido deslocados para o litoral atlântico. Os que atingiram o litoral foram lá conhecidos por nomes distintos, e guardavam suas diferenças; havia os propriamente "tupi" (em S. Vicente), os Tupinambá, os Tupinaé, os Tupiniquim, os Tobajara, os Potiguara e, no Sul, os Carijó. Mais tarde, alguns desses grupos retornariam para o interior, fugindo do contato com o “homem civilizado”. O que faz de muitos dos tupi setecentistas e oitocentistas, por exemplo, remanescentes dos Tupinambá. Para Kracke (1978) – e por meio da linguística histórica – este seria o caso dos povos Kagwahiva Setentrionais e Meridionais.

Estudos mais recentes demonstram que as bacias do baixo Tocantins e Xingu já estavam amplamente ocupadas no final do primeiro milênio d.C, por grupos falantes de línguas da família linguística Tupi-Guarani, ou seja, muito antes da conquista europeia. Informações mais acuradas, contando com classificações arqueológicas e linguísticas, são dadas por Almeida & Neves (2015).

Verifica-se, desta forma, um padrão arqueológico no sudeste da Amazônia marcado pela combinação entre variabilidade material e profundidade cronológica, o que é compatível com os dados linguísticos. Segundo Mello e Kneip (2006) nos estudos sobre origem e dispersão das línguas tupi, a maioria dos linguistas trabalhou com hipóteses referentes à área com a maioria de subgrupos do tronco Tupi, e não com o local com maior variabilidade linguística na família Tupi-Guarani. Assim, enquanto a bacia do alto Madeira só tem um grupo falante de línguas tupi-guarani (os Kawahib), o baixo Tocantins tem 14, agrupados em quatro grandes subgrupos Tupi-Guarani, com uma história milenar de ocupação (Rodrigues, 1984/1985). [...] Resta também estabelecer quais foram as rotas de expansão dos Guarani a partir deste suposto centro de origem (ALMEIDA & NEVES, 2015, p. 515-516).

Registros do século XVIII, com referência aos Kagwahiva e Apiaká, estão diretamente relacionados à frente expansionista decorrente da ocupação do norte do Estado do Mato Grosso.

Até meados do século XIX, Kagwahiva e Apiaká “[...] formavam, na região dos rios Juruena e Arinos - alto rio Tapajós -, um bloco contínuo ao qual é necessário creditar uma unidade histórica e cultural: cronistas e viajantes dos séculos XVIII e XIX são unânimes em descrever estes povos sendo semelhantes” (MENÉNDEZ, 1989, p. 06). Essa localização permite identificá-los como “Reyno da Lingoa Geral” registrado pela documentação do século XVIII (Ferreira, 1752 apud MENÉNDEZ, 1989).

Nenhuma das fontes documentais dos séculos XVIII e XIX permite ter uma ideia clara do grupo linguístico Kawahib, a não ser se considerarmos os registros dos cronistas, como “os Cabaivas que cultivam plantações consideráveis...”, que apresentam um contingente populacional elevado (MENÉNDEZ, 1989).

Os povos Kagwahiva³, situados na Amazônia Meridional, segundo Peggion (2011), não podem ser qualificados como

[...] unidades absolutas (substanciais e definitivas), ou seja, como sociedades. Desde os primeiros documentos do extinto Serviço de Proteção aos Índios – SPI é notável o registro da instabilidade na constituição desses grupos como povos, que passaram a conformar unidades mais constantes após o contato e o estabelecimento dos chamados Postos de Pacificação (PEGGION, 2011, p. 25).

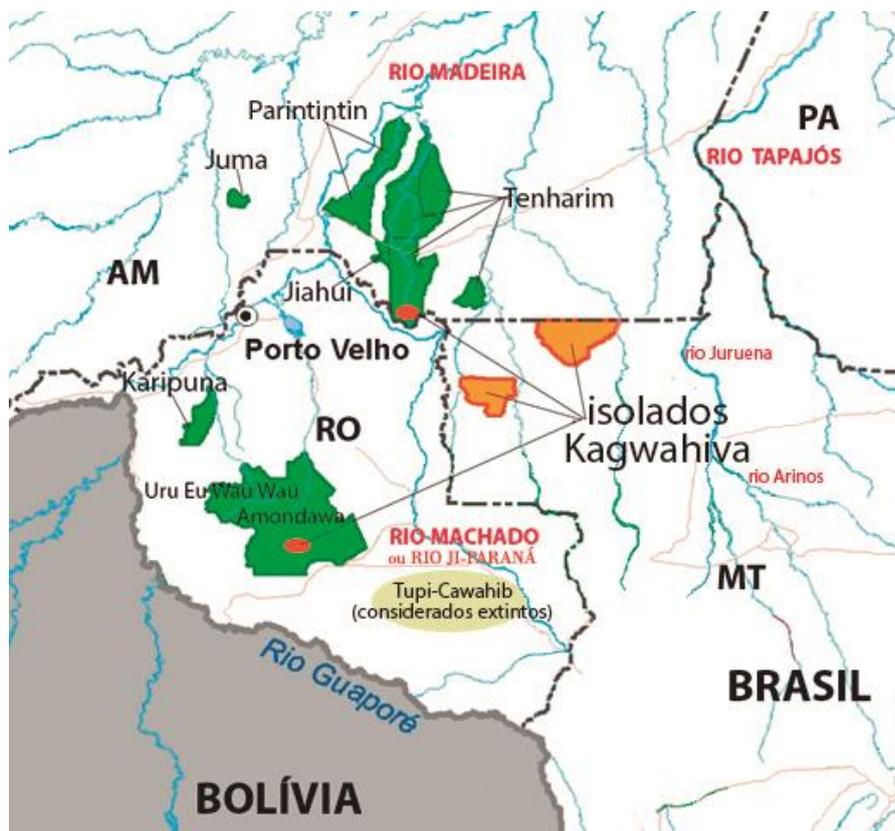
Os Kagwahiva constituem uma série de unidades sociais em que os critérios de pertencimento que esse complexo cultural reedita estão em sintonia com uma questão que a geografia vem discutindo em várias partes do mundo: a relação entre identidade e territorialidade (Almeida Silva, 2010, p. 45-46, 75-81 apud AGUILAR, 2015, p. 27). A identidade cultural, histórica e linguística cria um elo parental muito mais próximo entre os Kagwahiva Setentrionais e Meridionais do que os demais povos indígenas de línguas e culturas diferentes, embora estes também se mantêm dentro da denominação identitária como “kagwahiva” (indígena). Vale lembrar que “kagwahiva” não é autodenominação desses grupos ou povos, e sim um termo que se opõe ao “tapy’yña” [tapi’ɣɨɲa], ao “não-indígena”. Cada um dos povos constituintes dos Kagwahiva Setentrionais e Meridionais afirma sua própria autodenominação, mantendo a mesma língua, representada por seus dialetos próprios.

³ Seguimos aqui a proposta de Kracke (2007, p. 27) para a classificação dos Kagwahiva Setentrionais e Meridionais. Outros estudos consideram todo o Ramo VI, da família linguística Tupi-Guarani, como sendo o Complexo Linguístico e Cultural Kagwahiva (RODRIGUES & CABRAL, 2002; 2012; AGUILAR, 2015).

Como aponta Kracke (2007), existem pelo menos onze ou doze grupos que se identificam ao conjunto Kagwahiva, de língua Kawahib, todos situados no vale do médio e alto rio Madeira (sul do Estado do Amazonas e na região central e norte do Estado de Rondônia), embora alguns grupos se encontrem incorporados aos Parintintin e aos Tenharim. Não há dúvidas que “Todos esses grupos falam dialetos da mesma língua e partilham do mesmo sistema de metades exogâmicas patrilineares” (KRACKE, 2007, p. 23-24). Interessante notar que, entre os povos do tronco Tupi, somente os Kagwahiva e os Tapirapé apresentam duas metades exogâmicas na sua morfologia social (MENÉNDEZ, 1989; KRACKE, 1984).

Os agentes e auxiliares do Serviço de Proteção aos Índios – SPI é que observaram a diversidade desses grupos de língua Kawahib na região do rio Madeira, chegando a registrar em seus relatos, na época, cerca de oito povos diferentes, falantes de uma mesma língua (FREITAS, 1930, p. 7 – 8).

FIGURA 2: Kagwahiva Setentrionais e Meridionais
(Fonte para organização do mapa: FUNAI, ISA)



■ Kagwahiva Setentrionais e Meridionais (cf. KRACKE, 2007)

Os Kagwahiva distribuem-se em duas áreas: a do médio rio Madeira, ao sul do Estado do Amazonas (Kagwahiva Setentrionais: Tenharim, Parintintin, Jiahui e Juma) e

região centro-oeste de Rondônia (Kagwahiva Meridionais: Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau ou Jupa'u e Karipuna), conforme Kracke (2007, p. 23-27).

Os Tenharim, Parintintin, Jiahui, Juma, Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u), Amondawa e os Karipuna falam dialetos diferentes da língua Kawahib, família linguística Tupi-Guarani (RODRIGUES, 1986, p. 39) e estão concentrados em uma mesma região do país, a Amazônia Meridional⁴. De acordo com Brunelli (1986), estes grupos compartilham entre si a mesma cultura material, visão de mundo, estrutura social, modo de subsistência e praticamente todos os outros aspectos da vida (Brunelli, 1986b, p. 21 apud MENÉNDEZ, 1989, p. 139-140).

Sempre houve entre estes grupos domésticos uniões e rupturas. O que trazem em comum são a língua, a organização social e o parentesco, dentre outras coisas (PEGGION, 2011). Todo Kagwahiva pertence pelo nascimento e de modo vitalício a uma das duas metades exogâmicas, o que faz determinar o domínio da pessoa no interior do grupo local, como descendência, casamento, grupo de residência, grupo de trabalho, etc (MENÉNDEZ, 1989, p. 8). Laraia (1986) também argumenta que esse sistema de organização social constituído por metades exogâmicas, como a dos povos Kagwahiva, consistiria uma anomalia no conjunto de sistemas de relações do tronco linguístico Tupi.

Existe na etnologia brasileira uma tradição em considerar os Tupi como desprovidos de grupos de descendência unilineares, isto é, instituições como clã, fratrias ou metades seriam completamente desconhecidas das sociedades Tupi. Assim, qualquer vestígio de segmentação, por acaso encontrado, é considerado como tomado de empréstimo às tribos Jê implicando na aceitação de um prolongado contato intertribal (...)" (Laraia, 1986, p. 113 apud MENÉNDEZ, 1989, p. 137).

Esses empréstimos adquiridos pelos Tupi – entre eles os Kagwahiva – dos grupos Jê poderão ser objeto de estudos futuros.

Kracke (1984; 2007) reafirma que o conceito de metades exogâmicas Kagwahiva, como marcador histórico, é único entre os Tupi-Guarani. Considera esse sistema como um enxerto recente na organização social desta sociedade, cuja aquisição, pode ter ocorrido no século XIX, durante o processo de desintegração desses grupos de língua Kawahib quando migraram para a região do rio Madeira, provocando uma mudança na estrutura social dessa sociedade⁵. Esse sistema não se fundamenta em uma explicação mítica, o que constitui mais

⁴É preciso lembrar que há povos isolados ou de pouco contato de língua Kawahib nos Estados do Amazonas, Rondônia e Mato Grosso.

⁵ "Sem dúvida os Cawahiva no século XIX tiveram contato com os seus vizinhos Rikbaksá e é bem possível que tenham incorporado o sistema de metades exogâmicas, ou por imitação, ou através de um intercâmbio matrimonial" (KRACKE, 2007, p. 26).

um elemento para reforçar sua hipótese de uma aquisição recente, concluindo que ele possui o caráter de uma “forma sem função” (KRACKE, 1984).

Nenhum elemento de tamanha importância é integrado, senão existir já ressonância no interior da própria cultura. Foi, sem dúvida, a “práxis” da sociedade Kawahiwa em um determinado ambiente, que forneceu os elementos necessários para que essa visão-de-mundo se tornasse estrutura social (MENÉNDEZ, 1989, p. 146).

O sistema de metades exogâmicas patrilineares, fortemente enraizado na organização social, não existe em nenhuma outra cultura da família Tupi-Guarani. O sistema de metades exogâmicas e a divergência de dialetos entre os Kagwahiva podem configurar-se um marcador histórico (KRACKE, 2007, p. 24).

QUADRO 1: Metades exogâmicas dos povos Kagwahiva⁶

Parintintin		Tenharim/Jiahui/Juma		Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u) / Amondawa		Karipuna		Capivari	
mutum	kwandu (gavião)	mutum	taravé (maracanã)	mutum	Arara	mutum	tucano	mutum	urubu-rei (?)

I.1.1. Migração Kagwahiva

O conhecimento da rota migratória dos povos e grupos Kagwahiva advém das obras e registros de Martius (1867), Nimuendajú (1924; 1948), Menéndez (1981; 1989; 1992), Kracke (2007), Peggion (2011), dentre outros. Podemos obter, nessas fontes, informações sobre a origem e deslocamentos até a localização atual desses povos de língua Kawahib (Tupi-Guarani).

De acordo com a reconstituição histórica de Menéndez (1981; 1989), ao final do século XVII antes, portanto, do avanço dos colonizadores para o interior do território brasileiro, na imensa área entre os rios Madeira e Tapajós vigora uma rede de relações intrincada, que liga, por meio da guerra e das trocas, povos do tronco Tupi e alguns do tronco Macro-Jê, organizados em pequenos grupos com alto grau de mobilidade espacial.

Os primeiros registros que fazem citações aos povos tupi da região amazônica datam do final do século XVII. Outras informações surgem ao longo do século XIX quando

⁶ A constituição do Quadro 1 está de acordo com as informações obtidas durante minha pesquisa de campo. Para um estudo mais sistemático referente a etnografia Kagwahiva, incluindo a constituição das metades exogâmicas e formação social, ver: Kracke (1978; 1984; 2007); Menéndez (1981; 1989); Peggion (2011).

ocorrem referências aos grupos Munduruku, Apiaká, Mawé e Kagwahiva sendo preponderantes na região caracterizada como território Madeira-Tapajós (MENÉNDEZ, 1992). “Um artigo do jornal *Telégrafo Paraense* (1829) relaciona como habitando o Madeira: Mura, Arara, Marupo, Pama, Unupa, Tucuna, Manu, Cauripuru, Sapupe, Turocu, Caripea, Mane, Mundurucu, Parintintin [Kagwahiva], todos arredios” (MENÉNDEZ, 1992, p. 286).

Os grupos tupi de língua Kawahib são localizados em 1750 na região do curso superior do rio Juruena, Estado do Mato Grosso, junto com os Apiaká e outros povos indígenas. Constituíam aqueles “reinos que vão ao fim do mundo” do imaginário da frente de expansão que chega, nesse período, ao Mato Grosso em busca de ouro. Até então, essa região era desconhecida das frentes de expansão, permanecia “terra incógnita” ainda em fins do século XIX. Logo depois, essa área foi vasculhada pela frente mineradora que, desde Cuiabá avançava para o norte à procura de novas minas de ouro, o que pode ter provocado o início do processo migratório – ou diaspórico – dos Kagwahiva. Também a guerra destes com os Munduruku foi assinalada como causa de deslocamento dessa região para as margens do rio Madeira (NIMUENDAJÚ, 1924, p. 207-208). Entretanto, é difícil fazer qualquer afirmação mais assertiva sobre esse período, pois os fatores propulsores dessa migração são muito complexos e se ligam a uma dinâmica relação entre os povos na região interfluvial Madeira-Tapajós (MENÉNDEZ, 1989, p. 38-47).

Em 1797, os Kagwahiva já são localizados pouco abaixo da confluência dos rios Arinos com o Juruena, onde também habitavam os Apiaká (Serra, 1844, p. 195 apud MENÉNDEZ, 1989, p. 39). A última vez que grupos populacionais Kagwahiva foram localizados nessa região foi em meados do século XIX. Eles aparecem nas anotações de Castelnau (1850 II, p. 313 apud MENÉNDEZ, 1989, p. 39) como “possuindo ‘plantações consideráveis’ e em contínuas lutas com os Apiaká, pelos quais foram empurrados do rio do Sangue para as margens do rio Juruena” (MENÉNDEZ, 1989, p. 39).

Gondim (1925) menciona que,

Na região do Tapajós habitou antigamente uma grande nação indígena, conhecida pela denominação de Cauahib. Era notável pelas suas tradições belicosas, tendo vivido em contínuas lutas com algumas tribos vizinhas, inclusive a dos seus parentes Apiacás (GONDIM, 1925, p. 5).

O processo de transferência desde a região do alto Tapajós envolve toda uma dinâmica de migração e com Menéndez (1981; 1989; 1992) e Kracke (2007) temos essa discussão explanada sistematicamente. Para Kracke (2007) o grupo ancestral “Cauahib” foi expulso da confluência Arinos-Juruena no início do século XIX, fugindo para o oeste até

chegar ao vale do rio Madeira e do Machado⁷. Isso explicaria a presença do Kagwahiva Setentrionais e Meridionais onde atualmente vivem.

Essa migração implica no contato com toda uma população indígena que já estava aí localizada, praticamente desconhecida até a segunda metade do século XX e que, na sua maioria pertence à família Linguística Tupi-Guarani, os quais, nos últimos duzentos anos entraram, paulatinamente, em contato com os não indígenas (MENÉNDEZ, 1989, p. 02-04).

Menéndez (1992) recorda que a ocupação efetiva pelo não indígena no vasto território que medeia os rios Madeira e Tapajós se completa efetivamente somente no século XX (entre 1950 e 1970), embora um processo lento e gradual para essa ocupação já acontecia desde o século XVII (MENÉNDEZ, 1992, p. 281).

É provável que houve uma expansão dos Munduruku, de certos grupos Tupi-Guarani (Juma, Parintintin, Apiaká, Kayabi), dos Arara do Aripuanã e dos Rikbaktsa para o sul ou o sudoeste, como argumenta Ramirez (2010).

Esta expansão teria deslocado vários grupos tupi que se encontravam no caminho dos invasores para o atual estado de Rondônia. Isso explicaria a diversidade linguística que encontramos hoje entre o Machado e o Guaporé. Na falta de dados escritos, pensamos que um estudo pormenorizado dos empréstimos linguísticos e uma arqueologia focalizada nos séculos XVI-XIX, com excavações bem executadas e localizadas entre o Aripuanã e o Juruena, poderiam fornecer informações valiosas sobre o alcance dessas expansões e migrações (RAMIREZ, 2010, p. 184).

A história dos povos Kagwahiva acontece primeiramente num momento anterior a qualquer situação de contato com o não-indígena, isso ainda na região do alto Tapajós, onde seus vizinhos eram integrantes dos diversos grupos do tronco Tupi, relatados como os “tupi centrais”. No entanto, na região do rio Madeira já se constatava importantes movimentos migratórios históricos.

Através dos registros, verifica-se que tanto para Nimuendajú (1924; 1948) como também para Lévi-Strauss (1948), os grupos de língua Kawahib teriam se distanciados da confluência dos rios Arinos e Juruena (Estado do Mato Grosso), região do alto rio Tapajós no início do século XIX, devido aos conflitos com os Munduruku, os quais foram empurrados ainda pela instauração do primeiro ciclo da borracha, fazendo deslocar os Kagwahiva para o rio Branco, afluente do rio Roosevelt, e daí espalhando-se para o rio Machado (ou Ji-Paraná), para o rio Marmelos e outros afluentes do rio Madeira (MENÉNDEZ, 1989; 1992).

⁷ O rio Machado também recebe o nome de Ji-Paraná e percorre todo o Estado de Rondônia, de sul a norte, sendo um afluente do rio Madeira.

Vários outros grupos desses Kagwahiva Setentrionais que ocupavam a área do médio rio Madeira – os Pai'ĩ, os Kutipã'i'ĩ, os Apeirandé, mencionado por Nimuendajú (1924) – estão dizimados ou mesmo extintos como povos indígenas e seus poucos membros sobreviventes fundiram-se entre os Parintintin e os Tenharim (KRACKE, 2007; PEGGION, 2011).

Os Kagwahiva Setentrionais estão na região dos afluentes da margem direita do rio Madeira: nas proximidades do rio Maici (onde se localizam os atuais Parintintin); do rio Marmelos (o povo Tenharim); no interflúvio Maici-Marmelos estão os Jiahui. O único grupo Kagwahiva que se encontra à esquerda do rio Madeira é o povo Juma. Mais ao sul, já no Estado de Rondônia, nos afluentes do médio e alto rio Machado – um dos principais afluentes do Madeira – se localizam os Kagwahiva Meridionais: Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau ou Jupa'u, Karipuna e o único remanescente de um grupo conhecido como Kagwahiva do rio Capivari⁸.

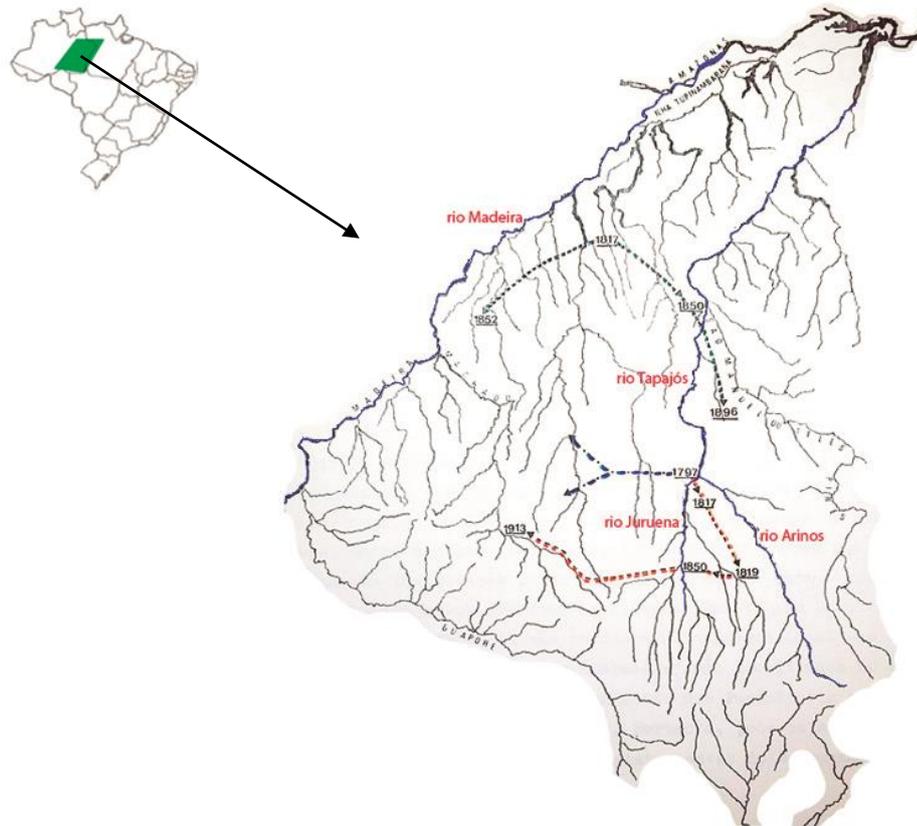
Para Ramirez (2006), as invasões nos territórios indígenas e as migrações destes povos parecem ter sido bastante numerosas, algumas ainda recentes, se mantendo na memória oral de certos grupos. “Quando essas movimentações já se apagaram da memória tribal, o pesquisador encontra raramente um documento histórico que possa comprová-las. [...]. É justamente nesse ponto que o estudo dos empréstimos linguísticos se faz necessário” (RAMIREZ, 2006, p. 7-8).

Há uma discussão vigente a respeito dos pontos de vista de Nimuendajú (1948) e de Menéndez (1981; 1989; 1992) sobre o processo migratório dos Kagwahiva. Nimuendajú (1948) apresenta sua hipótese sobre o movimento dos Kagwahiva afirmando que, por volta de 1750, teriam sido expulsos da bacia do rio Cururu, um afluente da margem direita do alto Tapajós, pelos Munduruku, o que os obrigou a dividir-se em seis grupos independentes, localizados entre o Madeira e o Teles Pires, atual rio São Manuel (NIMUENDAJÚ, 1948).

Para Menéndez (1981; 1989; 1992), a migração Kagwahiva teria iniciado na área do baixo Madeira-Tapajós, afirmando que “é difícil aceitar, como quer Nimuendajú, que os Kawahiva do rio Machado e os Parintintin do Marmelos, sejam o mesmo grupo quanto a sua procedência e a um passado imediato comum” (MENÉNDEZ, 1981, p.128).

⁸ Nos referimos ao senhor Pitanga Capivari, um homem de 95 anos de idade, que é fluente em sua língua materna (Kawahib) e atualmente vive entre o povo Karitiana (povo de língua Tupi-Arikém), na T.I. Karitiana, município de Porto Velho/RO.

FIGURA 3: Linhas de movimento dos Kagwahiva



Linhas de movimento dos Parintintin e Kawahiwa.
 As datas indicam o local aproximado em que são registrados pelas fontes.

- Parintintin
- Kawahiwa
- Proposta por Nimuendajú em 1946

FONTE: MENÉNDEZ, 1981, p. 123.

Nimuendajú (1924) argumenta que os Parintintin (povo pertencente aos Kagwahiva Setentrionais) e os Tupi do Machado (povos Kagwahiva Meridionais) são os fragmentos da antiga tribo *cabahybas* (Kagwahiva) do Alto Tapajós, mencionada no fim do século XVIII, mas que, mais tarde, desaparece daquela região. Esses deslocamentos frequentes caracterizam os grupos Tupi Amazônicos (Kracke, 2007). E, nessa dinâmica, os Kagwahiva passam por mudanças em sua composição populacional na medida em que fazem-se mudar de lugar: ora se juntam em maiores grupos, ora grupos se separam. Dinâmica que segue sempre atual, inclusive dentro de um mesmo povo, o que resulta em formação de novas aldeias.

Ramirez (2010) faz lembrar que outro artigo de Nimuendajú (1948, p. 283-285) repete os mesmos argumentos, mas não apresenta mais os dados de Martius. “[...] devemos

alertar o leitor que a omissão desses dados é extremamente grave porque Martius justamente proporcionava dados que resolviam este quebra-cabeça, abrindo o caminho para mostrar que os *Parintintin* e os *Kawahib* deviam ser tribos diferentes” (RAMIREZ, 2010, p. 198).

Um levantamento linguístico, sistemático e mais profundo, sobre essa região da Amazônia Meridional acerca desses povos inseridos na família linguística Tupi-Guarani poderá lançar luzes a essas indagações sobre os processos migratórios desses grupos, inserindo aí os povos Kagwahiva.

Em meados do século XIX, com a aproximação da frente mineradora e extrativista (drogas do sertão e da borracha) ocasionando forte pressão sobre as populações indígenas do norte do Estado do Mato Grosso e das margens dos rios Amazonas, Madeira e Tapajós, a ocupação dos Kagwahiva na região do alto Madeira se deu à custa da extinção dos povos que aí estavam anteriormente localizados (MENÉNDEZ, 1989).

O registro simultâneo de representantes Kawahiwa no Tapajós e no Madeira é indicador de que a migração, levando em consideração as causas acima apontadas, se processou em movimentos lentos, pelos quais, segmentos desta sociedade foram adquirindo nova distribuição espacial. (...) Um outro relato, que também pode ser associado à fundação da etnia, sugere, além de uma movimentação em massa no sentido em que se deu a migração geral (leste – oeste/ rio Juruena-rio Madeira), uma mudança de ambiente natural, pela qual, pelo menos uma parte dos Kawahiwa teria deixado para trás uma região de campos, que se encontra ao sul e a leste da área, para passar a viver na floresta (MENÉNDEZ, 1989, p. 62-65).

É inevitável, diante de tais correntes migratórias opostas, apertadas umas contra as outras, que estes povos terminassem em conflitos, sobreposições, imbricações e reacomodações. Aos que recusam contato, algumas vezes dissidentes, só lhes resta o refúgio dos altos rios – a exemplo dos Kagwahiva Meridionais (LEONEL, 1995).

Os Kagwahiva Meridionais estão situados na região centro-oeste do Estado de Rondônia. São os Uru-Eu-Wau-Wau (ou Jupa’u), os Amondawa e os Karipuna que, “Além da grande proximidade geográfica e linguística com os Kagwahiva Setentrionais, esses grupos partilham elementos comuns na organização social” (PEGGION, 2011, p. 27). Há também registros de um conjunto de povos Kagwahiva Meridionais que habitava a região do alto rio Machado: os “Tupi-Cawahib” ou “Tupí do Machado” mencionado por Nimuendajú (1924; [1927] 1955); Comissão Rondon (1907-1915) e Lévi-Strauss (1948; [1938] 1958). Conforme Lévi-Strauss (1948) esses grupos de língua Kawahib do alto Machado, no atual Estado de Rondônia, tiveram um rápido declínio populacional desde que foram encontrados pela Comissão Marechal Rondon, entre os anos de 1914 e 1915. Atualmente, são considerados extintos desde a segunda metade do século XX.

No item subsequente, abordamos as especificidades desses grupos que formam os povos Kagwahiva Setentrionais e Meridionais, que falam dialetos de uma mesma língua: a língua Kawahib (Tupi-Guarani).

I.2. Registros Etnográficos

Apresentamos os registros etnográficos referentes aos povos indígenas classificados como Kagwahiva Setentrionais (Parintintin, Juma, Jiahui e Tenharim); Kagwahiva Meridionais (Tupi-Cawahib ou Tupi do alto rio Machado, Kagwahiva do rio Capivari, Karipuna de Rondônia, Uru-Eu-Wau-Wau ou Jupa'u e Amondawa) e grupos Kagwahiva em situação de isolamento voluntário.

I.2.1. Kagwahiva Setentrionais

Após um período marcado por intensas movimentações pelo território amazônico, os Kagwahiva Setentrionais fixaram-se na área localizada entre os rios Maici e Marmelos, afluentes do rio Madeira (MENÉNDEZ, 1981, p. 360). No início do século XX é quando houve o contato “formal” desses grupos com a sociedade nacional brasileira. A resistência ao contato dos Kagwahiva durou pelo menos 70 anos até a ação do SPI e a instalação definitiva de colocações de seringueiros na região. A ocupação dos seringueiros, de fato, já acontecia dentro dos territórios Kagwahiva antes mesmo do contato oficial, o que ocasionava contínuos conflitos com esses povos. A região foi sendo gradativamente tomada também por caucheiros e extratores de produtos nativos (PEGGION, 2011).

Tentativas da pacificação foram iniciadas em 1916, pela Comissão Rondon, que havia mandado à região do Madeira o capitão João Portatil da Silva, com os elementos necessários, “não tendo este heroe logrado êxito, porque, quando fazia os seus reconhecimentos, através da floresta, foi colhido por uma pertinaz enfermidade, que obrigou a recuar do espinhoso objetivo” (GONDIM, 1925, p. 20).

Com Curt Nimuendajú (1883-1945), a serviço do SPI, ocorre a “pacificação” de pelo menos um desses grupos Kagwahiva Setentrionais: os Parintintin⁹, nas proximidades do rio Maici (afluente do rio Marmelos, sendo este afluente do rio Madeira), em 1922. O contato abriu, definitivamente, as portas para a presença permanente do não-indígena nos territórios ocupados tradicionalmente pelos grupos Kagwahiva Setentrionais, de modo que nos anos

⁹ Darcy Ribeiro descreve a “pacificação dos Parintintin” por Nimuendajú: Ribeiro, 1985, p. 149-158.

seguintes à pacificação, os seringalistas de Humaitá/AM foram tomando conta dos seringais e castanhais nos arredores dos rios Maici e Marmelos (MENÉNDEZ, 1989, p. 84). Os territórios tradicionais dos Kagwahiva do médio Madeira foram disputados por longos anos entre famílias de grandes seringalistas do município de Humaitá/AM daquela época.

Para Nimuendajú os Kagwahiva Setentrionais seriam descendentes da antiga nação dos “Cabahibas” que, ao migrar do alto Tapajós para o oeste, acabou dividindo-se em diversos segmentos (NIMUENDAJÚ, 1924, p. 207-208). Foram considerados, até o ano de 1922, como um grupo único, isolado e hostil. Posteriormente, documentos indigenistas foram apontando diferenças internas entre esses grupos. Todos os dados obtidos, tanto na documentação histórica como etnográfica, permitem afirmar que constituíam uma série de unidades sociais territorialmente localizadas, que reconheciam esse etnônimo como autodenominação. No entanto, nem mesmo as linguistas do Summer Institute of Linguistics – SIL, que estiveram atuando diretamente com os grupos locais Parintintin e Tenharim, não precisaram este termo, registrando apenas no dicionário Parintintin: “Kagwahiv s: termo geral para os indígenas, especialmente os Parintintin e seus parentes; este termo exclui os Mura-Pirahã” (BETTS, 1981, p. 74). Essa questão de identificação não é satisfatória, pois cada grupo possui sua própria autodenominação, cabendo ao termo Kagwahiva um significado que se opõe ao termo exógeno (o não-indígena), o que indica que algumas questões ainda devam ser melhor discutidas¹⁰.

As relações entre estes grupos à época do contato, estavam marcadas por uma forte rivalidade que frequentemente finalizava em ataques guerreiros, embora se possa dizer que esses confrontos não procuravam o extermínio e sim, o controle territorial, destinados a preservar as fronteiras do território do grupo (MENÉNDEZ, 1989, p. 76).

As metades exogâmicas para os grupos Kagwahiva Setentrionais, cuja designação adotada foi o nome de duas aves (cf. Quadro 1), oferecem sustentação à toda visão de mundo, particularmente nas relações de parentesco, apesar das profundas transformações sofridas ao padrão de assentamento Kagwahiva. A exogamia interna do grupo local, permitida pelas metades exogâmicas, leva à coesão interna do grupo, traçando assim, a fronteira entre os diferentes grupos. Tanto que na literatura etnográfica os Kagwahiva aparecem como “mosaico de pequenos grupos”, “tribos Kawahyb”, “denominação genérica para vários sub-grupos”, etc (MENÉNDEZ, 1989, p. 79).

¹⁰ Em meu contato direto com eles, os Tenharim se autodenominam “Pyri” [pɨ'ri]: pessoas miúdas e guerreiras. Os Parintintin são reconhecidos como “Pykauhu” [pɨkau'hu].

Com a chegada dos “tapy’ynã” (não-indígenas), os grupos tiveram acesso aos utensílios de metal. Isso alcançava um grande valor simbólico, chegando quase a superar a sua utilidade primária. Isso se deu com os Parintintin, do rio Madeira, que se supriam de ferramentas atacando os seringueiros. Ribeiro (1985) menciona que um pequeno grupo Kagwahiva, denominado Paim – quando, somente em 1929, é “pacificado” pelo SPI – e que se encontrava em guerra com os Parintintin e com os não-indígenas que invadiam seu território, mantinha uma estreita lâmina de aço como uma espécie de amuleto:

engastada em cera, cujo dono trazia pendurada ao pescoço, sem ter jamais alcançado a metalurgia, esses índios vieram a conhecer os metais e se tornaram tão carentes deles que estavam dispostos a qualquer sacrifício para obtê-los (RIBEIRO, 1985, p. 290).

Esse grupo Kagwahiva mencionado por Ribeiro (1985) é ascendente dos atuais Jiahui, que quase foram dizimados.

Houve tentativas de catequização oferecidas pelos Salesianos, resumidas na história desta congregação na região de Humaitá/AM e Porto Velho/RO, organizada por Vitor Hugo (1959). Menéndez (1989) comenta, ironicamente, “que a ação Salesiana entre as populações indígenas tinha significado a aproximação destas ao progresso e à civilização” (MENÉNDEZ, 1989, p. 33).

O antropólogo Waud Kracke (1939-2014), que estudou exaustivamente a chefia Kagwahiva entre os Parintintin, se utiliza da classificação proposta por Martius (1867) para situar etnograficamente essa sociedade indígena (KRACKE, 1978).

Na década de 1970, com a abertura da BR-230 (Rodovia Transamazônica), grupos Kagwahiva do médio rio Madeira (Tenharim e Jiahui, por exemplo) trabalhavam para a empresa responsável pela abertura da estrada, já em terras tradicionais desses grupos, sujeitando-os às condições semelhantes ao trabalho escravo. Os Tenharim do Igarapé Preto, outro grupo Kagwahiva, foram duramente impactados com a descoberta de cassiterita em suas terras. Esses mesmos Tenharim do Igarapé Preto estão localizados atualmente no final da Rodovia do Estanho – uma vicinal da BR-230 (Rodovia Transamazônica) – que, depois de serem espoliados pela exploração da cassiterita, hoje sofrem com a cobiça dos fazendeiros situados no entorno das terras indígenas.

Anos após a abertura da BR-230, a FUNAI, instalou um posto indígena, resultando na transferência dos Kagwahiva para a beira da estrada. Atualmente possuem relações que vão da aliança ao conflito com a população regional e contam com o apoio de

organizações não governamentais, instituições religiosas e do Estado (PEGGION, 2011). A Rodovia Transamazônica é ainda um vetor para a instauração de conflitos entre “índios” e “civilizados”¹¹.

Atualmente, outro problema advém dos grandes empreendimentos do setor elétrico que, lamentavelmente, ignoram os impactos causados ou que virão causar nas terras indígenas e suas comunidades. É sabido da presença de povos isolados (sem contato com a sociedade nacional) circunvizinhos às obras de construção de hidrelétricas. No entanto, somente reduzem a intervenção quando chega a realocação dos indígenas. Não são levados em conta seus territórios tradicionais e dificilmente suas terras ficam interdidas ou protegidas. A construção da Hidrelétrica Tabajara, no município de Machadinho d’Oeste/RO atingirá tanto os povos Tenharim, como também, grupos em isolamento voluntário (sem contato) que vivem nas cabeceiras do rio Marmelos, devido a grande proximidade destes ao canteiro de obras.

I.2.1.1. Parintintin

O etnônimo Parintintin foi possivelmente dado pelo povo Munduruku aos seus inimigos¹². Pelo menos uma parte do povo se reconhece com a autodenominação de *Pykyhu*. A opinião de Coudreau sobre os Parintintin, segundo Menéndez (1989), pouco ajuda a esclarecer o verdadeiro sentido desta designação, porém parece interessante para definir o conjunto de informações que possuímos sobre elas: “Os Parintintin, nação indígena que chega a quase me parecer mítica, de tanto que a vejo assinalada sobre pontos bem opostos e afastados...” (Coudreau, 1977, p. 86 apud MENÉNDEZ, 1989, p. 46-47).

Em meados do século XIX é quando surgem notícias de uma “tribo guerreira” na região do médio Madeira, os Parintintin, que daí em diante, atacariam os “civilizados” e se constituíam em nova barreira à expansão extrativista.

O apogeu do domínio Parintintin na região se daria já no século XX, precisamente no período da valorização da borracha, quando a próspera economia amazonense permite e

¹¹Em dezembro de 2013, manifestações racistas por não-indígenas e pela mídia eclodiram em Humaitá/AM. Foi uma verdadeira criminalização coletiva contra os povos Kagwahiva situados na proximidade da Rodovia Transamazônica. Esse fato ainda traz consequências negativas, principalmente ao povo Tenharim (PANEWA ESPECIAL, 2015)

¹²Para discussão detalhada da origem desse etnônimo, ver Nimuendajú, 1924, p. 204-211 e Menéndez, 1989, p. 42.

estimula grandes investimentos para alcançar seus objetivos. Mesmo assim, os Parintintin¹³ se conservam independentes e hostis, suportando tanto as expedições punitivas como o cerco dos seringueiros.

A resistência indígena ao contato, às invasões dos não-indígenas em seus territórios, fez com que ocorressem diversas tentativas de “pacificação”. Até que, em 1922, Nimuendajú entrou definitivamente em contato com os Parintintin do rio Maici (MENÉNDEZ, 1989).

Uma vez realizado o contato com os povos indígenas, pelo órgão indigenista oficial (primeiro o SPI e depois a FUNAI), a região dos territórios tradicionais desses povos é gradativamente tomada por seringueiros, caucheiros e extratores de produtos nativos. Nesse processo, as populações indígenas adotam um sistema semelhante ao da população regional, o chamado sistema de aviamento. Assim, viviam associados a um único comerciante, que trocava toda a produção por produtos manufaturados. Esse sistema, embora tenha, em alguns casos, retardado o processo do contato, acabou por ser determinante das relações dos povos indígenas com a sociedade envolvente até o presente (PEGGION, 2011).

A população Parintintin no início da segunda metade do século XX, como dos demais grupos Kagwahiva, demonstra uma interrupção abrupta de natalidade nos anos que se seguiram ao contato com o SPI, “que se exprime graficamente pela supressão do segmento de base da pirâmide” (RIBEIRO, 1985, p. 266).

Com o declínio populacional Kagwahiva, a pressão fundiária nos seus territórios e a forte alteração dos seus *modus vivendi* é inevitável a ocorrência de fusões entre os pequenos grupos Kagwahiva, adotando a identificação do nome Parintintin.

Freitas (1926) informa que no início dos primeiros contatos com os Parintintin “ignorava-se a existência dos Apirande e dos Odayahuibe”. Apesar de serem assinaladas algumas diferenças de um grupo para o outro e, mesmo identificados como grupos diferenciados, continuavam a ser genericamente nomeados como Parintintin, pelo que pode-se dizer que também estes, sofreram o processo de “parintintização” (FREITAS, 1926, p. 72).

O território Parintintin se estendia ao leste do rio Madeira, da boca do rio Machado ao leste do rio Maici. “As aldeias Parintintín, que antes da invasão dos seringais se situavam à margem do rio Maici, encontravam-se agora no centro das matas, de onde os

¹³ É esclarecedor mencionar que os povos Kagwahiva Setentrionais eram referidos na etnografia, pelo menos até a metade do século XX, com etnônimo de Parintintin.

índios acoitados saíam para os ataques” (RIBEIRO, 1985, p. 150). O povo Parintintin habita nas Terras Indígenas Ipixuna e Nove de Janeiro, ambas no município de Humaitá/AM.

Menéndez (1989) menciona que no final da década de 1960 a “língua Parintintin” é falada por vários grupos indígenas. Também as linguistas do SIL, que trabalhavam entre os Parintintin da aldeia Canavial, uma localidade do rio Ipixuna, afluente do Madeira, afirmam que alguns desses grupos habitavam em diferentes locais do Ipixuna, outros, na região de Três Casas, próximos à margem direita do Madeira e, um terceiro, nas cabeceiras do rio Marmelos (PEASE & BETTS, 1971).

A situação linguística dos Parintintin é preocupante. O Censo 2010 do IBGE indica que numa população de 477 pessoas não há falantes fluentes, prevalecendo entre eles a língua portuguesa. Também no Atlas das Línguas em Perigo no Mundo (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO) assinala como sendo uma língua criticamente ameaçada.

I.2.1.2. Juma

Juma é o único grupo Kagwahiva localizado na bacia hidrográfica do rio Purus, a oeste do rio Madeira, e se tornaram conhecidos pelas ações trágicas investidas contra eles. São vários os registros nos quais constam ataques e tentativas de extermínio a esse grupo Kagwahiva. Nessa localidade do Purus, os primeiros registros apontam os Juma como habitantes dessa região. Com o início da ocupação efetiva do local por não-indígenas, dá-se início às “guerras punitivas” contra os povos que resistiam.

Em 1943, os Juma são localizados entre as cabeceiras dos rios Mucuí, Jacaré e Ipixuna, sendo aproximadamente 100 pessoas. A região entre os rios Mucuí e Parará-Pixuna era rica em sorva e castanha, e, portanto, cobiçada pela frente extrativista. Os Juma, guerreiros por natureza, tentavam barrar a penetração. Colocavam sinais de advertência no meio do caminho para impedir o avanço dos intrusos. Do outro lado, havia quem confiava em suas armas de fogo que o “patrão” (proprietário do seringal) lhes tinha providenciado e invadiam a terra indígena (KROEMER, 1985).

Então estourou uma verdadeira guerrilha, compilando mortes nos dois lados. Várias expedições punitivas foram feitas contra os índios. Mas, mesmo com a ameaça de extermínio, não se entregaram. O massacre definitivo aconteceu em 1964, no igarapé da Onça. O acusado deste crime é Orlando França. Os sete sobreviventes retiraram-se para o igarapé Joari, afluente do Içuã (KROEMER, 1985, p. 98-99).

Na década de 1960 os Juma lutam para impedir o avanço da exploração extrativista em suas terras. A situação de conflito com a população indígena, explicitada na documentação, é levada às últimas consequências com o trágico evento de 1964, quando restam menos de uma dezena de sobreviventes. De um lado, os Juma defendem seu território de invasores e, de outro, a população organiza-se em expedições punitivas com o intuito de exterminar os índios (KROEMER, 1985, p. 98).

Devido aos massacres, epidemias e diversos embates com as frentes extrativistas o povo Juma sofre forte depopulação. Os sobreviventes permanecem em suas terras, agora sem representar qualquer perigo aos invasores e responsáveis pela tentativa de extermínio. Em 1993, Karé, um homem de 35 anos é atacado por uma onça, vindo a falecer. Os Juma se reduzem, então, a seis indivíduos – um casal de velhos, um homem e suas três filhas – que ficam recebendo assistência esporádica da FUNAI, através da Administração Regional de Rio Branco, Estado do Acre, que possui um posto indígena em Lábrea e da Frente de Contato Rio Purus. No início dos anos 1990, tenta-se o casamento das meninas Juma com homens Parintintin e Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u). Todas as tentativas realizadas na época são frustradas. Como os remanescentes Juma estavam com a saúde abalada, resolvem mudar-se para as proximidades da Rodovia Transamazônica que liga Lábrea a Humaitá. No local ficam acompanhando pescadores que transitavam pelo Purus. Estes, aproveitando a fragilidade do grupo, seduziam as jovens Juma, levando-as consigo para suas viagens através do rio (cf. Boletim de Ocorrência de Lábrea lavrado em 31/07/1998 apud PEGGION, 2011).

Em 1998 os Juma são retirados de seu território tradicional pela FUNAI e levados ao município de Porto Velho/RO e, posteriormente, transferidos para a aldeia Alto Jamari, junto ao povo Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u), Estado de Rondônia. A FUNAI alega tratar de uma oportunidade de casamentos entre as remanescentes Juma e aquele povo. A transferência acarreta no falecimento do casal de idosos Juma, ocorrido na aldeia Alto Jamari (povo Uru-Eu-Wau-Wau). Os falecimentos de Itevi, no dia 23 de dezembro de 1998, e de seu marido, no dia 13 de janeiro de 1999 (cf. Memo 003/98-PIV Alto Jamary/ADR PVH e Nota de serviço PIV Alto Jamary respectivamente), apontam que a transferência dos Juma foi uma atitude desastrosa para esse povo (PEGGION, 2011, p.78-79).

Num passado recente, o povo Juma organizou algumas viagens ao território tradicional. Roçados foram formados e construíram até mesmo tapiris, mantendo residência definitiva na sua terra tradicional, agora regularizada. A Terra Indígena Juma fica nas proximidades do rio Açuã, no município de Canutama/AM, próximo à cidade de Lábrea, ao sul do Estado do Amazonas. Essa região continua sendo alvo de invasões de exploradores dos

recursos naturais, além de terem suas terras impactadas pela rodovia. Das uniões matrimoniais entre os Juma e os Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u), surgem três famílias que dão continuidade ao crescimento populacional. Do grande povo Juma hoje restam apenas alguns remanescentes – aproximadamente 12 pessoas – IBGE (2010). A língua portuguesa cada vez mais vai se sobrepondo à língua materna, principalmente às novas gerações.

I.2.1.3. Jiahui

Na literatura etnográfica, podemos encontrar as grafias Odiarhúebe, Diahui, Diarroi, Diahói ou Djahoi. O povo se autodenomina Pa'im, mas é como Jiahui que desejam ser reconhecidos.

Garcia de Freitas, principal auxiliar de Nimuendajú na pacificação e posteriormente responsável pela atuação do SPI na região, registrou várias designações para esses grupos, deixando, ainda, algumas informações adicionais sobre eles.

“Ao contrário dos Parintintin, que costumam cortar os cabellos em torno da cabeça, os Odiarhúebe conservam-n'os bastos e compridos; mas a exemplo daqueles, também trazem o pênis envolvido por um tudo de folhas de arumã, em forma cylindrica. As suas akanitaras são feitas de pennas de japú e arara vermelha e as flechas apresentam o mesmo feitio e os memos adornos que se observam nas armas guerreiras dos Parintintin” (Freitas, 1924). “A língua é a mesmíssima dos Parintintin, sendo apenas um pouco diferente as danças e as cantigas ... Provisoriamente conhecemos nove grupos (Freitas excetuou os Parintintin), todos inimigos entre si ...” (Freitas, 1928 – apud e parênteses de MENÉNDEZ, 1989, p. 75).

Os fatos históricos logo após ao contato com os agentes do SPI acarretam a quase extinção deste grupo Kagwahiva. Os Jiahui são atacados duramente nos anos de 1950 pelos regionais, o que explica a redução populacional e sua dispersão. Suas terras são ocupadas, posteriormente, por fazendeiros. Então, algumas famílias foram viver junto ao povo Tenharim, e outras se dirigiram para as periferias das cidades de Humaitá/AM, Porto Velho/RO e Ji-Paraná/RO.

Houve vários conflitos causados por proprietários de lotes concedidos pelo INCRA que estavam dentro do território tradicional. Os lotes são pequenas propriedades, em torno de 100 hectares, mas com o passar do tempo são abandonados ou vendidos e assim surgem grandes proprietários de terra. Os castanhais também são cobiçados pelos não-indígenas. Apesar desses conflitos, os Jiahui conquistam pelo menos parte de sua terra

tradicional, sendo demarcada e homologada posteriormente como Terra Indígena Jiahui, onde estão localizadas as suas duas aldeias: Ju'i e Kwaiari (Humaitá/AM).

O processo de retomada do território Jiahui acontece no final da década de 1990, mesmo diante dos conflitos fundiários que, todavia, ocorrem na região até hoje. Conquistam parte da terra tradicional, sendo homologada em 2004. Há ainda outras questões problemáticas, como a sobreposição da Floresta Nacional de Humaitá em terras indígenas e a BR-230 que corta o território tradicional Jiahui.

Entre os Jiahui, são poucos os falantes fluentes da língua Kawahib. A língua portuguesa predomina nas relações sociais, inclusive no núcleo familiar. Segundo o Censo do IBGE (2010), a população Jiahui é de 135 pessoas.

I.2.1.4. Tenharim

O povo Tenharim vive em 4 terras indígenas: Terra Indígena Sepoti, município de Manicoré; Terra Indígena Tenharim do Igarapé Preto, município de Novo Aripuanã; Terra Indígena Tenharim-Marmelos situada nos municípios de Humaitá e Manicoré e Terra Indígena Tenharim Marmelos (Gleba B), nos municípios de Humaitá e Manicoré, todas no Estado do Amazonas.

O último dos grupos mencionados pelas linguistas do SIL, como falantes da “língua Parintintin”, são, sem dúvida, os atuais Tenharim do rio Marmelos. Além destes, há ainda, um outro grupo também conhecido como Tenharim do Igarapé Preto, situado a leste do rio dos Marmelos. Esses dois grupos locais Kagwahiva entram em contato definitivo com os não-indígenas na década de 1970, quando é realizada a abertura da BR-230 que atravessa todo o território indígena e, uma subsidiária da mineradora Paranapanema, a Taboca S.A., se instala na região do Igarapé Preto para a exploração de cassiterita (MENÉNDEZ, 1989; PEGGION, 2011).

Os grupos do rio Marmelos e o do Igarapé Preto se mantêm em aliança que remonta ao período anterior ao contato, em meados do século XX. Apesar dessa proximidade social, que se destaca comparando à distância que existe em relação aos Parintintin, os dois grupos se reconhecem como unidades distintas do ponto de vista da ocupação espacial mantendo, inclusive, territórios diferentes. Cada um dos grupos locais estava, no passado, como ainda hoje estão seus remanescentes, fortemente ligados a um território muito bem definido (MENÉNDEZ, 1989, p. 73).

Os Tenharim do rio Marmelos são bilíngues: a língua materna é ainda muito usada no interior do grupo e o português nas relações com a sociedade nacional. Estes têm a maioria de suas aldeias localizada à beira da BR-230 e outras duas aldeias na Rodovia do Estanho. Apesar de suas aldeias estarem à margem da rodovia, e esta passar no meio de sua aldeia principal, é o grupo local que melhor tem conservado muitas das suas características culturais e a língua materna. Pode ser apontado como causa para isto, o fato de que nos primeiros trinta anos de contato com o não-indígena, um único seringalista, “patrão dos Tenharim”, fez a intermediação entre eles e a população regional. “Além disto, poucos anos após a abertura da Rodovia Transamazônica é delimitada uma área indígena que foi respeitada pelos brancos, garantindo assim a preservação do território Tenharim original” (MENÉNDEZ, 1989, p. 72).

Os Tenharim da Terra Indígena Igarapé Preto vivem numa região entre a mata serrana e o cerrado. Muitas práticas tradicionais são abandonadas, incluindo a língua materna, da qual somente um ou outro idoso ainda é falante. Esse quadro de perdas é devido às consequências do contato, sobretudo da forte presença da mineração em suas terras que perduraram por décadas até ao esgotamento das reservas minerais. Os Tenharim do Igarapé Preto também vivem por um longo tempo sob o sistema de aviamento, tornando-se dependente dos donos de seringais. A partir da década de 1960 chegam os garimpeiros em busca de cassiterita, que havia sido descoberta por volta de 1953 em Rondônia e no sul do Amazonas. A caça e a pesca ficam comprometidas, ocasionando maior dependência externa. Com a redução da cassiterita, as empresas partem deixando um rastro de depredação sociocultural e ambiental. A população total do povo Tenharim está estimada em 973 pessoas¹⁴, segundo dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI, dados de 2014 (Ministério da Saúde) e a sua maioria é bilíngue (português e língua materna).

I.2.2. Kagwahiva Meridionais

Os primeiros viajantes, aventureiros e colonos que adentram pelo interior da Amazônia na época do início da “Conquista” utilizam-se das ações que permitem “amansar o gentio” de maneira persuasiva. Nos séculos seguintes, essas táticas se mantêm as mesmas, como se pode ler no relato de um naturalista inglês:

¹⁴ Conforme o Censo 2010 do IBGE (acessível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html>), a população Tenharim é de 525 pessoas, número inferior segundo dados da Sesai (2014) e do próprio povo Tenharim que alega uma população que ultrapasse 900 pessoas.

[...] um sortimento de mercadorias com as quais eu pretendia obter as boas graças da gente selvagem ou semicivilizada do interior. Essas mercadorias consistiam de cachaça, pólvora e chumbo, algumas peças de algodão grosso, estampados e xadrêz, anzóis, machados, facões, arpões, pontas de flecha, espelhos, miçangas e outras miuçalhas (BATES, [1863] 1979, p. 159).

No século XX tais ações ainda continuariam em curso. A instauração da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMTA) que atua no oeste brasileiro de 1907 a 1915, chefiada pelo Marechal Candido Rondon, faz parte de um amplo processo de conquista e afirmação da presença do Estado brasileiro em suas fronteiras.

Em 1907, a CLTEMTA realiza a sua primeira expedição, com saída em Cuiabá para alcançar o rio Juruena, norte do Estado do Mato Grosso. O plano traçado almeja estabelecer um posto avançado no Juruena e dali chegar ao Rio Madeira, de onde alcançaria Santo Antônio do Madeira, ponto final da linha telegráfica (atual município de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia). Além de estender o fio telegráfico, a CLTEMTA potencializa a valorização das terras que vão se convertendo em áreas produtivas. Todo o entorno da linha telegráfica está atravessado por territórios indígenas. A frente da Comissão adentra o sertão brasileiro adotando “técnicas de pacificação” que consistem de métodos persuasórios, as quais se tornam, mais tarde, as diretivas do SPI em empreendimentos semelhantes. Os responsáveis pela “pacificação”, sempre que possível, integram índios do mesmo tronco linguístico, já aculturados, para servirem de guias e intérpretes (RIBEIRO, 1985, p. 138). A comunicação faz da língua materna desses indígenas “recrutados” um agente para obter a rendição dos grupos que deveriam ser contatados.

Os trabalhos da CLTEMTA são acompanhados por grandes queimadas que abrem os pastos para os bois, dificultando as táticas indígenas de combate aos invasores em seus territórios (RIBEIRO, 1985). É justamente onde se têm registros mais consistentes sobre os Kagwahiva Meridionais, quando Rondon, em 1913-1915, estabelece contato com a “tribo tupi” ou “Tupi do Machado”, grupos que falavam dialetos da língua Kawahib e que habitavam o curso superior do rio Machado (ou rio Ji-Paraná), no atual Estado de Rondônia.

Os grupos Kagwahiva, nessa região do alto rio Machado, também são referidos por Claude Lévi-Strauss (1955; 1958; 1963), que visita uma aldeia em 1938. As diversas denominações nos documentos do SPI remetem aos grupos registrados por Rondon e Lévi-Strauss, ou a alguma característica cultural, como as famosas tatuagens que dão o apelido de “Boca Negra” (HUGO, 1959). São povos que vivem em guerra com os seringueiros que

penetram em seus territórios. A fronteira de expansão da economia extrativista da Amazônia avança fortemente sobre essas “tribos açoitadas naqueles ermos” (RIBEIRO, 1985, p. 111).

José Garcia de Freitas, o mesmo que havia participado com Curt Nimuendajú nos anos de 1920 da pacificação dos Parintintin, menciona a existência de demais grupos ao longo do rio Machado.

Desde o mês de abril findo que venho iniciando o serviço de pacificação dos índios parintintin habitantes das cabeceiras dos rios: Anary ou República e Machadinho e Preto e Jaru, todos afluentes da bacia do rio Ji-Paraná, e também das cabeceiras dos rios: Branco e Preto, afluentes do rio Jamari. Com os índios da tribo parintintin (cavaíbas) pacificados (Maicy) e mandados em expedições aqueles, chegando à conclusão que são também parintintin pela mesma língua que falam e pela religião. (...) Data de longo tempo o martírio daqueles infelizes patrícios-irmãos, que não encontram no fundo do sertão o terreno onde estejam seguros de sua própria vida, e cada dia a pressão aumenta, pois as explorações de seringais e cauchas seguem rumo às suas terras e estão cercados em todos os quadrantes [MI, 30.9.1945, f. 43] (LEONEL, 1995, p. 89).

Lévi-Strauss ([1938] 1958) é testemunha ocular dos últimos Tupi do alto Machado, ou “Tupi-Cawahib” como ele menciona em seus registros. Estes são, aos poucos, dizimados pelas frentes de expansão na região. Já na década de 1950, os Tupi do Machado são considerados extintos.

As referências da Comissão Rondon (1913-1915), como as de Lévi-Strauss (1948; 1958; 1981; 1994) e de Nimuendajú (1924; 1925; [1927] 1955) em relação aos Kagwahiva do alto Machado são fragmentadas. “É fora de dúvida que uma pesquisa voltada para a etno-história dos povos indígenas de Rondônia, que contasse com o suporte da linguística, poderia eliminar muitas destas dúvidas e ser de grande valia” (LEONEL, 1995, p. 48)¹⁵.

A partir da década de 1970, ocorre um intenso fluxo migratório de colonos, procedentes principalmente das regiões sul e sudeste do país com a abertura da BR-364 (Cuiabá - Porto Velho) e com a implantação de projetos de colonização pelo INCRA no Estado de Rondônia. Isto causa um forte impacto aos grupos Kagwahiva, sobretudo no que se refere ao povo Karipuna que, atualmente, são poucos os sobreviventes desta política “endocolonial” (LEONEL, 1995). Não foi diferente para os Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa’u) e os Amondawa, os quais, também contam perdas enormes.

¹⁵ É o que este trabalho dissertativo, através da ciência da linguagem, pretende contribuir. No entanto, para tal empreendimento estamos sujeitos aos fatores que demandam maior tempo para uma pesquisa sistemática nessa questão.

A colonização em Rondônia, por exemplo, é dominada por sulistas interessados no enriquecimento rápido. E tantos outros à procura de uma vida melhor, na expectativa de serem proprietários de um lote de terra na Amazônia.

Em 1985 era mais fácil reassentar uma dezena de colonos; de 1988 ao final da década, foi-se tentando tornar irreversível a colonização do noroeste da área, a mais ricas em madeira e cassiterita, numa manobra em favor da Gainsa S.A., Paranapanema e outros pretendentes (LEONEL, 1995, p. 155).

Cerca de duzentos mil colonos chegavam em Rondônia anualmente. Em 1984 e 1985 o INCRA tenta aumentar sua capacidade de assentamento. Praticamente não havia diálogos entre FUNAI e o INCRA, e fica confirmado a instalação de colonos (pequenos proprietários de terra), deliberadamente, em áreas indígenas, mesmo contra o parecer da FUNAI (LEONEL, 1995, p. 132-136).

A postura assumida pelos órgãos federais ocasiona a forte redução das populações indígenas. Essa dinâmica por parte do Governo não é pensada na proteção dos indígenas, mas o contrário, assegura a frente de colonização.

Pode-se constatar que os Kagwahiva Meridionais eram numerosos, dispersos em aldeias de uma a três centenas, e que foram dizimados, em período recente, com a colaboração ou omissão da instituição indigenista governamental: primeiro o SPI, e, depois, a FUNAI. “Vê-se também as passagens da entrada do pioneiro seringueiro à titulação arbitrária do seringalista, repassando mais tarde pretensões de posse às mineradoras” (LEONEL, 1995, p. 53).

Os povos Kagwahiva continuam sendo vítimas da mesma sanha dos interesses públicos e privados: madeiras, mineradoras, estradas, hidrelétricas, projetos oficiais de colonização, agronegócio, etc, que assolam e dizimam povos. Os empreendimentos, tanto públicos como privados, fazem demonstrar que “parecem ser os índios, apesar de ínfima minoria, catalisadores das mais agudas e intrincadas contradições da sociedade e do sistema” (LEONEL, 1995, p.18).

Darcy Ribeiro, em suas observações de campo feitas no curso de dez anos como etnólogo do antigo SPI, somando entrevistas com indigenistas, funcionários e missionários, além de vasta pesquisa bibliográfica e documental, analisa essas forças que proporcionam a “expansão civilizadora” sobre o território brasileiro. Segundo ele, muitos grupos indígenas nem chegam a experimentar relações propriamente culturais, porque sofrem tamanha redução populacional após os primeiros contatos sendo praticamente exterminados antes que tivesse

início a “aculturação” – a exemplo do ocorrido com os Kagwahiva do alto Machado. É assim, também, com os Kagwahiva do rio Capivari, região noroeste do Estado de Rondônia, os quais são assolados logo após o segundo surto da borracha (1939-1945).

A história de submissão e perdas irreparáveis para os grupos Kagwahiva Meridionais continua a mesma comparada à dos Setentrionais. O próprio SPI prometia mais braços aos seringalistas por meio da pacificação:

Os índios, que hoje de arco e flecha em punho defendem suas terras, serão seringueiros amanhã, a exemplo dos pacaás novos e macurapes que já estão produzindo borracha em perfeita colaboração com os civilizados no incremento da produção regional ([MI, 7.2.1966, f. 43] apud LEONEL, 1995, p. 93).

Com os “índios arredios pacificados” aquelas regiões poderiam ser exploradas, sem receio de ataques. Para cada tipo de contato com os povos indígenas, somado à “expansão civilizadora”, há uma reação de forma diferente: a fuga para territórios afastados, apenas adiando o enfrentamento; a reação hostil aos invasores, ocorrendo mudanças socioculturais devido ao estado de guerra permanente – redefinindo inclusive as instituições de cada grupo social – , ficando submissos a aceitação do contato, uma vez que os povos indígenas se veem perseguidos e atacados e com grandes perdas populacionais, o que poderia levar ao surgimento do “índio destribalizado” (RIBEIRO, 1995).

I.2.2.1. Tupi-Cawahib ou Tupi do alto rio Machado

A chegada da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMTA) na região do alto rio Machado, proporciona a visita de Rondon a, pelo menos, três grupos Kagwahiva “uma vez que os outros se mostravam irreduzivelmente hostis” (LÉVI-STRAUSS, 1981, p. 330). Após esse contato, passam a ser conhecidos como os Tupi do Machado ou simplesmente Tupi-Cawahib.

Também Nimuendajú (1925) faz referências a, pelo menos, três grupos: os Paranauat, os Taquatep e os Ipôt-uat, dizendo: "a auto-denominação comum de todos estes bandos Tupi é Kawahib, o que prova serem eles, tanto como os Parintintin, os destroços da antiga tribo Cabahiba do Alto Tapajoz, destroçada pelos Mundurukú" (NIMUENDAJÚ, 1925, p. 144).

Nimuendajú propôs uma conexão entre os grupos Kagwahiva do médio Madeira, se referindo aos Parintintin, com os grupos do alto rio Machado e no Riozinho, seu afluente setentrional, afirmando que pertenceriam a um mesmo grupo. É das semelhanças linguísticas, que Nimuendajú inferiu essa sua hipótese.

Tomei vocabulários de dois daqueles bandos tupis do Riozinho em 1921 e 1922 e verifiquei a pouquíssima diferença que existe entre eles e o dialeto dos parintintin. Disto e da grande semelhança que apresentam os dialetos de todas estas hordas com a língua dos apiacás do Alto Tapajós, eu tiro a conclusão que, tantos os cavaíbas-parintintins do Madeira como os cavaíba-tupis do Alto Machado representam os fragmentos da antiga tribo dos cavaíbas que é mencionada desde os fins do século XVIII no Alto Tapajós, mas que mais tarde desaparece de lá sem deixar vestígios (NIMUENDAJÚ, 1982, p. 50 apud LEONEL, 1995, p. 46).

Em 1938, Lévi-Strauss chega à região do rio Machado (no atual Estado de Rondônia) em busca dos Kagwahiva mencionados pela Comissão Rondon (1907-1915) e Nimuendajú (1925). Encontra um grupo que vive da agricultura, em casas comunais com pinturas nos esteios e chefes polígamos, denominando-os de “Tupi-Cawahib”, com apenas dezesseis pessoas. Apesar de todo o esforço deste autor por reconstituir sua cultura, a mesma já estava muito descaracterizada para permitir uma visão ampla desses grupos. A organização social estava baseada em uma descendência patrilinear, com cerca de vinte clãs localizados e denominados através de animais, vegetais, minerais e objetos manufaturados. Lévi-Strauss (1981) esclarece um pouco o passado desses grupos que encontrou na década de 1930. Utilizando-se dos registrados deixados por Rondon (1915) e Nimuendajú (1924, 1925), Lévi-Strauss (1948; [1938]1958) menciona que os grupos encontrados na região do alto rio Machado são: os *Wiraféd*, situados na margem direito do Riozinho, em 1924 e 1925; os *Takwatib*, no rio Tamuripa – afluente direito do rio Machado; os *Ipotewat* entre Riozinho e Tamuripa; os *Tukumanfét*, no baixo rio Cacoal.

Em 1938 o grupo denominado de *Paranawat* está localizado nas proximidades do rio Muqui e resistem ao contato; os *Mialat* se encontram no alto rio Leitão e, os *Jabotifet* entre os rios o alto Cacoal e Riozinho. Descreve Lévi-Strauss (1981) que “ao conversar com os tupi-cavaíbas civilizados de Pimenta Bueno [posto telegráfico] consegui aumentar esta lista de clãs [grupos Kagwahiva] até cerca de vinte” (LÉVI-STRAUSS, 1981, p. 332). Esses “bandos ou clãs”, conforme Lévi-Strauss, são localizados com o predomínio de um deles, mas com a presença de diversos outros. A aldeia visitada pelo autor é essencialmente Mialat, mas havia também indivíduos Takwatip e Paranawat. A localização dos clãs, ou grupos, se devia a uma forte proporção de casamentos endogâmicos (LÉVI-STRAUSS, [1938] 1958, p. 333).

Tudo indica que, infelizmente, não há sobreviventes destes grupos Kagwahiva do alto Machado, uma vez que nos registros de Lévi-Strauss ([1938] 1958) fica relatado que a gripe e as disputas internas reduziram um grupo calculado por volta de seiscentos indivíduos a sete pessoas, de 1915 a 1938. É constatado que, de tais grupos “quarenta anos depois, nada mais restava deles” (MENÉNDEZ, 1989, p. 32). Fato confirmado por Menéndez (1989) quando este realiza uma pesquisa no Estado de Rondônia no ano de 1979 na procura de remanescentes ou de informações sobre os Kagwahiva do alto Machado. Pelo menos um dos fatores que contribuiu para tal desaparecimento é que no curso superior e nas cabeceiras do Riozinho era, nessa ocasião, área de colonização agrícola sob jurisdição do INCRA (MENÉNDEZ, 1989, p. 51).

E a Nimuendajú deve-se a identificação linguística destes grupos Kagwahiva do rio Machado:

A língua dos cavaíbas-parintintins é tupi puro; ella é a mesma dos bandos de cavaíbas chamados “tupis” no Alto Machado e, como já afirmam as relações antigas, é parente muito próximo do apiacá, motivo porque Martius via nos “cavaíbas” e apiacás os representantes dos seus “tupis centrais”. Os camaiurás das cabeceiras do Xingu formam a terceira tribo deste grupo. (Nimuendajú, 1982 apud LEONEL, 1995, p. 46).

Diz Lévi-Strauss (1958):

Somente uma análise filológica dos termos, cujo lugar não é aqui, permitiria formular hipóteses válidas sobre este sistema. Por mais parecido que seja com Parintintin, já divergiu sensivelmente dele; e também parece bastante distante dos sistemas tupinambá, que podem ser reconstruídos de acordo com os antigos cronistas, com a exceção, no entanto, dos termos para marido e mulher que, desde o século 16, mostraram uma estabilidade extraordinária. Nosso sistema é, por outro lado, muito próximo do Tenetehara, tribo tupi do Estado do Maranhão, que traz uma luz interessante sobre a história cultural desta região do Brasil (cf. Wagley, Ch. et E. Galvão, *the Tenetehara Indians of Brazil*, New York, 1949, p. 184-186 apud LÉVI-STRAUSS, 1958, p. 330)¹⁶.

Os Kagwahiva do rio Machado possuíam uma ampla distribuição espacial em ambas margens do rio Machado e se encontravam a uma distância de 250 km ao sul dos Kagwahiva Setentrionais, localizados nos rios Maici e Marmelos. Apesar desta distância, as

¹⁶ Seule une analyse philologique des termes, dont la place n'est pas ici, permettrait de formuler des hypothèses valables sur ce système. Aussi proche qu'il semble être de celui des Parintintin, il en a déjà sensiblement divergé; et il paraît aussi assez éloigné des systèmes tupinambá, tels qu'on peut les reconstituer d'après les anciens chroniqueurs, à l'exception toutefois des termes pour mari et femme qui témoignent, depuis le 16e siècle, d'une extraordinaire stabilité. Notre système est, par contre, très voisin de celui des Tenetehara, tribu tupi de l'Etat de Maranhão, ce qui jette un jour intéressant sur l'histoire culturelle de cette région du Brésil (cf. Wagley, Ch. et E. Galvão, *the Tenetehara Indians of Brazil*, New York, 1949, p. 184-186 apud LÉVI-STRAUSS, 1958, p. 330).

relações entre uns e outros não devem ser descartadas, pois, das cabeceiras do rio Marmelos é possível passar caminhando para o curso do Machado. As fontes do século XIX, para essa região, informam que os Parintintin se utilizavam desse caminho para atacar núcleos habitados por não indígenas nas proximidades à foz do Machado (HUGO, 1959, p. 160; NIMUENDAJÚ, 1924, p. 211).

Menéndez (1989, p. 50) confirma a hipótese de Nimuendajú, de que os Kagwahiva entraram na região do Madeira pela cabeceira do rio Marmelos, próxima ao rio Machado. No entanto, as diferenças quanto à organização social não permitem uma aproximação imediata dos Kagwahiva encontrados por Lévi-Strauss no alto rio Machado como os povos do rio Madeira. Os povos do rio Machado eram divididos em muitos clãs patrilineares, os quais se localizavam em uma ou mais aldeias, ocupando cada qual uma região definida (LÉVI-STRAUSS, 1963, p. 303). O autor não encontra um povo dividido em metades exogâmicas, mas vários clãs aliados e casamentos que apresentam endogamia de aldeia (Lévi-Strauss, 1958, p. 333). Os Tupi do Machado, contatados pela Comissão Rondon, já estavam, em 1938, sofrendo uma séria depopulação, constatada por Lévi-Strauss (1963, p. 299).

Nimuendajú (1924) após examinar as fontes documentais disponíveis e levantar um vocabulário da língua falada por estes Kagwahiva do rio Machado, conclui: “tanto os Kawahiwa-Parintintin do Madeira como os Kawahiwa-Tupi do alto Machado, representam os fragmentos da antiga tribo dos Cabahybas que é mencionada desde fins do século XVIII no Alto Tapajós, mas que mais tarde desaparece de lá, sem deixar vestígios” (NIMUENDAJÚ, 1924, p. 205).

Numerosos no passado, de acordo com a documentação histórica e as informações obtidas em campo através dos registros recolhidos por meios da Comissão Rondon (1913-1915), Nimuendajú (1924; [1927] 1955) e Lévi-Strauss ([1938] 1958), a situação de contato leva à extinção a maior parte desses grupos locais e, aos poucos, foi se apagando a existência dessas sociedades indígenas de língua Kawahib no alto curso do rio Machado (ou Ji-Paraná).

I.2.2.2. Kagwahiva do rio Capivari

Pouquíssimas informações documentais existem sobre os Kagwahiva que habitavam na região do rio Capivari, em Rondônia. Desse grupo há apenas um remanescente, com seus 95 anos de idade chamado Pitanga Capivari. Ele participou como intérprete junto à equipe do sertanista Benamour Brandão Fontes em 1977 para estabelecer contato com os

Karipuna, também de língua Kawahib. Posteriormente, uma equipe da FUNAI documentou que:

Tentamos desenvolver uma conversa acerca do que ele sabe sobre a presença dos índios isolados, no entanto decidiu-se por falar dos Capivari, relatando a história, o processo migratório, a presença dos primeiros brancos (seringueiros), contato e extinção. Pitanga relata que inicialmente viviam todos juntos (Parintintin, Tenharim, Karipuna, Capivari) e que os Capivari depois do processo migratório, estabeleceram-se na cabeceira do rio Capivari. Posteriormente conta a história de sua participação no contato dos Karipuna. Perguntando sobre a possibilidade de grupo isolado (que se tem referência nas imediações do igarapé Capivari) ser seu parente, Pitanga afirma não existir mais índios Capivari “brabos” (Vaz, 1991, p.12 apud PEGGION, 2011, p. 76).

A mortandade se dá mais pelas doenças pois estes não têm defesas imunológicas. A cada grupo que se aproxima do Posto de Atração ocorre uma epidemia fatal. As doenças – malária e gripe – exterminam a população de duas ou três malocas que aceitam o contato. Desses Kagwahiva localizados nos rios Capivari e Formoso contatados em 1948, encontraremos seu único sobrevivente, Pitanga, que em 1983, no Posto Caripuna, no rio Jaci-Paraná, serve como “protagonista de novo desastre: foi intérprete cavaíba da Funai para a atração dos caripunas” (LEONEL, 1995, p.62).

Etta Becker-Donner (1962) estudou uma lista de palavras de sobreviventes desse grupo Kagwahiva – também referenciados como “araras” – que se encontravam no rio Jaci-Paraná, e as classificou como tupi. Provavelmente referia-se ao grupo de Pitanga Capivari, e outros contatados na mesma área. Sem dúvida é este o grupo mais a sudoeste dos Kagwahiva Meridionais, em território com dominância de grupos de língua txapacura (Becker-Donner, 1962, p. 146 apud LEONEL, 1995, p. 44).

Os seringalistas prontamente aprovam a atitude do SPI quando este instala o Posto Coronel Tibúrcio, para atender às nascentes do rio Jaci-Paraná e às de seus afluentes, o Capivari e o Formoso. Quando o “auxiliar de sertão” José Rodrigues de Oliveira aparece na vila de Jaci-Paraná com os primeiros quinze índios arara¹⁷ (Kagwahiva), pacificados no rio Capivari, faz novamente animar os seringalistas [MI, 26.12.1947, pl. 506 apud LEONEL, 1995).

O SPI mais estava para dar tranquilidade a seringalistas, do que proteção às terras e às vidas dos índios. Hoje o seringal e o rio Mutunparaná pertencem aos invasores neobrasílicos, vencidos os índios, pela doença ou bala. O SPI tentava oferecer

¹⁷ Conforme Leonel (1995): “Está claro que arara é mais uma denominação genérica dada pelo colonizador, na maioria dos casos, a grupos de diferentes famílias tupis da região do Madeira, cavaíba, mondé e ramarama” (LEONEL, 1995, p. 44).

tranquilidade à exploração da borracha extraída de terra indígena (LEONEL, 1995, p. 58).

Os relatórios vindos do Posto Coronel Tibúrcio descrevem que três índios do rio Capivari acompanhados por cinco mulheres, visitaram as instalações do posto, e o auxiliar do SPI os acompanhou à maloca, três dias de caminhada. Identificou cinco aldeias, num total de oito malocas [MI, 30.12.1947 apud Leonel, 1995, p. 60]. Impressionou-se com as numerosas trilhas batidas, indicando mais índios. O SPI calculou-os, dois anos depois, em cerca de trezentos nesta aldeia, mas muitos tinham morrido [MI, 30.10.1950, pl. 486 apud Leonel, 1995, p. 60]. Meses depois, mais doze índios, curiosos, visitaram o posto de pacificação. “Os relatórios seguintes são necrológicos”, como menciona Leonel (1995):

Seis índios mortos, em menos de um mês, de gripe, e o restante da primeira maloca gravemente enfermos [MI, 20.01.1948]. Mais seis mortos nos quatro meses seguintes, e catorze órfãos de dois a doze anos [MI, 15.4.1948] (LEONEL, 1995, p. 60).

Os indígenas que são transferidos para outros locais também se sucumbem ao desaparecimento. Não havia, como ainda não há, vontade política para solucionar ou mesmo amenizar a questão indígena, garantindo suas terras tradicionais, o atendimento à saúde, e proteção contra qualquer tipo de espoliação.

Durante décadas, Pitanga Capivari viveu acompanhando expedições da FUNAI. Em todos estes anos não deixou de falar sua língua materna, “como se a língua o mantivesse próximo aos seus” (LEONEL, 1995, p. 65). Atualmente vive na aldeia Central, entre o povo Karitiana (povo de língua Tupi-Arikém).

I.2.2.3. Karipuna de Rondônia

O território historicamente ocupado pelo povo Karipuna – segundo fontes históricas e relatos orais – compreendia o rio Mutum-Paraná e seus afluentes da margem esquerda (ao oeste), o Igarapé Contra e o rio São Francisco (ao norte) e os rios Capivari, Formoso e Jaci-Paraná (ao sul e leste). Grande parte da terra tradicional do povo está fora da demarcação, uma vez que foi reduzida diante da pressão fundiária. A parte homologada é denominada Terra Indígena Karipuna e localiza-se nos municípios de Nova Mamoré/RO e Porto Velho/RO.

Os primeiros contatos do povo Karipuna ocorrem quando seringueiros começam a penetrar nos afluentes do alto rio Madeira, meados do século XX. Nos anos de 1981 e 1982 a maioria dos Karipuna já está morando nas imediações do Posto de Atração da FUNAI. Depois da fixação no Posto começam os óbitos em grande escala, originados por gripes e pneumonia.

Os Karipuna, sem os anticorpos necessários, morriam rapidamente. A FUNAI chega a abrir uma pista de pouso na margem direita do rio Jaci-Paraná para tentar prestar um atendimento mais rápido, mas não funcionou. Em 1996 somente seis Karipuna formam o grupo que restou do contato; em 2005 são apenas quatro.

Com diversos casamentos interétnicos ocasiona uma defasagem na utilização da língua materna (Kawahib) pelo uso constante da língua portuguesa. Em 1991, em relatório, o funcionário da FUNAI registra a situação dos Karipuna naquela época: “Eram 14 indivíduos, sendo que duas crianças já eram filhas de regionais. As possibilidades matrimoniais eram mínimas e mesmo as mulheres solteiras já não desejavam mais viver com maridos Karipuna” (Vaz, 1991, p. 04 apud PEGGION, 2011, p. 75).

Além de tudo, nos rios que formam a bacia do Jaci-Paraná, seringalistas e mineradores travam uma guerra com as populações indígenas. A expedição punitiva organizada pelo seringalista Pedro Fernandes, que, com cerca de cinquenta homens, mataria trinta Karipuna, em represália ao ataque em que os índios mataram dois de seus seringueiros e uma mulher [MI, 11.2.1960, pl. 491; Leonel & Mindlin 11.1983 apud LEONEL, 1995]. Durante cinco anos, foram “muitos índios mortos injustamente nas expedições de procura” (LEONEL, 1995, p. 65).

Em 1976, o sertanista Benamour Fontes, da FUNAI, com sua equipe composta de dezessete homens armados, mais oito indígenas Oro Wari (Txapakura), e de Pitanga Capivari (Kagwahiva), este com a função de intérprete, alcançam os Karipuna.

Os 38 índios ditos caripunas renderam-se à expedição, e não tinham opção. Conheciam as armas daqueles dezessete homens, contra seus arcos e flechas, machados de pedra, alguns de ferro, e um facão sem cabo, tomado aos seringueiros na mata. Assim mesmo, relatou Benamour, nos primeiros dias não deixaram sertanistas e índios estranhos aproximarem-se das mulheres e crianças protegidas na maloca central. Pitanga integrou-se a eles, embora não os tenha reconhecido. Tanto ele quanto os sobreviventes caripunas referem-se a outras aldeias, pelo menos duas, de seus parentes ainda “arredios” na região do Jaci e Formoso. Os caripunas auxiliaram mais tarde na atração dos uruéus-au-aus, todos tupi-cavaíbas, como Pitanga (LEONEL, 1995, p. 65-66).

A FUNAI já os contactou pensando em concentrá-los e transferi-los, como fora, para uma colocação de seringueiros desativada, mais confortável aos funcionários, por ser nas

margens do Jaci-Paraná. Seu destino será trágico, como dos Kagwahiva do rio Capivari: “dos 38 contatados, sobreviveram apenas oito” (Jornal do Brasil, 19.9.1976 apud LEONEL, 1995, p. 66).

Katicai, a única mulher adulta e testemunha ainda sobrevivente, conta da sua tristeza e do resultado de tanta morte. Respeitando a cultura Kagwahiva formada pelas metades exogâmicas, que para os Karipuna são Mutum e Tucano, casa-se com o único com quem podia. Sempre manteve uma preocupação com o destino dos jovens do seu frágil grupo:

Os homens adultos solteiros caripunas [três] são, portanto, obrigados a procurar esposas em outros grupos, como Tenharim e Parintintin. Queixam-se de discriminação por causa da tatuagem que tem no rosto. Poderiam, em tese, casar com mulheres uruús-au-aus, cuja língua é muito semelhante. O problema é que pouco tem a oferecer em troca. Dois homens adultos caripunas têm permanecido fora da área, trabalhando na frente de atração uruú-au-au. Criaram, através do trabalho, laços com membros de outras tribos que lhes permitem talvez arranjar casamentos. A desvantagem dessa permanência fora é de não fixarem na própria área (Leonel & Mindlin, 1983: 70 apud LEONEL, 1995, p. 66).

Um desses homens Karipuna casou-se com uma mulher, a qual pertence a um outro grupo Kagwahiva (os Piripkura) que se encontra em situação de isolamento intermitente nas imediações do rio Madeirinha (Estado do Mato Grosso).

Os Karipuna, desde o contato em 1976 pela FUNAI, experimentam quase todas as doenças dos não indígenas, da gripe à pneumonia e malária. Aceitaram trabalhar nas roças formadas no seringal dentro de seus territórios tradicionais em troca de presentes. Temiam as armas dos invasores, assim como os ataques punitivos e os roubos de mulheres (LEONEL, 1995). Com os Karipuna repete-se a mesma desastrosa pacificação dos Kagwahiva do rio Capivari realizada pelo SPI no ano de 1948.

Até os dias atuais, os Karipuna vivem na aldeia onde foi instalado o Posto de Atração. Pelo menos nos primeiros anos após a “pacificação” ainda aguardam a visita dos seus parentes que conseguiram fugir ao contato, e acreditam que, às vezes, os espiam pelas proximidades.

De fato, um barqueiro afirma que, junto com um amigo, dos poucos que ousam descer as nascentes do Jaciparaná e do Formoso, viu índios. Os regionais dão como seguro. Caticai diz que são outros clãs que não o mutum e o tucano, dizimados pela desastrosa atração caripuna, com quem não se davam muito bem e viam-se irregularmente, às vezes guerreavam, embora já tivessem andado todos juntos, como contam os mais velhos (LEONEL, 1995, p. 67).

Os Karipuna referem-se estar juntos aos demais grupos Kagwahiva no passado, como é de fato constatado pela tradição oral tanto de Katicai Karipuna como de Pitanga

Capivari. Embora ainda não haja relações comparativas mais relevantes entres os dois grupos, podemos afirmar que ambos têm muita proximidade cultural e linguística principalmente com os Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u) e Amondawa.

Vestiam-se com os mesmos cintos de embira em torno à barriga, colares com dentes, e as mesmas tatuagens no rosto, de três riscos em cada face, a partir da boca. A língua parece ser a mesma, comunicam-se com facilidade, como com Pitanga, do grupo dos araras [Capivari], e os parintintin e tenharins, todos tupis-cabaibas (LEONEL, 1995, p. 67).

A partir deste registro, podemos levantar uma hipótese de que os grupos Kagwahiva Meridionais mantem similaridades bastantes consistentes em relação com os grupos Setentrionais.

Atualmente, ocorre a exploração ilegal de madeira e grilagem de terra, através de loteamento dentro da Terra Indígena Karipuna. Entidades indigenistas denunciam que os Karipuna vivem a iminência de um genocídio enquanto ações eficazes para coibir a ação de invasores em suas terras não forem cumpridas. Esse povo também enfrenta grandes dificuldades para a sua subsistência. A coleta da castanha, importante fonte de renda, foi interrompida pelo temor de ameaças feitas pelos invasores.

Entre os Karipuna são poucos os falantes fluentes da língua materna. A população atual está estimada em torno de 49 pessoas¹⁸, segundo a Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI, Ministério da Saúde, dados de 2014.

I.2.2.4. Uru-Eu-Wau-Wau ou Jupa'u

O povo autodenomina-se Jupa'u, traduzido pelos mesmos como “os que usam jenipapo”, porém ficam conhecidos como Uru-Eu-Wau-Wau, por serem chamados pelos Oro Wari' (povo indígena de língua Txapakura) de “Oro Wau Wau”, isto é, “tocadores de tabocas”. De fato, como ocorreu no curso médio do rio Madeira, o nome Uru-Eu-Wau-Wau é um termo genérico, e não uma autodenominação, mas que permaneceu como registro geral para os diversos grupos falantes da mesma língua Kawahib nessa região. Há também registros onde são mencionados pelos etnônimos de “bocas-pretas” ou “bocas-negras”, por utilizarem

¹⁸ Aqui há uma enorme contradição comparando os dados com o Censo de 2010 do IBGE. Este afirma que a população dos Karipuna é de 2.297 pessoas (fonte disponível em: <<http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html>>), o que é absurdamente distante da realidade se referido aos Karipuna de Rondônia. A perda populacional no período pré e pós-contato registrada em documentos demonstra isso. Supostamente, esta informação do IBGE está acrescida também da população dos Karipuna do Amapá, sendo que estes não pertencem aos grupos Kagwahiva.

uma pintura à base de jenipapo na parte inferior dos lábios e da face. Em 1911, integrantes da Comissão Rondon registram que nas proximidades do rio Jamari “Duas tribus alli existiam a dos bocas-pretas e a dos Ariquemes [povo indígena de língua Ariquém]; os primeiros localizados entre os rios Branco e Preto, ainda vivem perseguidos pelos seringueiros invasores de seus domínios” (MAGALHÃES, 1941, p. 131).

No Igarapé Floresta localizavam várias aldeias dos Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa’u), de onde são expulsos por um projeto de assentamento do INCRA, por garimpeiros e mineradoras. No entanto, permaneceram em confronto direto, cada vez mais empurrados para as nascentes, para mais longe do que se chamou “província estanífera de Rondônia” (LEONEL, 1995, p. 86).

Depois de quase dizimados, os Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa’u) são empurrados pelas armas de fogo dos invasores para as nascentes do rio Jamari, e o SPI promove o loteamento de suas terras. Assim, o que era território tradicional deste povo, transformou-se num dos bairros do atual município de Ariquemes/RO. Em 1979, ao iniciar a atração dos Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa’u), a FUNAI escolhe dois pontos: a foz do Floresta e as colocações de seringueiros Antuérpia e Cajueiro, abandonadas por temor dos índios. Em 1984, tanto o INCRA como especuladores e mineradores exigem a posse da região do Igarapé Floresta (LEONEL, 1995).

No mesmo ano de 1979 é feita a instalação do “Posto de Atração dos Uru-Eu-Wau Wau”. Durou quase quatro anos, sempre atacado pelos indígenas, pelo menos até quando a FUNAI, em 1983, consolida o contato com este grupo Kagwahiva. Em 1986, no mesmo local, são os Amondawa que chegam até ao posto de atração.

Ainda segundo Leonel (1995), faz parte da memória dos mais velhos terem vindo, há muito e muito tempo, da região do rio Madeira e que suas malocas numerosas se situavam na região do Candeias, Jamari, Floresta, Pacaás Novos, Cautário, São Miguel, Muqui, Jaru e Urupá. Os que viviam nas proximidades do Igarapé Floresta tiveram que adentrar o território, pois são expulsos pelos garimpeiros e pelo projeto Burareiro do INCRA. Ainda é narrado que, especialmente na cachoeira de Montenegro, no rio Jamari, na altura do Igarapé Floresta, há antepassados enterrados, local de uma grande aldeia abandonada.

O órgão indigenista oficial, inicialmente, fez contato mais próximo e permanente com um dos grupos Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa’u), cuja liderança era Dja’i. Com os demais grupos mantinha contato intermitente, quando visitavam o posto. Calculou-se em 350 os indígenas que vêm pacificamente ao Posto de Atração até 1988 e estima-se que podiam chegar a mil ou mais na região (LEONEL, 1995, p.125-127).

Os Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u) rendem-se ao contato, pois já não podiam, com décadas de guerra contra invasores, permanecerem “sem malocas fixas, tendo uma imensa fortaleza de serras, sem lugar tranquilo, vivendo do provisório, tapiris, e recursos naturais longe de refúgios, pondo-se a andar com suas gentes, em particular na seca” (LEONEL, 1995, p. 193). A pressa em realizar o contato, geralmente acompanhando o avanço da fronteira econômica e da expansão “endocolonial”, tem levado a mortandade aos grupos recém-contatados.

A Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau tem sua demarcação efetuada em 1985 diante de inúmeros conflitos e mortes. A defesa das terras e da saúde desse povo foi a completa omissão do órgão indigenista oficial, apesar de existirem funcionários dedicados. Sem dúvida, a responsabilidade maior é da falta de vontade política do Governo Federal.

Não há dúvida, que todos esses grupos Kagwahiva, com o contato forçado, sua população foi reduzida a menos de um terço. Atualmente, a população dos Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u) está em torno de 184 indivíduos¹⁹, distribuídos em cinco aldeias, sendo bilíngue na sua maioria (língua materna e portuguesa) e poucos são os monolíngues em língua materna (língua Kawahib).

I.2.2.5. Amondawa

O povo autodenomina-se Mboviumã'nga, que é o nome de um grande antepassado. Os Amondawa vivem na Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau, aldeia Trincheira, município de Mirante da Serra/RO. Na literatura também podemos encontrar as grafias Mondava, Mondaua, Amundava ou Amondava.

Em meados da década de 1980, a FUNAI estabelece contatos com este povo na região central do Estado de Rondônia. A terra tradicional está numa região de constante conflito, seja por garimpeiros, madeireiros ou até mesmo por pequenos agricultores. Apesar de ser considerado um povo de recente contato com a sociedade nacional, a população do povo Amondawa consta de 123 pessoas (IBGE, 2010) sendo bilíngues (língua materna e portuguesa), excetuando dois idosos que são monolíngues (língua Kawahib).

Os primeiros contatos da FUNAI com os Amondawa ocorrem no Posto de Atração Comandante Ary, em 1986, logo após o contato com os Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u)

¹⁹ Conforme Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, embora a Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI, conforme dados de 2014, menciona uma população de 104 pessoas. Não há registros de que haja um contingente tão numeroso vivendo em meio urbano ou em outras regiões.

com a finalidade de curar os doentes, já acometidos pela gripe e pneumonia (LEONEL, 1995). Ficam registrados como um subgrupo Uru-Eu-Wau-Wau. Depois de serem tratados e presenteados com panelas e camisetas e outros apetrechos, partem novamente para a floresta e não houve mais notícias deles. A reaproximação parcial entre Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u) ocorre apenas depois do contato instaurado pela FUNAI.

Os Amondawa, conforme descreve Leonel (1995), são um dos maiores grupos Kagwahiva daquela região de Rondônia. No início de 1986, somam mais de 180 pessoas e passam cerca de um mês no acampamento do Posto de Atração da FUNAI (LEONEL, 1995, p. 126).

O contato com a sociedade envolvente – primeiramente com os seringueiros e depois com os pequenos agricultores (colonos) assentados em terras indígenas pelo INCRA – é traumático para os Amondawa. Alguns indivíduos, quando questionado sobre o nome do pai ou da mãe, dizem não saber e remetem a questão para seus tios ou tias, quem os têm criado.

De fato, os Amondawa é que buscaram o contato no Posto de Atração dos Jupa'u [Uru-Eu-Wau-Wau]. Traziam seus doentes e já estavam muito deles enfermos e prestes a morrer. [...] Região de conflito intenso, com constantes invasões de lavradores, garimpeiros, madeireiros e toda sorte de usurpador, os Amondawa estão no “olho do furacão” (PEGGION, 2011, p. 85).

Os próprios Amondawa relatam à FUNAI que estão cercados por invasores, após a construção da BR-429 (que interliga os municípios rondonienses de Presidente Médice e Costa Marques) e do Projeto Bom Princípio, do INCRA, ao sul da Terra Indígena Uru-Eu Wau-Wau.

Recolocados numa região fronteira dentro da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau já demarcada, mas nas proximidades dos assentamentos do INCRA, alguns Amondawa,

[...] foram atraídos pela bebida, contraíram tuberculose e sofreram aliciamento por parte de madeireiros. Por estes motivos, a FUNAI resolveu transferi-los daquele local para um outro lugar mais interiorizado na área indígena, com o objetivo de afastá-los dessas relações conturbadas com os colonos (Silva, 2000: 19 apud PEGGION, 2011, p. 89).

Os Amondawa têm forte decréscimo populacional logo após o contato. Em 1991, são transferidos para a atual localização, aldeia Trincheira, e são contabilizadas apenas 45 pessoas. Esta continua sendo a única aldeia dos Amondawa, à qual está muito próximo de pequenos agricultores do município de Mirante da Serra/RO de onde absorvem muitas

interferências, gerando uma descaracterização cultural com forte presença da língua portuguesa, o que os torna bilíngues fluentes rapidamente.

A forte pressão no entorno da Terra Indígena e o desastroso processo de contato torna compreensível a configuração atual. A presença intensiva da FUNAI não impede a invasão do território e por adotar uma visão equivocada da questão indígena coloca os Amondawa dentro do sistema mercantil, sem preocupar-se com seu *modus vivendi*. No entanto, numa comunidade onde a maioria é formada por jovens, adolescentes e crianças, a cultura material ainda pode ser vista e presenciada pois sua confecção vem dos poucos idosos. A cultura imaterial é fragmentada e tudo indica, que nesse ritmo, a língua materna dos Amondawa pode ser seriamente afetada, ainda num futuro próximo.

O impacto socioambiental sofrido pelo povo Amondawa não é diferente dos povos indígenas contatados a mais tempo. “Chamados a participar da economia mercantil da região, desorganiza-se seu sistema de provimento da subsistência, quebrando-se os antigos núcleos de cooperação e aumentando cada vez mais sua dependência em relação à sociedade nacional” (RIBEIRO, 1985, p. 211).

I.2.3. Grupos Kagwahiva em situação de isolamento voluntário

Somente no território brasileiro há evidência de, pelo menos, uma centena de grupos indígenas em situação de isolamento voluntário. E por isso, o número exato das distintas línguas e famílias linguísticas é ainda desconhecido (CAMPBELL, 2012).

A denominação "povos indígenas isolados" se refere especificamente a grupos indígenas com ausência de relações permanentes com as sociedades nacionais ou com pouca frequência de interação, seja com não-índios, seja com outros povos indígenas²⁰.

Os registros históricos demonstram que a decisão de isolamento desses povos pode ser resultado dos encontros com efeitos negativos para suas sociedades, como infecções, doenças, epidemias e morte, atos de violência física, espoliação de seus recursos naturais ou eventos que tornam vulneráveis seus territórios, ameaçando suas vidas, seus direitos e sua continuidade histórica como grupos culturalmente diferenciados.

Há grupos falantes da língua Kawahib que se enquadram em situação de isolamento voluntário, conforme informações de entidades indigenistas e indígenas circunvizinhos às localidades desses grupos. Alguns desses grupos, inclusive, são

²⁰ Conforme está disponível no site da FUNAI: <http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoas/povos-indigenas-isolados-e-de-recente-contato>. Acesso em 09/04/2017; 12:52h.

reconhecidos como “parentes” que recusam o contato, independentemente se mantinham ou não alianças amigáveis, em período anterior ao contato com os não-indígenas. É caso, por exemplo, dos Jurure’i em relação aos Amondawa. O mesmo acontece em relação aos Tenharim os quais reconhecem como “parentes” o grupo Kagwahiva isolado do alto rio Marmelos.

QUADRO 2: Grupos em situação de isolamento voluntário (de língua Kawahib)

Referência/povo	Município	Situação da Terra Indígena	Fonte	Situação de risco
Isolados do alto rio Marmelos	Humaitá/AM; Manicoré/AM; Machadinho d’Oeste/RO	Sem providência	Indígenas Tenharim; CIMI	Frente econômica do agronegócio; PCH Tabajara; PAC 2.
Isolados do rio Pardo	Apuí/AM; Colniza/MT	T.I. Kawahiva do rio Pardo (identificada, com contestações na Justiça)	CIMI; FUNAI; indígenas Arara e Cinta Larga; mateiros.	Condomínio de fazendas; grilagem dentro da terra indígena; invasão de madeireiros; próximos à Rodovia MT-206 e instalações de garimpo.
Isolados Kawahib ou Piripkura do rio Madeirinha	Colniza/MT; Rondolândia/MT	Grupo de Trabalho da FUNAI	CIMI; FUNAI; OPAN	Invasão de fazendas; risco de extinção.
Isolados da Terra da Onça (Jurure’i)	Alvorada d’Oeste/RO; Urupá/RO	Sem providência. Decisão Judicial determina a demarcação	CIMI; FUNAI	Invasão de colonos e fazendeiros; próximos à Rodovia BR-429
Isolados do rio Formoso e Jaci-Paraná	Nova Mamoré/RO; Buriti/RO; Campo Novo/RO	Sem providência	CIMI; indígenas Oro Wari’; CUNPIR	Invasão de fazendas

A FUNAI possui um órgão responsável para proteger a região onde são indicadas as referências a esses grupos sem contato, a Coordenação Geral de Índios Isolados e Recém Contatados (CGIIRC). Em toda a América Latina, o Brasil é o único país a ter um órgão específico para desenvolver políticas de proteção aos isolados. No entanto, ainda são grupos em situação vulnerável e ameaçados constantemente por madeireiros, mineradoras, garimpeiros, etc.

Os Jurure’i, por exemplo, falantes da língua Kawahib, mesmo com a perda de seu território de origem e com número populacional reduzido, resistem ao contato e persistem no isolamento voluntário. São atacados tanto por seringueiros na época da frente extrativista da borracha como por garimpeiros. Suas terras tradicionais, que compreendia a região dos rios Muqui e Ricardo Franco, na Serra de Moreira Cabral, não deveriam ter ficado fora da demarcação da atual Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau, mas a região é ocupada em alta velocidade, inclusive por projetos de colonização promovidos pelo INCRA (LEONEL, 1995).

A Funai conseguiu, em novembro de 1986, um contato com um casal na região dos jurureis. Estavam em uma rede, quando foram surpreendidos. O homem tremeu, de medo e de raiva, porque não conseguia alcançar seu arco. A mulher, mais acessível, disse ao intérprete parintintim (cavaíba) que eram mais de cinquenta neste grupo. Marcaram um encontro, mas a Funai não compareceu por falta de recursos. Um funcionário, intérprete parintintim, estimou o grupo jururei em mais de cem pessoas, pelas informações dos demais uruúus-au-aus (LEONEL, 1995, p.126-127).

Christ (2009) descreve a situação dos Piripkura, grupo Kagwahiva em situação de isolamento voluntário, localizados entre os rios Branco e Maeirinha, no Estado do Mato Grosso:

São conhecidos pela denominação Piripkura, dada pelos seus vizinhos Gavião-Ikoleng, do povo Mondé e significa borboleta, mariposa. Aqueles que não param em lugar nenhum e são frágeis. Existem muitas referências históricas sobre os Tupi Kawahib no Madeirinha, em 1923 Curt Nimuendajú citou os Ntogapid, e em 1980 Julio Melati os Itogapuk. Há fontes históricas e etnográficas antigas que demonstram a distribuição dos Kawahiva em pequenos grupos locais com território determinado e ocupando uma extensa região nos interflúvios e afluentes dos rios Aripuanã, Guariba, Roosevelt e Machado (CHRIST, 2009, p. 132).

Os Piripkura localizam-se na região dos municípios de Colniza, Rondolândia e Aripuanã (Mato Grosso). Eram cerca de 20 pessoas quando a FUNAI fez o primeiro contato no final da década de 1980 e, logo após, retornam para a floresta. Desde então, o contato é restabelecido com três membros do grupo. Uma mulher pertencente a esse grupo foi descoberta em uma fazenda, quando mantida como escrava dos peões. Hoje se encontra casada com um Karipuna. É testemunha e narra o massacre sofrido por seu povo na década de 1980, quando homens armados invadem sua aldeia e várias pessoas são decapitadas e as casas incendiadas.

Em 1998, dois homens Piripkura saem da floresta por vontade própria. Um deles estava doente e foi hospitalizado. Durante o curto período de tempo que passou no hospital, narra quando o seu povo era mais numeroso e descreve como eles haviam sido massacrados por pessoas brancas. É provável que há outros sobreviventes Piripkura. O perigo é iminente para esse grupo devido às constantes invasões por madeireiros ilegais que bloqueiam caminhos na floresta para impedi-los de caçar.

Os Kagwahiva do rio Pardo, outro grupo em situação de isolamento voluntário, são caçadores-coletores. Várias expedições já realizadas, tanto de sertanistas como da própria FUNAI, trazem a informação da existência de fazendas e madeiras, as quais estão cada vez mais próximas do território tradicional desse grupo Kagwahiva. Foram encontrados acampamentos abandonados, garrafas *pets* utilizadas para guardar mel e outras evidências da

presença destes indígenas que, explicitamente, sofrem invasão do território e se escondem na floresta.

Existe ainda a preocupação com as doenças que estes indígenas podem contrair, com o crescente cerco das fazendas devido, especialmente, ao fato de não terem imunidade às doenças. Além disso, há informações do Regional do Cimi no Mato Grosso de que pistoleiros são contratados para expulsá-los, deixando a área livre para os fazendeiros e a exploração de madeira (CIMI, [2015] 2016, p.155).

Em 2017, houve denúncias afirmando que vereadores e o próprio prefeito do município de Colniza/MT pressionaram o Governo Federal a reduzir drasticamente a terra indígena onde se localizam os Kagwahiva do rio Pardo. Acredita-se que até mesmo o Ministro da Justiça, da época (abril/2017) simpatizasse com as propostas dos vereadores (SURVIVAL INTERNATIONAL, website, abril/2017). A Terra Indígena Kawahiva do rio Pardo há anos vem sendo explorada ilegalmente por madeireiros. A ação de reduzi-la irá contemplar apenas interesses particulares de construtores de rodovias, madeireiros, fazendeiros e plantadores de soja.

Todos os povos em situação de isolamento voluntário estão vulneráveis, a não ser que suas terras sejam protegidas. Vivem em fuga constante diante das frequentes invasões que ocorrem em suas terras tradicionais, seja por construções de estradas, condomínios de fazendas e a exploração de madeira. Além de perderem suas terras, ficam expostos às doenças às quais não têm resistência imunológica.

CAPÍTULO II

II. LÍNGUA KAWAHIB

II.1. Classificação genética

Com base em informações de cunho arqueológico e linguístico, a planície amazônica a leste do rio Madeira, mais precisamente o atual território do Estado de Rondônia, é indicada como sendo a região onde teria se produzido a especialização linguística Tupi-Guarani. Conforme Miller (2009), desde 1958, a “terra natal” do tronco Tupi foi proposta sendo a área que circunda os rios amazônicos Guaporé, Madeira e Aripuanã (Rodrigues, 1958a, 1964 apud MILLER, 2009, p. 35). Essa mesorregião, precisamente na localização do alto rio Machado (ou rio Ji-Paraná), no Estado de Rondônia, é apontada como hipótese segura como centro de difusão desse tronco linguístico.

Pesquisas arqueológicas, que vêm sendo realizadas desde 1964, demonstram que o espaço físico arqueológico é o mesmo que o espaço físico linguístico, corroborando que “[...] o Kawahíb arqueológico e o Kawahíb linguístico estava (sic) assentado ao longo das margens direita e esquerda do alto rio Ji-Paraná e afluentes, [...]” (MILLER, 2009, p. 70). De quase todas as famílias linguísticas do tronco Tupi até agora reconhecidas se concentram na região entre os rios Guaporé e Machado (ou Ji-Paraná).

Meggers (1974) fixa em 2.500 anos atrás, aproximadamente, uma dispersão geográfica da família linguística Tupi-Guaraní que teria levado às posições em que são encontrados seus representantes à época do contato com o europeu (Meggers, 1974, p. 05 apud MENÉNDEZ, 1989). Também com base em dados linguísticos, Lathrap (1975) localiza o lugar de origem de uma cultura Proto Tupi-Guarani na margem sul do curso médio do rio Amazonas, abaixo da foz do Madeira. Os grupos aí situados, que possuíam como base econômica a adaptação à várzea, sofrem pressões populacionais, o que leva a esses antigos antecessores dos Tupi-Guarani a movimentar-se ao longo do curso do Amazonas, onde são bloqueados pelos Aruak. Mas “alguns grupos coloniais cedo subiram o rio Madeira e os seus afluentes orientais, o Aripuanã e o Paraná, acabando por se estabelecer em pequenas manchas de terra aluvial, no sopé da serra dos Parecis, dando origem a cinco ou seis famílias divergentes” (LATHRAP, 1975, p. 81).

A família linguística Tupi-Guarani é constituída de aproximadamente quarenta línguas fortemente relacionadas, com uma vasta distribuição geográfica na América do Sul, alcançando desde o litoral do Brasil (leste), as margens do Amazonas na fronteira Brasil-Peru

(oeste), sul da Guiana Francesa (norte) e sul do Brasil, Paraguai e norte da Argentina. A similaridade entre as línguas sugere uma expansão com grande rapidez, principalmente no sul e litoral do Brasil (MELLO, 2000, p. 11).

Sabemos através dos estudos linguísticos que toda língua está em constante mudança e as mudanças numa comunidade linguística não coincidem necessariamente com as mudanças em uma outra. A multiplicação de línguas por cisão de comunidades linguísticas não esgota os casos de surgimento de novas línguas (RODRIGUES, 2011).

Constatamos que os estudos antropológicos e linguísticos progredem enormemente entre 1900 e 1950 referente à região da bacia hidrográfica do rio Madeira. Enquanto não se faz um acúmulo maior de dados e não se elaboram mais detalhes, conclui Rodrigues (2011), “coloca-se em questão algumas hipóteses gerais ou particulares presentes na literatura sobre a história e a pré-história dos povos Tupi-Guarani” (RODRIGUES, 2011, p. 247). Este é o caso de hipóteses tais como da origem Tupinambá dos povos Kagwahiva (KRACKE, 1978).

De acordo com Ramirez (2006), do tronco Tupi, da família Tupi-Guarani nesta região do alto e médio rio Madeira, constituem duas línguas: o Guarayu, nas regiões de San Pablo ao Paraguá (Santa Cruz - Bolívia) e o Kawahib em Rondônia e sul do Amazonas.

A classificação da língua Kawahib resulta de um critério linguístico proposto por Aryon Rodrigues para diversos povos falantes da família linguística Tupi-Guarani que vivem na região Sul do Estado do Amazonas e nas regiões Centro e Norte de Rondônia (RODRIGUES, 1986, 2012). Além destes, há povos que falam o Kawahib, mas que se encontram em isolamento voluntário.

O agrupamento interno das línguas da família Tupi-Guarani em oito subgrupos foi proposto primeiramente por Rodrigues ([1984-1985] 2011) e, posteriormente, essa classificação foi revisada em 2002 (RODRIGUES & CABRAL, 2002).

Jensen (1998) menciona que os subgrupos de Rodrigues (1984-1985) se baseiam em conjuntos de características fonológicas; numa seleção limitada de elementos fonológicos e lexicais, com informações gramaticais apenas de ordem marginal.

Nessa primeira classificação elaborada por Rodrigues ([1984-1985] 2011), o Kayabi estava no **subgrupo V** e no **subgrupo VI** todos os Kagwahiva (Setentrionais e Meridionais) com possibilidades de incluir neste último subgrupo também o Apiaká.

QUADRO 3: Subconjuntos V e VI.

FONTE: RODRIGUES, ([1984-1985] 2011), p. 239-240.

Subconjunto V	Subconjunto VI
<p>Características mais gerais em relação ao PTG: (a) conservação das consoantes finais; (b) fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h ou zero; (c) mudança de *pw em f (bilabial); (d) mudança de *pj em s; (e) mudança de *j em dj; (f) marcas pronominais de 3ª pessoa masculina, feminina e plural.</p> <p>Línguas e/ou dialetos: Kayabí, Asuriní do Xingu, Araweté (?)</p>	<p>Características mais gerais em relação ao PTG: (a) conservação das consoantes finais; (b) fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h; (c) mudança de *pw em kw (Parintintín, Apiaká) ou em fw, f (Tupí-Kawahíb); (d) conservação de *pj; (e) conservação de *j; (f) marcas pronominais de 3ª pessoa masculina, feminina e plural, comuns ao homem e à mulher.</p> <p>Línguas e/ou dialetos: Parintintín (Kagwahíb) Tupí-Kawahíb, (Tupí do Machado, Pawaté, Wiraféd, etc.), Apiaká (?)</p>

Dietrich (1990) apresenta sua classificação estabelecendo uma base para avaliar o grau real de semelhanças fonológicas e morfológicas. De acordo com Jensen (1998), enquanto os subgrupos de Rodrigues (1984-1985) estão baseados em conjuntos de características fonológicas, a classificação interna da família Tupi-Guarani elaborada por Dietrich (1990) adota as evidências fonológicas e morfológicas, realizando um tipo diferente de estudo, pelo qual mede o grau de conservadorismo fonológico e morfológico de várias línguas.

O estudo comparativo de Dietrich (1990) inclui 29 línguas dessa família linguística, e assinala que há uma rede de relações entre línguas, mas não apresenta existir, de fato, uma classificação no sentido de constituição de classes de línguas, como propõe Rodrigues (1984-1985). Dietrich (1990) ressalta que seu estudo comparativo não tem como objetivo apresentar um estudo tipológico, mas uma classificação interna explicitando a rede de afinidades entre as línguas da família linguística Tupi-Guarani, e conclui: “Não existem classes reais, mas grupos de não mais do que duas ou três línguas cognatas e grupos de línguas próximas que compartilham uma série de características fonológicas e morfológicas”²¹ (DIETRICH, 1990, p.116). Jensen (1998) analisa que, nesse sentido, Dietrich (1990) não concorda com os subgrupos propostos por Rodrigues (1984-1985).

²¹ There are no actual classes, but groups of not more than two or three close cognate languages and groups of languages which share a number of phonic and morphological characteristics (DIETRICH, 1990, p. 116).

Em 2002, Rodrigues & Cabral publicam uma revisão da classificação interna tendo agora como base critérios fonológicos e também gramaticais. Essa revisão, além de incluir novas línguas na família Tupi-Guarani, exclui outras, reajustando os agrupamentos de línguas. Rodrigues & Cabral (2002) agrupam ao **Ramo VI** todos os povos Kagwahiva (Setentrionais e Meridionais) acrescentando, agora, também os Kayabi e Apiaká.

A classificação interna da família Tupi-Guarani ficou esquematizada na nova proposta reproduzida abaixo:

QUADRO 4: Ramos da família Tupi-Guarani.

FONTE: RODRIGUES & CABRAL, 2002, p. 335-336.

RAMO I – Guarani Antigo; kaiwá (kayová, Pãii), Ñandeva (Txiripá), Guarani Paraguaió; Mbyá; Xetá (Serra dos Dourados); Tapieté, Chiriguano (Ava), Izoceño (Chané); Guayakí (Axé)

RAMO II – Guarayo (Guarayú); Sirionó, Horá (Jorá)

RAMO III – Tupí, Língua Geral Paulista (Tupi Austral); Tupinambá, Língua Geral Amazônica (Nhe'engatú)

RAMO IV – Tapirapé; Assurini do Tocantins, Parakanã, Suruí (Muetire); Avá-Canoeiro; Tembé, Guajajara, Turiwára

RAMO V – Araweté, Ararandewára-Amanajé, Anambé do Cairari; Assurini do Xingu

RAMO VI – Kayabi, Apiaká; Parintintin (Kagwahib), Tupí- Kawahib (Tupí do Machado, Pawaté, Wiraféd, Uruwauwau, Amondáva, Karipúna, etc.); Juma

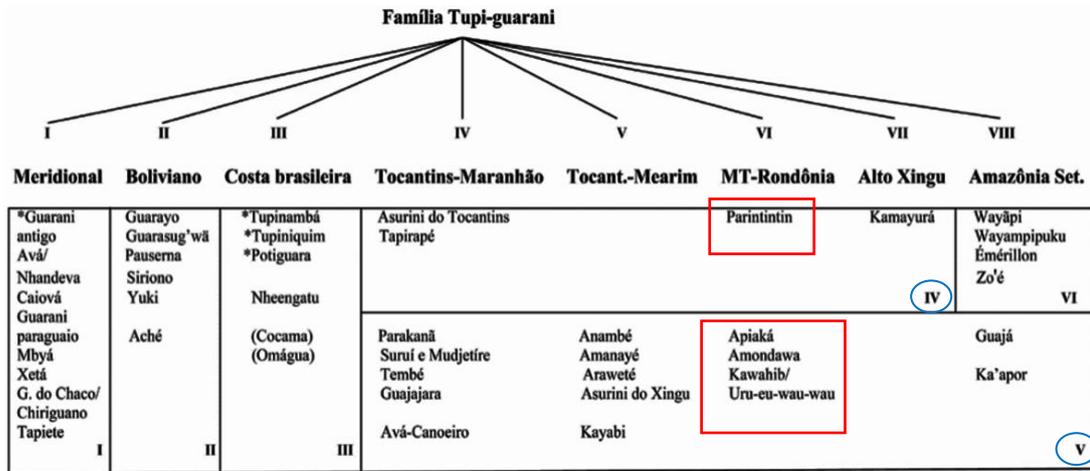
RAMO VII – Kamayurá

RAMO VIII – Urubu-ka'apor, Anambé de Ehrenreich; Guajá,; Awré e Awrá; Takunhapé

Dietrich (2010) também aprimora sua classificação, contando com critérios da fonologia histórica, como também critérios geográficos e traços morfossintáticos próprios para cada grupo. Nessa sua análise, a família Tupi-Guarani está classificada em oito grupos, de acordo com suas referências geográficas (cf. Quadro 5, abaixo). Ao “Grupo do Xingu-Tocantins-Gurupi” insere o Kayabi; e ao “Grupo do Norte de Mato Grosso e de Rondônia” inclui o Apiaká e os Kagwahiva Setentrionais e Meridionais. Assim, a classificação de Dietrich (2010) está mais próxima da primeira classificação proposta por Rodrigues ([1984-1985] 2011). Esse agrupamento caracteriza-se por critérios da fonologia histórica específica de cada grupo e pelos critérios geográficos.

QUADRO 5: Agrupamento geográfico e tipológico das línguas FTG.

FONTE: DIETRICH, 2010, p. 25.



As línguas agrupadas por baixo dos números I a VIII e das referências geográficas esquematizadas caracterizam-se por critérios da fonologia histórica específica de cada grupo e pelos critérios geográficos. Nos números I a III, estes critérios coincidem com comportamentos morfossintáticos comuns a cada grupo. As línguas agrupadas por baixo dos números IV a VIII superiores formam grupos tipológicos de traços morfossintáticos próprios (números IV a VI inferiores) – DIETRICH (2010, p. 25).

Dietrich (2010) insere em sua análise os grupos que formam traços morfossintáticos próprios. Por este viés, o Kayabi, Apiaká e os Kagwahiva Meridionais estão no mesmo grupo, excetuando os Kagwahiva Setentrionais – representado pelo povo Parintintin – (cf. grupos IV e V inferiores, localizados no Quadro 5). Considerando a classificação interna das línguas Tupi-Guarani quanto aos aspectos morfossintáticos que Dietrich (2010) apresenta, os Kagwahiva Meridionais se distanciam linguisticamente dos Kagwahiva Setentrionais.

No que se refere à intercompreensão linguística e ao sistema de parentesco dos Kayabí, Apiaká e dos Kagwahiva Setentrionais e Meridionais, Kracke (2007) os classifica como “grupo ancestral Cauahib”.

A língua Kagwahiv foi classificada por Martius (1867, citado em Nimuendajú 1924:205) como uma língua Tupí Central, assim como Apiaká e Kayabí, todas as três originalmente (no século XIX) localizadas em torno dos rios Arinos e Juruena, formadores do rio Tapajós. O grupo ancestral “Cauahib” foi expulso da confluência Arinos-Juruena no início do século XIX (KRACKE, 2007, p. 24).

II.2. Registros e Estudos Linguísticos

Nimuendajú (1924) através de uma comparação dialetal entre os Kagwahiva da região do alto rio Machado (Estado de Rondônia) com os do médio Madeira (sul do Estado do

Amazonas) verifica que há pouca diferença entre estes dois grupos. Em 1921 e 1922 elabora um vocabulário sobre os “antigos cavaíbas”. E assim devem-se a ele as primeiras identificações linguísticas desses grupos. Após esse trabalho pioneiro de Nimuendajú, a bibliografia sobre os Kagwahiva tem um crescimento importante e diversos estudos são publicados sobre aspectos da história e cultura desta sociedade.

Somente com a abertura da Rodovia BR-230, nos fins dos anos de 1960 e início da década de 1970 é que reaparecem novas informações sobre estes grupos de língua Kawahib do médio rio Madeira.

Lévi-Strauss ([1938] 1958) também elabora uma lista de palavras quando esteve entre os “Tupi-Cawahib” do rio Machado.

Além dos vocábulos apresentados por Nimuendajú (1924) e por Lévi-Strauss (1958), Helen Pease e LaVera Betts, duas linguistas do Summer Institute of Linguistics, organizam cartilhas didáticas para a alfabetização, primeiramente dos Parintintin e em seguida dos Tenharim. Pease & Betts (1971) também publicam um pequeno estudo sobre a fonologia do dialeto falado pelos Parintintin (Parintintin Phonology). Produzem um levantamento fonológico onde é apresentada uma descrição sucinta do sistema sonoro em todos os níveis, focalizando maiores detalhes no fenômeno da nasalização²². Nesse estudo preliminar da língua Kawahib, o sistema consonantal é formado por 14 fonemas os quais contrastam em seis pontos na articulação. Quanto ao sistema vocálico descrito por Pease & Betts (1971) apresenta 12 fonemas, os quais contrastam em relação à qualidade oral e nasal, distribuídos nas posições frontal, central e posterior, e relativamente em posições alto e baixo. Prosseguem dizendo que a nasalização é uma característica difusiva da fonologia Parintintin, como pode ser vista na lista de fonemas e suas variantes que Pease & Betts (1971) elencaram em seus trabalhos.

Esta característica é de especial interesse porque é possível prever a ocorrência de alofones da série nasal de consoantes de seu ambiente fonológico, e a nasalização das vogais é previsível em alguns, mas não em todos os ambientes (PEASE & BETTS, 1971, pág. 6)²³.

²²Nasalization is a pervasive feature of Parintintin phonology, as may be seen from the list of phonemes and their variants. This feature is of special interest because it is possible to predict the occurrence of the allophones of the nasal series of consonants from their phonological environment, and the nasalization of vowels is predictable in some, but not all, environments. The occurrence of nasalization with both vowels and consonants will now be more fully described, and an attempt made to account for the partial predictability of the phenomenon by the recognition of phonemes as (1) inherently oral, (2) potentially nasal, or (3) inherently nasal (PEASE, Helen; BETTS, LaVera, 1971, p. 6).

²³ This feature is of special interest because it is possible to predict the occurrence of the allophones of the nasal series of consonants from their phonological environment, and the nasalization of the vowels is predictable in some, but not all, environments (PEASE & BETTS, 1971, p. 6).

Pease ([1968] 2007) apresenta uma primeira gramática da língua Kawahib (Parintintin Grammar) e também elabora uma lista de palavras similares entre os dialetos Juma e Parintintin (Juma – Parintintín Similarities²⁴) com algumas informações fonológicas da língua Juma (PEASE ([1977] 2010)).

De maneira sucinta, Arne & Joyce Abrahamson (1974) descrevem que a nasalização, como acontece em muitas línguas do tronco Tupi, é um aspecto evidente na fonologia da língua falada pelos Juma.

Posteriormente, Betts (1981) publica o dicionário Parintintin-Português/Português-Parintintin, importante instrumento para o conhecimento da língua Kawahib. Uma edição póstuma (Betts, 2012) é proposta por seus colaboradores. O Prefácio do *Kagwahiva Dictionary* (Betts, 2012), de autoria de Alan Vogel, nos informa que esse dicionário resulta do trabalho realizado por LaVera Betts durante décadas entre os Kagwahiva, especificamente, com os Parintintin e os Tenharim. Helen Pease colabora com a organização dessa obra que se propõe apresentar uma comparação entre as línguas Parintintin e Tenharim, especialmente. No entanto, como o próprio prefácio nota, esse dicionário Kagwahiva póstumo propõe uma comparação dialetal incompleta e muito limitada, no qual os colaboradores dificilmente souberam interpretar as lacunas encontradas no manuscrito deixado pela autora.

A partir de uma perspectiva sincrônica, o trabalho comparativo preliminar de Sampaio (1998)²⁵ sobre os dialetos da língua Kawahib baseia-se nos princípios da Léxico-estatística por meio do método de inspeção. Utiliza, como base comparativa, as similitudes fonéticas entre os dialetos falados pelos povos Parintintin (incluindo alguns integrantes do povo Tenharim considerado, na época, como subgrupo dos Parintintin) e Uru-Eu-Wau-Wau ou Jupa'u (considerando os Amondawa, naquele momento, também como um subgrupo). Sabemos que durante o último século ocorreram repetidas fusões de grupos com prováveis interferências linguísticas que tornam o método léxico-estatístico não tão eficaz para estabelecer as verdadeiras relações de parentesco entre os grupos estudados. Uma vez estabelecido o contato pelos não-indígenas, muitos povos sucumbiram como sociedades autônomas, como interlocutores de uma mesma língua ou dialeto, devido às diversas doenças e políticas anti-indígenas impostas. “Uns morreram, outros se submeteram à escravidão, foram assimilados ou deslocaram e se integraram a outros grupos indígenas” (MILLER, 2009,

²⁴ Lista de palavras com pouco mais de 300 itens lexicais providos do léxico Parintintin que, segundo Pease (1977), “I heard and/or used with the Juma Indians in our 6 days of intermittent contact with them in June, 1976, and which we felt were being used or understood in a similar way to the Parintintín”.

²⁵ Seguimos o ano de publicação mencionado na ficha catalográfica: 1998; entretanto, o referido trabalho é comumente mencionado como Sampaio (1997).

p. 105). Exemplos desse processo de fusão de grupos pela manutenção da vida, podemos citar os Apirande entre os Parintintin; os Juma entre os Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u) e os Jiahui que viveram décadas entre os Tenharim, até aqueles reconquistarem parte de sua terra tradicional, embora muitas famílias ainda se mantenham dispersas em cidades de Rondônia e sul do Amazonas.

Sampaio (1998) afirma que os povos Kagwahiva (Tenharim, Parintintin, Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u) e Amondawa) são variedades de uma única língua e compartilham de um mesmo sistema fonêmico, com pequenas diferenças nas realizações fonéticas de alguns fonemas, principalmente os nasais.

A comparação das correspondências fonêmicas, na Tabela 1, mostra uma aproximação maior entre as variedades linguísticas analisadas (SAMPAIO, 1998).

TABELA 1: Percentuais de similaridades fonética e fonêmica.

FONTE: SAMPAIO, 1998, p. 84

Interseção	Percentual de Similaridade Fonética	Percentual de Similaridade Fonêmica
TEN/PAR	86%	89.75%
TEN/URU	75%	80.5%
TEN/AMO	73.75%	78.5%
PAR/URU	83.75%	91.25%
PAR/AMO	77.75%	85.75%
URU/AMO	89%	93.5%

TEN – Tenharim; PAR – Parintintin; URU – Uru-Eu-Wau-Wau; AMO – Amondawa

Segundo Cardoso (1989 apud SAMPAIO, 1998) “os Uru-eu-uau-uau são classificados linguisticamente como um grupo Tupi-Kawabib” e “a extrema facilidade com que se comunicam com índias Parintintin e Tenharim não deixa dúvidas de que as diferenças existentes são apenas de ordem dialetal” (Cardoso, 1989, p. 06 apud SAMPAIO, 1998, p. 11). Contudo, essa constatação empírica não é o suficiente para se concluir que se trata da ocorrência de inteligibilidade mútua entre línguas diferentes ou simplesmente entre as variações linguísticas dos dialetos falados pelos Kagwahiva Setentrionais e Meridionais.

Sampaio (1998) conclui:

Os resultados a que chegamos, sob o ponto de vista da linguística comparativa sincrônica, confirmam a hipótese de que o Parintintin e o Uru-eu-uau-uau se constituem numa única língua, ou seja, são variedades linguísticas. Assim,

acreditamos ser este um estudo - muito embora preliminar - que pode contribuir para com uma revisão na classificação interna das línguas do grupo Tupi-Kawahib (SAMPAIO, 1998, p. 86).

Posteriormente, Sampaio (2001) realiza uma análise dos dados utilizando métodos da Linguística Comparativa (método da inspeção), através da fonostatística e léxico-estatística. Em seguida aplica uma análise baseada na metodologia da Sistemática Filogenética a partir dos grupos internos de língua Kawahib. Obteve, para suas análises, 200 itens lexicais de cada um dos seguintes povos indígenas: Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa'u), Karipuna, Juma, Parintintin, Jiahui (Diahoi) e Tenharim (como grupo interno), agregando também os Tembê, os Kayabi e os Wayampi (como grupo externo)²⁶.

TABELA 2: Percentual de similaridade fonética.

FONTE: SAMPAIO, 2001, p. 69

	PAR	URU	AMO	KAR	DIA	JUM	KAY	TEN	WAY
TEN	85.8	67.1	65.7	71.0	57.3	59.1	45.2	43.0	45.1
PAR		69.8	67.0	68.0	54.6	59.3	42.7	41.2	45.3
URU			86.1	70.4	52.2	60.0	41.0	37.1	36.6
AMO				85.1	54.1	60.4	40.2	37.6	36.8
KAR					34.5	62.1	44.9	40.8	45.4
DIA						47.3	36.7	34.7	35.2
JUM							43.9	40.1	41.5
KAY								52.7	51.8
TEN									52.5

TEN– Tenharim; PAR – Parintintin; URU – Uru Eu Wau Wau; AMO – Amondawa; KAR – Karipuna; DIA – Diahoi (Jiahui); JUM – Juma; KAY – Kayabi; TEM – Tembê; WAY – Wayampi.

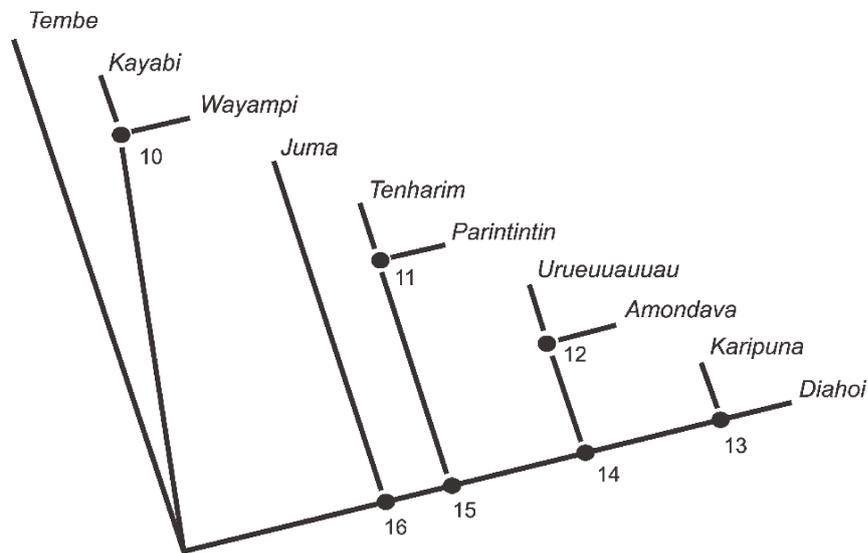
Quanto aos resultados fundamentados nos princípios da léxico-estatística, considerando as similaridades globais, Sampaio (2001) conclui que há um total de 86,10% de semelhança entre os dados linguísticos comparados. “Isto nos sugere que todas as línguas

²⁶ Sampaio (2001) não realizou trabalho de campo para a coleta de dados linguísticos entre os povos Juma, Kayabi e Wayampi. Sua fonte de dados, em relação a esses povos, foi: Juma: Betts & Pease (1977) e Abrahamson (1963); Kayabi: Dobson (1988); Wayampi: Jensen (1984).

possuem alto grau de intercompreensão, pois o número de possíveis cognatos compartilhados é bastante elevado” (SAMPAIO, 2001, p. 70-71). Também postula a hipótese de que os dialetos da língua Kawahib se constituem e se suportam realmente como grupo coeso, e provêm de uma única língua ancestral.

Através da aplicação da análise Sistemática Filogenética – representado abaixo pela Figura 4 –, Sampaio (2001) apresenta a seqüência evolutiva e as relações de parentesco entre as línguas indicando a existência de um grupo interno que se diferencia do grupo externo.

FIGURA 4 – Cladograma (SAMPAIO, 2001)



FONTE: SAMPAIO, 2001, p. 73

O cladograma acima representa um determinado momento na história evolutiva em que acontece uma divergência da língua ancestral. “A seqüência dos passos evolutivos representados na árvore [cladograma], sugerem que o juma (nó 16) foi a primeira língua a distanciar-se da língua ancestral e figura como um grupo irmão de todas as línguas do grupo interno” (SAMPAIO, 2001, p. 73-74). Conclui que há divergências nos resultados entre os métodos fonostatístico e léxico-estatístico²⁷. As análises fonostatística e filogenética afirmam ser o dialeto Jiahui o mais distante dos demais dialetos da língua Kawahib, enquanto a léxico-estatística aponta ser o dialeto Juma o menos semelhante aos demais dialetos do grupo interno. Quanto à língua Kayabí – que Rodrigues & Cabral (2002) a inserem no Ramo

²⁷ “[...] vimos que cada um deles nos aponta uma direção diferente: os critérios da fonostatística nos sugerem a existência de pelo menos dois distintos grupos de línguas; os critérios da lexicoestatística nos sugerem que todas as línguas pertencem a um único grupo” (SAMPAIO, 2001, p. 71).

VI, junto aos dialetos da língua Kawahib –, Sampaio (2001) destaca que está em uma posição que a excluiu do grupo da língua Kawahib, aproximando-a das línguas Tembé e Wayampi, conforme o resultado obtido em suas análises.

Aguilar (2015) contesta a hipótese de Sampaio (2001) argumentando que a língua falada pelos Kayabi deve ser também agrupada ao complexo linguístico-cultural Kagwahiva, constituindo assim o ramo Kawahib, conforme é proposto por Rodrigues & Cabral (2012).

Diante dessa relevante discussão, queremos contribuir nesse estudo comparativo apresentando um estudo sincrônico da fonologia da língua Kawahib, alguns de seus processos fonológicos e morfofonológicos, com os respectivos dialetos: Tenharim e Jiahui (Kagwahiva Setentrionais) e Amondawa (Kagwahiva Meridionais).

II.3. Fonologia

Apresentamos a fonologia da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) adotando nesta pesquisa, de um ponto de vista estritamente fonológico, que se trata de uma mesma *língua*, isto é, concluímos que os falares dos três grupos pesquisados (Tenharim, Jiahui e Amondawa) constituem-se dialetos da mesma língua Kawahib.

Estudos precedentes afirmam que as similaridades fonêmicas indicam ocorrer variedades linguísticas e não manifestação de línguas diferentes entre si (cf. SAMPAIO, 1998; 2001). Rodrigues ([1984-1985] 2011) corrobora o conceito de que há uma só língua e grupos de dialetos na constituição da língua Kawahib, quando argumenta, por exemplo, que “O subconjunto VI está constituído pelo Parintintín e pelo **grupo de dialetos** conhecido como Tupí-Kawahib, Tupí do Machado ou Paranawát [...]” (RODRIGUES ([1984-1985] 2011, p. 246, grifo nosso).

Quanto à definição do que é uma língua ou um dialeto, Rodrigues (2009) assegura que uma das tarefas mais difíceis para o linguista tem sido estabelecer critérios para decidir se duas comunidades falam duas variedades de uma mesma língua ou duas línguas distintas (RODRIGUES & CABRAL, 2009, p. 4). Dietrich (1990) vai além ao afirmar que “[...] existem muitos graus de relacionamento, e é difícil e bastante inútil dizer ao qual temos que aplicar a distinção de “língua” versus “dialeto” (DIETRICH, 1990, p. 9). A língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa), com seus dialetos, ratifica a nossa concepção de que “uma língua é uma coleção de dialetos mutuamente inteligíveis” (CHAMBERS & TRUDGILL, 1998, p. 03).

Os Kagwahiva Setentrionais e Meridionais admitem a ocorrência de intercompreensão mútua entre as variedades linguísticas advindas dos dialetos da língua

Kawahib e, inclusive, essas diferenças dialetais atuam como mecanismo que reforça a identidade étnica, como povos distintos.

Dos povos que atualmente constituem os Kagwahiva Setentrionais e Meridionais tomamos, como objeto de análise, os dialetos falados pelos Tenharim e Jiahui como representativos dos Kagwahiva Setentrionais, e o falar dos Amondawa como representante dos Kagwahiva Meridionais, considerando fatores linguísticos, históricos e sociogeográficos. Citamos a argumentação de Kracke (2007), que alega que os Kagwahiva Setentrionais e Meridionais, além de se situarem em pontos geográficos distintos (médio Madeira e alto Machado), também correspondem a uma diferença dialetal: “Certos traços de vocabulário entre os ‘Kagwahiv meridionais’ (os Amondáwa, Jupáú, e Karipuna) parecem mais conservadores do que nos ‘Kagwahiv setentrionais’ (Parintintin e Tenharim)” (KRACKE, 2007, p. 27). Outra justificativa para a escolha daqueles povos para realização da pesquisa é o fato de que estudos linguísticos anteriores sugerem existir uma diferença dialetal significativa entre os povos Tenharim e Jiahui – cf. análises fonostática e filogenética em Sampaio (2001), já apresentadas anteriormente –, razão pela qual incluímos na pesquisa povos pertencentes à mesma classificação etnográfica: Kagwahiva Setentrionais.

A metodologia que sustenta a investigação tem como bases a pesquisa bibliográfica e o trabalho de campo, o qual proporciona um extenso *corpus* a partir de dados de fala destinados ao estudo da estrutura dessa língua. Incluímos pessoas de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias, não elegendo assim um “falante ideal”. Participaram jovens adultos (entre 20 e 40 anos de idade) e também os mais velhos (acima dos 40 anos); homens e mulheres entre os povos Tenharim, Jiahui e Amondawa por meio de entrevistas informais, seguindo um questionário previamente elaborado e organizado em campos semânticos para entender a estrutura e o funcionamento da língua e dialeto específico. Pretendemos demonstrar, durante a análise fonológica da língua Kawahib, “facções da língua que constituem por si um todo orgânico, com uma identidade linguística particular” (CAGLIARI, 2002, p. 112). A transcrição fonética ocorreu em campo, utilizando o IPA (Alfabeto Fonético Internacional), com revisão posterior, quando se mostrou necessário, empregando um software de análise instrumental (PRAAT). Seguindo essa perspectiva metodológica, descrevemos a análise dos dados obtidos procurando não os comparar isoladamente, mas determinando o que é específico de cada dialeto. É mencionado sempre a que povo se referem os itens lexicais aqui apresentados, e a fonologia linear foi o modelo teórico escolhido para representar os processos fonológicos e morfofonológicos nos dialetos da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa).

Apresentamos, em sequência, os fonemas consonantais e vocálicos da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa). Iniciamos pelo quadro das consoantes e suas realizações fonéticas registradas.

II.3.1. Consoantes

QUADRO 6: Fones consonantais

		bilabial	lábio-dental	dental alveolar	pós-alveolar	palatal	velar	glotal
oclusiva	surda simples	p		t			k k ^h	ʔ
	surda labializada						kw	
	sonora simples	b		d			g	
	sonora labializada						gw	
nasal		m		n		ɲ	ŋ	
pré-nasalizada		mb		nd			ŋg ŋgw	
tap				r				
fricativa	surda							h
	sonora	β			ʒ			
africada	surda				tʃ			
	sonora				dʒ			
Aproximante		w	ʋ			j	ɥ	

Descrevemos os fonemas da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) e o modo como eles se organizam estruturalmente na palavra.

Na língua Kawahib os fonemas consonantais se subdividem em obstruintes e soantes.

QUADRO 7: Fonemas consonantais

		labial	coronal		dorsal		laríngea
			+ ant	- ant	- lab	+ lab	
Obstruintes	- cont	p	t	tʃ	k	k ^w	ʔ
	+ cont						h
Soantes	nasal	m	n		ɲ		
	não nasal	ʋ	r	j		w	

Há oposição ou contraste entre os seguintes pares de sons foneticamente semelhantes em contextos fonologicamente idênticos (pares mínimos) ou análogos, o que comprova seu status de fonemas:

[p] : [m]

/p/: [p]	[tu'pã] ‘trovão’ (Ten; Jia; Amo)
/m/: [m]	[tu'mã] ‘mãe’ (Amo)
	[tukũ'mã] ‘tucumã’ (Ten; Jia; Amo)

[k] : [ŋ] ~ [ŋg] ~ [g]

/k/: [k]	[ka'ra] ‘cará (tubérculo)’ (Ten; Jia; Amo)
/ŋ/: [ŋg] ~ [g]	[ŋga'ra] ~ [ga'ra] ‘o que?’ (Amo) ~ [mã'ŋgara] ‘o que?’ (Ten; Jia)
[ŋ]	[ŋã'ha] ‘eles, elas’ (Ten; Jia; Amo)

[t] ~ [tʃ] : [nd]

/t/: [t]~[tʃ]	[ɲãfi'ʔũ] ‘carapanã’ (Ten; Jia) ~ [ɲãtʃi'ʔũ] ‘carapanã’ (Amo)
/n/: [nd]	[ɲãndi'ʔa] ‘mandi’ (Ten; Jia; Amo)

[dʒ] : [nd]

/j/: [dʒ]	[adʒa'hi] ‘azedo’ (Ten; Jia)
	[dʒa'kira] ‘lenha verde’ (Ten; Jia; Amo)
	[dʒa'hi] ‘lua’ (Ten; Jia; Amo)
/n/: [nd]	[ĩnda'dʒa] ‘inajá’ (Ten; Jia; Amo)
	[tukũnda'rɛ] ‘tucunaré’ (Ten; Jia; Amo)
	[nda'hi] ‘não dói’ (Ten; Jia; Amo)

[n] : [ŋ]

/n/: [n]	[a'mãñẽ] ‘chuva’ (Ten; Jia; Amo)
	[mã'kãñẽ] ‘nome próprio masculino’ (Amo)
/ŋ/: [ŋ]	[aetĩmã'kãñẽ] = ‘canela da perna’ (Ten; Jia; Amo) ²⁸
	[aepãĩ'kãñẽ] ‘costelas’ (Ten; Jia; Amo)

A análise de funcionamento e distribuição das consoantes exige um passo prévio, que é a interpretação da estrutura da palavra na língua Kawahib. Sem isso, o padrão silábico fonológico pode ser confundido com sua realização fonética. Tomamos, para esclarecer esse ponto, dois exemplos a partir de itens lexicais que fazem parte das línguas Tenharim, Jiahui e Amondawa:

1.a) ['kaβɐ] ‘vespa’	1.b) [dʒa'warɐ] ‘onça’
2.a) [kaβu'hu] ‘vespa grande’	2.b) [dʒagwa'ri] ‘gato-do-mato’

Como demonstram os dados acima, a vogal átona final nos exemplos em (1) não integra a raiz das palavras, e por isso cai nos casos de derivação ou composição, como se vê em (2). Comparem-se, também, os exemplos a seguir:

3.a) [dʒa'warɐ] ‘onça’	3.b) [dʒawarunu'huɐ] ‘onça preta’ (Amo)
4.a) [pa'kɔvɐ] ‘banana’	4.b) [pakɔvɛ'tɛ] ‘banana verdadeira’ (Ten; Jia; Amo)
5.a) [vira'parɐ] ‘arco’	5.b) [vira'parivɐ] ‘pau-d’arco’ (Ten; Jia; Amo)

Uma prova conclusiva da interpretação da vogal átona final como morfema que não integra a raiz é uso, como empréstimo, da palavra portuguesa "cachorro". Esse animal foi denominado, pelos Amondawa, de **[dʒa'wara]**, palavra que os Tenharim reservaram para

²⁸ ae'tĩmẽ = perna + a'kãñẽ = osso

"onça"; entre os Tenharim, "cachorro" é **nāgwatīŋ-a** (claramente derivado também daquela palavra: **jawar-** + **tīŋ** + **a**. Apesar disso, na pesquisa de campo ocorreu um registro da palavra emprestada, na seguinte forma: **ka'tfure** 'cachorro' (Ten). Como as vogais /u/ e /o/ ocorrem na língua, aparentemente não haveria impedimento para transformar a palavra portuguesa /kafuho/, /kafuhu/ ou /kafuro/, /kafuru/. No entanto, a forma que tomou o empréstimo revela que, dado o padrão acentual, o falante nativo interpreta a sílaba átona final como uma sílaba que contém uma consoante final de raiz, a que se junta um morfema {-a}.

O acento, nesta língua, é apenas demarcatório: ele marca sempre a última sílaba da raiz, mudando mais à direita apenas nos casos de derivação ou de composição quando o segundo termo também comporta tonicidade.

Exemplos:

[pa'kouɐ] = /pa'kou -a/ 'banana'

[pakou'e'te] = /pa'kou + e'te/ 'banana verdadeira'

banana genuíno; verdadeiro

Ou seja, o morfema átono final {-a}²⁹ não é considerado na análise da forma fonológica das palavras, ou seja, a presente análise considera, para a interpretação da distribuição das consoantes, a forma lexical que não inclui aquele elemento morfossintático no caso dos exemplos acima citados. As seguintes formas são consideradas:

	Forma Fonética	Forma Fonológica	Forma Morfológica
5.)	[ˈkaβɐ] 'vespa'	/kau/	{kau + a} vespa caso.argumentativo
6.)	[ta'kwaɐ] 'bambu'	/tak ^w ar/	{tak ^w ar + a} bambu caso.argumentativo
7.)	[pakou'e'te] 'banana verdadeira'	/pakouete/	{pakou + ete} banana genuíno; verdadeiro
8.)	[dʒawarunũ'huɐ] 'onça preta'	/jawarunuhu/	{jawar + un + uhu + a} onça preto grande caso. argumentativo

²⁹ Observa-se que essa vogal morfossintática também é registrada em palavras cuja raiz termina com a vogal tônica. Exemplo: [ava'tiɐ] (Ten, Jia); [a'piɐ] 'pama' (Ten, Jia, Amo).

Os fonemas consonantais na língua Kawahib (Tenharim; Jiahui e Amondawa) são:

II.3.1.1. Obstruintes descontínuas:

Na apresentação a seguir, as formas apresentadas são fonéticas. Somente quando indispensável serão usados colchetes [] para formas fonéticas e barras inclinadas / / para formas fonológicas.

II.3.1.1.a. Oclusiva glotal surda: ʔ

O fonema oclusivo glotal surdo /ʔ/ possui somente uma forma de realização, sempre no *onset* silábico, porém não ocorre em início de palavra. Isso acontece nas línguas Tenharim, Jiahui e Amondawa.

/ʔ/:	(V_V):	ɨʔiʋa ‘flecha’ (Ten; Jia; Amo)
		mboʔira ‘colar’ (Ten; Jia; Amo)
		aʔu ‘eu como’ (Ten; Jia; Amo)
(V_~V):		ɬʔi ‘bagre’ (Ten; Jia)
		ʂʔã ‘lâmina da flauta’ (Ten)
		parãʔiʔã ‘cotovelo’ (Amo)
(V_~V):		tuʔã ‘umbigo’ (Amo)
		potʔiʔã ‘camarão’ (Amo)
		potiʔã ‘camarão’ (Ten; Jia)

A obstruinte oclusiva glotal /ʔ/ está em oposição à fricativa glotal /h/, como também a \emptyset , em contexto idêntico, caracterizando pares mínimos:

[ɨʔa]	‘cabaça’ (Ten; Jia)
[ɨha] ~ [ɨa]	‘saúva’ (Ten; Jia)
[uʔu]	‘(ele) come’ (Amo)
[uhu] ~ [u]	‘(ele) vem’ (Amo)

Tendo em vista que a obstruinte oclusiva glotal /ʔ/ só ocorre em *onset* medial de palavra, e sempre abrindo sílaba tônica, pode-se desenvolver a hipótese de que essa consoante seja um fone epentético.

II.3.1.1.b. Oclusiva bilabial surda: p

O fonema oclusivo bilabial surdo /p/ tem uma única realização em *onset* silábico: [p]. Isso acontece nas línguas Tenharim, Jiahui e Amondawa.

/p/:	(V_V):	ipɔ'tirɐ 'flor' (Ten; Amo)
		pirapu'tu 'boto' (Ten; Jia; Amo)
	(V_~V):	aɸĩnã'ŋga 'pai; genitor' (Ten, Amo)
		tu'pã 'trovão' (Ten; Jia)
	(~V_V):	ɸã,ɸekã'ndi 'gavião, uma espécie de' (Ten)
		kũpetõnju'hu 'peixe, uma espécie de' (Ten)
	(#_~V):	ɸĩndɔva'ʔi 'bacaba' (Ten; Jia)
		ɸẽ'hẽɐ 'caminho' (Ten; Jia; Amo)
	(#_V):	para'na 'rio' (Ten; Jia; Amo)
		pi'ra 'peixe' (Ten; Jia; Amo)

Já na coda silábica, ocorrem realizações distintas do fonema oclusivo bilabial surdo /p/: em Amondawa, este fonema realiza-se como [p]; no entanto, em Tenharim e Jiahui, o fonema /p/, em mesmo contexto, sofre um processo de lenição e realiza-se como [w] (processos morfofonológicos, Capítulo III, item III.2.1.e).

II.3.1.1.c. Oclusiva dental-alveolar surda: t

O fonema oclusivo dental-alveolar surdo /t/, em Tenharim e Jiahui, realiza-se de uma única forma, independente do contexto, com exceção da coda silábica. Excetuando as

sílabas cujo núcleo seja /i/ ou /ĩ/, o fonema apresenta a mesma forma de realização em Tenharim, Jiahui e Amondawa, como mostram os exemplos:

/t/:	(V_V):	i'tikɐ 'batata' (Amo)
		i'tuɐ 'cachoeira' (Ten; Jia; Amo)
	(Ṽ_Ṽ):	ɛẽ'tõmẽ 'favos de mel' (Ten; Jia)
		kwã'tã 'formiga, espécie de' (Amo)
	(#_Ṽ):	tã'ŋgãe 'nome próprio' (Amo)
		fĩŋgu'huva'ʔẽ 'branco (cor)' (Ten; Jia)
	(#_V):	tapi'ʔirɐ 'anta' (Ten; Jia; Amo)
		ta'ta 'fogo' (Ten; Jia; Amo)

Em Amondawa³⁰, porém, diante da vogal anterior [i] e sua correspondente nasal [ĩ] o fonema /t/ realiza-se como [tʃ]; o que não ocorre em Tenharim e Jiahui (ver também Capítulo III, processos fonológicos, item III.1.6.a).

/t/:	(Amo)	(Ten; Jia)
	(t → tʃ /_i):	(t = t /_i):
	ava'tʃiɐ 'milho'	ava'tiɐ 'milho'
	i'tʃĩŋẽ 'areia'	i'fĩŋẽ 'areia'
	iʃfĩŋguva'ʔẽɐ 'branco (cor)'	fĩŋgu'huva'ʔẽ 'branco (cor)'

É necessário, porém, registrar duas situações específicas em que, nos meus dados de campo, registrei sequências de [tʃi] e [tʃĩ], oral e nasal, em Tenharim e Jiahui. O fonema /t/ diante de [i] ocorreu como [tʃ], em Tenharim e Jiahui, apenas nos seguintes casos:

³⁰ Falantes acima dos 50 anos de idade, durante a realização da pesquisa manifestaram a ocorrência de variação livre entre [k] e [tʃ] quando diante de [i] e [ĩ]. Abaixo dessa faixa etária a variação não foi manifestada, mantendo-se sempre o [tʃ] (ver processos fonológicos – Cap. III, item III.1.6.b).

a) Tenharim: [tʃiʃiʷ'ga] ‘titio’. Trata-se de uma palavra emprestada da língua portuguesa, à qual se agrega o sufixo [-ga] ‘pronome de tratamento masculino’. No entanto, outros participantes da pesquisa durante o trabalho de campo utilizaram [ti'tira 'ga] para o mesmo item lexical: ‘titio’. Os mais jovens começam, por influência da língua portuguesa, a palatalizar o fone [t] diante de [i], realizando como [tʃi], o que incomoda algumas pessoas das gerações mais velhas: “O correto é [potia'kwa]³¹ e não [potʃia'kwa]”, relata um professor indígena do povo Tenharim.

b) Jiahui: [kãj'tʃi] ‘tabaco’. Sendo que o mesmo item lexical é realizado como [ka'tɕi] ou [taɕiŋgiva'e] em Tenharim e [tatatʃi'ŋgavɐ] em Amondawa. Trata-se de um neologismo, com significado próximo a ‘que faz fumaça’, uma vez que entre os Kagwahiva não havia, em época anterior ao contato com a sociedade envolvente, o cultivo e a utilização do tabaco (cf. LÉVI-STRAUSS, 1981).

II.3.1.1.d. Oclusiva velar surda: k

O fonema oclusivo velar surdo /k/, em Kawahib (Tenharim; Jiahui e Amondawa), realiza-se de uma única forma em *onset* silábico: [k]. Já na posição de coda silábica, em Tenharim e em Jiahui, /k/ sofre lenição, realizando-se como aproximante velar [uɕ] (processos morfofonológicos, Capítulo III, item III.2.1.c).

/k/:	(V_V):	pa'kɔvɛ'tɛ ‘banana verdadeira’ (Ten, Jia) pa'kɔvɐ ‘banana’ (Amo)
	(V_Ñ):	a'kã ‘galho’ (Ten; Jia; Amo) ae'kɕɐ ‘língua’ (Ten; Jia; Amo)
	(Ñ_Ñ):	ɛ'kɔɐ ‘sangue’ (Ten) nãmɔkɔ'hõ ‘inambu, espécie de’ (Jia)
	(#_Ñ):	kõŋgwe'raj ‘magro’ (Amo) kãñ'tarɐ ‘cocar’ (Ten; Jia; Amo)

³¹ Item lexical em Tenharim que se traduz por ‘bom dia; como vai?’ (saudação de chegada).

(#_V): ka'ʔa 'folha' (Ten; Jia; Amo)
 ki'βavɐ 'pente' (Ten; Jia; Amo)

O fonema oclusivo velar surdo /k/ pode ocorrer na coda silábica de uma raiz fonológica. Entretanto, na morfossintaxe receberá, nesses casos, o morfema {-a} (ver processos morfofonológicos, Capítulo III, item III.2.1.c), ressilabificando-se em uma sílaba final átona. Nesse contexto, a realização fonética do fonema /k/ não é sempre a mesma:

- 1) Em Amondawa, o fonema oclusivo velar surdo /k/ na posição de coda de uma raiz ressilabificado em sílaba átona (final de palavra), realiza-se como [k]:

(V_#): [i'vakɐ] = /ivak/ 'céu' (Amo)
 [i'tikɐ] = /itik/ 'batata' (Amo)

- 2) Em Tenharim e Jiahui, o fonema oclusivo velar surdo /k/, em mesmo contexto, realiza-se como aproximante velar [ɰ]:

(V_#): [i'vauɰɐ] = /ivak/ 'céu' (Ten; Jia)
 [dʒatɛ'vuɰɐ] = /jatevuk/ 'carrapato' (Ten; Jia)

No Capítulo seguinte serão apresentadas imagens do Espectrograma da aproximante velar [ɰ] em contexto intervocálico (Capítulo III, item III.2.1.c).

Em fronteira de morfema, o fonema oclusivo velar surdo /k/ sofre processo de lenição, realizando-se como [ŋg] e [g] (processos morfofonológicos, Capítulo III, item III.2.1.a).

II.3.1.1.e. Labializada velar surda: k^w

Para o fonema labializado velar surdo /k^w/, a análise que parece mais adequada (também à luz de análises de diversas outras línguas da família Tupi-Guarani) é que a obstruente labializada velar surda /k^w/ forma um fonema complexo em lugar de analisá-lo

como encontro consonantal. O principal motivo é que, se fosse analisado como “cluster”, ou seja, C+C, isso importaria à língua um padrão silábico que só se empregaria com consoante velar seguida de [w]. A língua não teria (como de fato não tem) nenhum outro encontro consonantal intrassilábico.

- 1) Precedido por vogal oral ou em início de silêncio, o fonema labializado velar surdo /k^w/ realiza-se como [kw], sempre em *onset* silábico:

/k ^w /:	(V_V):	ta'kwaɾɐ ‘bambu’ (Ten; Jia; Amo)
	(#_V):	kwa'ra ‘sol’ (Ten; Jia; Amo)
	(V_~V):	ikwãrã'tãŋɕə ‘bom atirador’ (Ten)
		a'kwã ‘dançar’ (Amo)
	(#_~V):	kwãmba'ʔɛ ‘homem’ (Ten; Jia)
		kwãndu'huɐ ‘gavião’ (Ten; Jia; Amo)
		kwãtã'ʔi ‘formiga, espécie de’ (Jia)

Assim, a língua Kawahib possui uma obstruinte oclusiva labializada velar surda /k^w/, que apresenta uma única realização fonética (o fone [kw]), em oposição à oclusiva velar surda /k/, em contexto idêntico. É o que ocorre no exemplo abaixo, onde /k^w/ e /k/ estão em início de palavra, em sílaba não tônica, antecedendo a vogal baixa /a/:

[kwa'ra]	‘sol’ (Ten; Jia; Amo)
[ka'ra]	‘cará’ (Ten; Jia; Amo)

- 2) O fonema labializado velar surdo /k^w/ realiza-se como [ŋgw] quando precedido por vogal nasal em fronteira de morfema:

[kupã'ŋgweɾɐ] = /kujãk^wer/ = {kujã + k^wer + a} ‘mulheres’ (Ten; Jia; Amo)
mulher coletivo caso.argumentativo

[pãñã'ŋgweɾɐ] = /panãk^wer/ = {panãk^wer + a} ‘cesto’ (Amo)
cesto caso.argumentativo

II.3.1.1.f. Africada palatal surda: tʃ

O fonema africado palatal surdo /tʃ/ realiza-se como [tʃ] somente diante de vogais posteriores: [a], [i], [o] e [u]. Em Amondawa, ocorre a neutralização de /tʃ + i/ com /t + i/, resultando na ocorrência apenas de [tʃi]. Em Tenharim e Jiahui, uma neutralização semelhante acontece, porém em favor da forma [ti]. Como não há ocorrências de [tʃe] em nenhuma das línguas, deduz-se ocorrer neutralização dos fonemas /t/ e /tʃ/ diante das vogais anteriores /i/ e /e/, nos três sistemas linguísticos analisados (processos fonológicos, Capítulo III, item III.1.6.a).

/tʃ/:	(#_V):	tʃo'hɔ ‘vamos’ (Ten; Jia; Amo)
		tʃa'ha ‘chá’ (Ten; Jia)
		tʃava'ẽŋga ‘jovem, rapaz’ (Amo)
	(#_Ṽ):	tʃũ'ŋi ‘pequeno’ (Ten; Jia; Amo)
	(V_ Ṽ):	ereʃãŋgã'hĩ ‘frio; friagem’ (Ten; Jia; Amo)

II.3.1.2. Obstruinte contínua:

II.3.1.2.a. Fricativa glotal surda: h

O fonema fricativo glotal surdo /h/ ocorre com qualquer vogal. O fone [h] varia livremente com \emptyset em posição inicial de sílaba. Isso acontece nas línguas Tenharim, Jiahui e Amondawa.

/h/:	(V_V):	ɨ'harɐ ‘canoa’ (Ten; Jia; Amo)
		ɨ'harɐ ~ ɨ'arɐ ‘canoa’ (Amo)
	(V_ Ṽ):	eʔea'hĩm ‘doce’ (Amo)
	(Ṽ_ Ṽ):	ɲã'hã ‘castanha’ (Ten; Jia; Amo)

ɲã'hã ~ ɲã'ã ‘castanha’ (Amo)

pe'he ~ pe'ε ‘vocês’ (Ten; Jia; Amo)

(#_V): hupi'ʔa ~ upi'ʔa ‘ovo’ (Ten; Jia; Amo)

Observamos um processo de enfraquecimento do fone [h] que varia com ϕ :

/h/ > \emptyset

[nde'hε] ~ [nde'ε] = /nehe/ ‘você’ (Ten; Jia; Amo)

[o'hɔ ga] ~ [o'ɔ ga] = /oho ɲaha/ ‘ele vai’ (Ten; Jia; Amo)

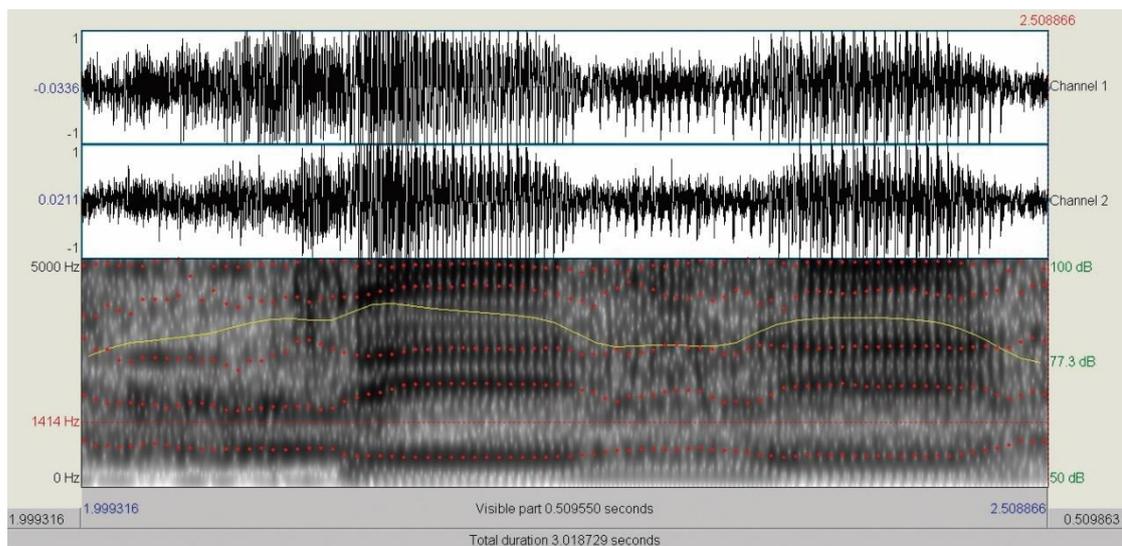
[o'hu ga] ~ [o'u ga] = /ohu ɲaha/ ‘ele vem’ (Ten; Jia; Amo)

[a'hi] ~ [a'i] = /ahi/ ‘dor’ (Ten; Jia; Amo)

Apresentamos, como exemplo, um item lexical no dialeto Amondawa para demonstrar a ocorrência e a supressão da consoante fricativa glotal surda.

Na figura 5, abaixo, observa-se a ocorrência do fone [h] na palavra ‘vocês’ (Amo)

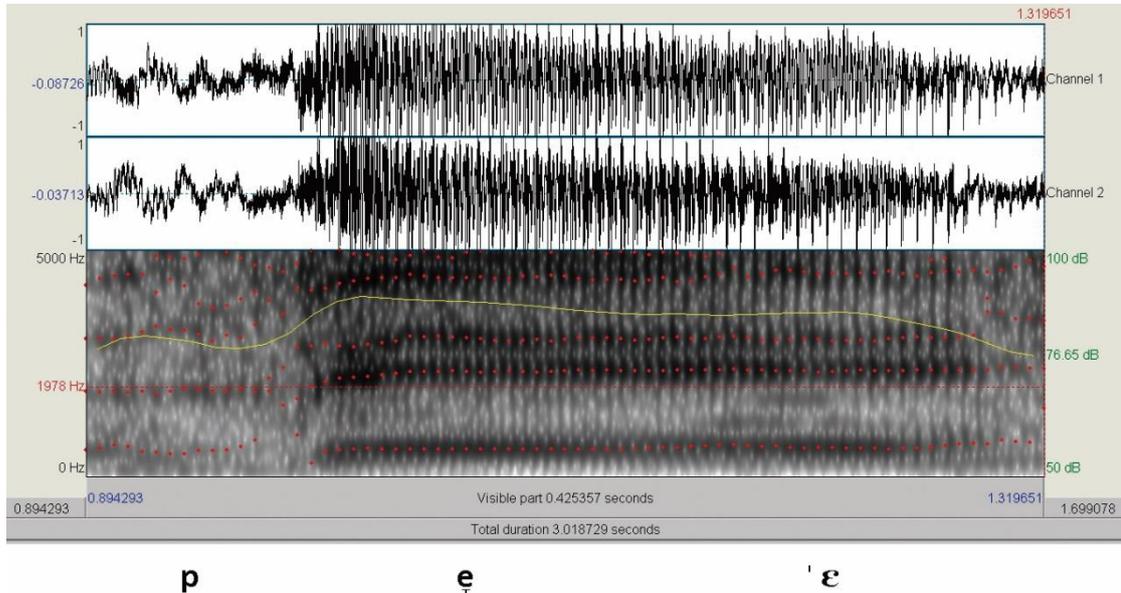
FIGURA 5: Espectrograma de [pe'hε] ‘vocês’ em Amondawa.



p ε ' h ε

Na Figura 6, a seguir, podemos observar, de acordo com a imagem do espectrograma, a elisão do fone [h] no mesmo item lexical demonstrado anteriormente (figura 5):

FIGURA 6: Espectrograma de [pɛ̃'ɛ] ‘vocês’ em Amondawa.



Tal processo pode também resultar na ocorrência de haplogogia (supressão da sílaba menos saliente na mesma estrutura):

- a) Vogal anterior da sílaba tônica passa a integrar “cluster” vocálico heterossilábico (processos fonológicos Capítulo III, item III.1.4).

Exemplo:

[aŋã'rõ 'dʒi] = /ajãrõ jihe/ ‘estou bravo’ (Amo)

↓
[dʒi.'hɛ] → [dʒi.'e] → [dʒi.'i] → [dʒi]

- b) Elisão do fonema fricativo glotal /h/ faz as duas vogais iguais adjacentes sofrerem processo de fusão (processos morfofonológicos Cap. III, item III.2.7).

Exemplo:

[ga'ruɐ 'ravɐ] = /ŋaru rahav/ ‘rabo de galinha’ (Ten; Jia)

↓
[ra'havɐ] → [ra'avɐ] → [ravɐ]
 └───┬───┘
 crase

II.3.1.3. Soantes nasais:

Quanto às soantes nasais, especificamente sobre a distinção entre consoantes pré-nasalizadas e consoantes nasais, Dietrich (1990, p.13) afirma que tal distinção nunca é fonológica nas línguas Tupi-Guarani; embora isso distinga línguas onde [mb] alterne com [m] de acordo com o ambiente oral ou nasal das línguas onde exista [m] em todos os contextos³².

Costa (2010) também faz menção das soantes nasais:

Há um conhecido processo fonológico nas línguas Tupi em que os elementos da série de oclusivas pré-nasalizadas alternam-se com os elementos da série das consoantes plenamente nasais. Essa alternância é condicionada pelo ‘ambiente’ nasal ou oral (COSTA, 2010, p. 73).

II.3.1.3.a. Nasal velar: ŋ

O fonema nasal velar /ŋ/ realiza-se das seguintes formas: [g]; [ŋg] e [ŋ].

/ŋ/:

- 1) Em início de palavra, precedendo vogal oral: [g] ~ [ŋg]

(#_V): ga'pɛ ‘para ele’ (Ten, Amo, Jia)

ga'ha ~ ŋga ‘ele’ (Ten, Amo, Jia)

ga'ru ~ ŋga'ru ‘frango’ (Ten; Jia)

- 2) Intervocalicamente:

- a) precedendo vogal oral: [ŋg].

(V_V): [ere,tʃãŋgã'hĩ] = /eretʃaŋahĩ/ ‘frio; friagem’ (Ten, Jia, Amo)

[ãŋgu'dʒa] = /aŋuja/ ‘rato’ (Ten, Jia, Amo)

- b) entre vogais nasais: [ŋ]

(Ṽ_Ṽ): mũ'ŋãte ‘quem são?’ (Ten, Jia, Amo)

³² The distinction between prenasal stops and nasal consonants is never phonological in Tupi-Guarani languages; however, it distinguishes languages where [mb] alternates with [m] according to the oral or nasal surroundings from languages where there is [m] in all contexts (DIETRICH, 1990, p.13).

ĩvã'ŋũva'ʔẽɐ 'vermelho (cor)' (Amo)

ĩmã'ŋũva'ʔẽ 'vermelho (cor)' (Ten; Jia)

3) Em início de palavra, precedendo vogal nasal [ŋ]:

(#_Ũ): ŋã'ha ~ ŋã 'eles/elas' (Ten, Jia, Amo)

ŋĩrã'ʔi 'passarinho' (Ten, Jia)

4) Em final de palavra: [ŋ]

(Ũ_#): [pĩ'tãŋɐ] = /pitãŋ/ 'de cor avermelhada' (Ten, Jia, Amo)

[i'ũŋɐ] = /iũŋ/ 'areia' (Ten, Jia)

[i't'ũŋɐ] = /iũŋ/ 'areia' (Amo)

II.3.1.3.b. Nasal bilabial: m

O fonema nasal bilabial /m/ possui realizações distintas, conforme os ambientes:

/m/:

1) Em sílaba com vogal oral:

a) Início de palavra: [mb] ~ [b]

(#_V): ba'hira ~ mba'hira 'ser mítico' (Ten; Jia; Amo)

bo'tava ~ mbo'tava 'festa, banquete' (Ten; Jia; Amo)

ba'tera ~ mba'tera 'coisa, algo' (Ten; Jia; Amo)

biru'ru ~ mbiru'ru 'ferida' (Ten; Jia; Amo)

b) Intervocálico: [mb]

(V_V)³³: mǎi'mbɛvɛ 'devagar' (Ten; Jia)
 tãmbere'ʔi 'dinheiro' (Ten; Jia)
 omõmbe'ʔu 'ele contou' (Ten; Jia; Amo)
 aenã'mbiɛ 'orelha' (Ten; Jia; Amo)

2) Em sílaba com vogal nasal:

a) Início de palavra: [m]

(#_Ṽ): mǎnde'dʒuɐ 'algodão' (Ten; Jia; Amo)
 mĩ'nã 'caldo' (Ten; Jia)

b) Intervocálico: [m]

(V_Ṽ): a'mãñɛ 'chuva' (Ten; Amo)
 koemã'mɛ 'amanhã' (Ten; Jia; Amo)

(Ṽ_Ṽ): mõ'mĩnɛ 'acabou' (Ten; Jia; Amo)
 õmã'nõ 'ele morreu' (Ten; Jia; Amo)

c) Em coda silábica em posição final de raiz de palavra: [m]

(Ṽ_#): [aɛ'tãmɛ] = {aɛtãm + a} 'favos de mel' (Amo)
 [pa'nãmɛ] = {panãm + a} 'borboleta' (Ten; Jia; Amo)

II.3.1.3.c. Nasal dental-alveolar: n

O fonema nasal dental-alveolar /n/ possui realizações distintas, à semelhança da bilabial /m/.

/n/:

1) Diante de vogal oral: [nd]

(V_V): kañi'nde 'arara' (Ten; Jia; Amo)

³³ A vogal que antecede a consoante pré-nasalizada [mb] recebe o espalhamento de nasalidade (espalhamento regressivo).

ɲã'nduɐ 'aranha' (Ten; Jia; Amo)

ɲã'ndiɐ 'óleo de babaçu' (Ten; Jia; Amo)

(#_V): nde'he 'você' (Ten; Jia; Amo)

ndaipiɛka'tudzɪ 'eu não vejo bem' (Ten)

nde'rera 'nome dele' (Ten; Jia; Amo)

2) Em sílaba com vogal nasal: [n]

(Ṽ_Ṽ): mĩ'nã 'caldo' (Ten; Jia)

ĩmĩ'ʔã 'peixe-bodó' (Jia)

mõrĩ'nũ 'jiboia' (Ten)

(#_Ṽ): [nẽ'rãɲɛ] = {nehe + r + ãj} 'teu dente' (Ten; Jia; Amo)

[nõmã'nõj] = {n + omanõj} 'não morreu' (Ten; Jia; Amo)

[nãtawu'huɐ] = /nãtawuhu/ 'fruto do babaçu' (Ten; Jia; Amo)

(Ṽ_#): [tu'kãɲɛ] = /tukã/ 'tucano' (Ten; Jia; Amo)

[a'mãɲɛ] = /amã/ 'chuva' (Ten; Jia; Amo)

II.3.1.4. Soantes orais:

II.3.1.4.a. Aproximante palatal: j

O fonema aproximante palatal /j/ realiza-se das seguintes formas:

/j/:

1) Diante de vogal oral: [dʒ] ~ [ʒ] ~ [j]

dʒaka're ~ ʒaka're ~ jaka're 'jacaré' (Ten, Jia, Amo)

dʒata'taʔi ~ ʒatata'ʔiɐ ~ jatata'ʔiɐ 'estrela' (Ten, Jia, Amo)

dʒavɛ'viɐ ~ ʒavɛ'viɐ 'arraia' (Amo)

tavi'dʒarɐ ~ tavi'zarɐ 'cacique' (Ten; Jia; Amo)

tadʒa'hue 'queixada' (Ten) ~ taja'hue 'queixada' (Ten, Jia, Amo)

dʒave'vujɐ 'pulmão' (Amo)

ta'pɨjɐ 'casa' (Ten, Jia, Amo)

2) Diante de vogal nasal: [ɲ]

ɲi'rãɲɛ 'meu dente' (Ten, Jia, Amo)

ɲãpe'pɔɐ 'panela de barro' (Amo)

II.3.1.4.b. Aproximante lábio-dental: v

Quanto às consoantes soantes orais, especificamente no que se refere à aproximante lábio-dental, apresentamos separadamente sua ocorrência: no item 1) descrevemos o fonema aproximante lábio-dental /v/ nos dialetos falados pelos Tenharim e Jiahui. No item 2), a manifestação desse mesmo fonema no dialeto Amondawa. Em seguida, apresentamos a aproximante lábio-velar /w/ (que somente ocorre em Tenharim e Jiahui) e, na sequência, concluímos nossa argumentação a respeito dos fonemas aproximantes lábio-dental e lábio-velar na língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa).

1) Fonema aproximante lábio-dental /v/ em Tenharim e Jiahui:

O fonema aproximante lábio-dental /v/ em Tenharim e Jiahui realiza-se como [v], [β] e [w] em *onset* silábico inicial de palavra ou antecedido de vogal oral, como também em coda silábica.

/v/:

- a) Em *onset* silábico inicial de palavra: [v]; [β]

(_V): vira'parɐ 'arco'

βira'ɲiɲɛ ~ vira'ɲiɲɛ 'garça'

- b) Em contexto intervocálico oral: [v], [β] e [w]

(V_V): oʋe'ʋe 'voar'
 iʋi'tue 'vento'
 uru'βue ~ uru'ʋue 'urubu'
 awa'ti ~ awa'tie 'milho'

c) Em coda silábica, em final de raiz de palavra: [v], [β], [w]

(V_#): [pĩ'ndɔʋe] = /pinoW -a/ 'palha de babaçu'
 [ɲãnde'pauɐ] ~ [ɲãnde'pawɐ] = /jãnepaW -a/ 'jenipapo'

2) Fonema aproximante lábio-dental /v/ em Amondawa:

O fonema aproximante lábio-dental /v/, em Amondawa, realiza-se como [v]; [β]; [w] e [w̃] em *onset* como também em coda silábica, após vogal oral ou nasal.

/v/:

a) Antecedido de silêncio e seguido de vogal oral: [v]; [β]; [w]

(#_V): vira'parɐ 'arco'
 βira'tʃiŋɛ 'garça'
 wa'ʔajɐ 'rabo'

b) Seguido de vogal nasal: [w̃]

(#_Ṽ): wãñi'mbiɐ 'beija-flor'
 'w̃ɛi 'sentir sede'
 o'w̃ɛn 'apagar'
 ka'w̃iɐ 'mata, floresta'

c) Em contexto intervocálico oral: [v]; [β]; [w]

(V_V): oʋe'ʋe 'voar'
 iʋi'tue 'vento'
 uru'ʋue 'urubu'
 awa'tʃiɐ ~ awa'tʃiɐ 'milho'
 dʒa'warɐ ~ dʒa'varɐ 'onça'

kawa'hiva ~ kava'hiva 'indígena'
 piawɪ'huɐ 'piau (peixe)'
 are'wɪɾɐ 'aldeia'

d) Em contexto intervocálico nasal: [v]; [w̃]

(V_#): mã'w̃i nde'ruri 'de onde você vem?'
 kã'w̃iɲɛ ~ kã'ũiɲɛ 'chicha'
 tararã'w̃ã 'avião'

e) Em coda silábica em final de palavra: [v]; [β]; [w]

(V_#): [pa'kɔvɐ] = /pakou/ 'banana'
 [pĩ'ndɔvɐ] = /pinou/ 'palha de babaçu'
 ['kũvɐ] = /kũu/ 'cinza'
 [ɲãnde'pavɐ] ~ [ɲãnde'pawɐ] = /jãnepau/ 'jenipapo'

II.3.1.4.c. Aproximante lábio-velar: /w/

O fonema aproximante lábio-velar /w/ ocorre somente nos dialetos falados pelos povos Tenharim e Jiahui, portanto, não ocorre no dialeto Amondawa (no qual teria se fundido com o fonema /v/). Esse fonema aproximante lábio-velar /w/, em Tenharim e Jiahui, realiza-se como [gw], [w], [ɲw̃] ou [w̃] em *onset* silábico, mas nunca em coda silábica. Portanto, somente em Tenharim/Jiahui ocorre neutralização dos fonemas /v/ e /w/ em sílaba átona, em contexto intervocálico (processos fonológicos, Capítulo III, item III.1.6.c).

/w/:

(#_V): gwara'ru 'caranguejo' (Ten; Jia)
 gwara'ra 'espécie de peixe' (Ten; Jia)
 (V_#): o'gwɛ 'apagar' (Ten; Jia)
 ka'gw̃ɪɾɐ 'mata, floresta' (Ten; Jia)
 (V_V): dʒa'gwarɐ ~ dʒa'warɐ 'onça' (Ten; Jia)

kagwa'hiva ~ kawa'hiva 'indígena' (Ten; Jia)
 a'gwajɐ 'rabo' (Ten; Jia)
 pia'gwi 'piau (peixe)' (Ten; Jia)
 are'gwiɐ 'aldeia' (Ten)

(#_Ṽ): w̃ɛnĩmbij 'beija-flor' (Jia)
 ŋw̃ɛ'ũŋɐ 'peixe-cachorro' (Ten)
 ŋw̃ɛro'ʔã 'emprestar de' (Ten)
 kã'ŋw̃i 'chicha' (Ten)

Chegamos à seguinte conclusão a respeito dos fonemas aproximantes lábio-dental /v/ e lábio-velar /w/ na língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa):

Nos dialetos Tenharim e Jiahui ocorre a distinção entre os fonemas aproximantes lábio-dental /v/ e lábio-velar /w/, do mesmo modo que fazia o Tupi antigo e faz o Guarani atual. No dialeto Amondawa ocorreu uma fusão dos dois fonemas em um único: aproximante lábio-dental /v/.

Apresentamos a comparação dos fonemas aproximante lábio-velar /w/ em Tenharim e Jiahui e aproximante lábio-dental /v/ em Amondawa, com os mesmos itens lexicais, em mesmo contexto:

a) Precedendo vogal oral:

	(Ten; Jia)	(Amo)
	/w/ → [gw] ~ [w]	/v/ → [w] ~ [v]
Onça	[dʒa'gwarɐ ~ dʒa'warɐ] = /javar -a/	[dʒa'warɐ ~ dʒa'varɐ] = /javar/
Rabo	[a'gwajɐ] = /awaj -a/	[wa'ʔajɐ] = /vaʔaj/
Piau (peixe)	[pia'gwi] = /piawi/	[piawi'hue] = /piauvihu/
Doença	[karu'gwarɐ] = /karuwar -a/	[karu'warɐ ~ karu'varɐ] = /karuvar/
Arraia	[dʒaue'gwiɐ] = /jauewir -a/	[dʒaue'viɐ] = /jauvir/

	/v/ → [v] ~ [β] ~ [w]	/v/ → [v] ~ [β] ~ [w]
Arco	[vira'parɐ] = /virapar -a/	[vira'parɐ] = /virapar/
Garça	[βira'tʃiŋɐ ~ vira'tʃiŋɐ] = /viraTʃiŋ -a/	[βira'tʃiŋɐ] = /viraTʃiŋ/
Milho	[ava'ti ~ awa'tiɐ] = /aWaTi -a/	[ava'tʃi ~ awa'tʃiɐ] = /avaTʃi/
	/v/ → [v] ~ [β] ~ [w]	/v/ → [v] ~ [β] ~ [w]
Banana	[pa'kɔvɐ] = /pakoW -a/	[pa'kɔvɐ] = /pakou/
Vespa	['kaβɐ] = /kav -a/	['kaβɐ] = /kau/

b) Precedendo vogal nasal:

	/w/ → [w̃] ~ [ŋw̃]	/v/ → [v] ~ [w̃]
Beija-flor	[w̃ɛnĩ'mbij] = /Wɛnĩmij/	[w̃ãnĩ'mbiɐ] = /vɛnĩmij/
Apagar	[o'gwẽ] = /owẽ/	[o'w̃ɛn ~ o'ṽɛn] = /ovẽ/
Chicha	[kã'ŋwĩ] = /kawĩ/	[kã'w̃iŋɐ ~ kã'ṽiŋɐ] = /kauĩ/

De acordo com a comparação dos fonemas demonstrados acima, podemos confirmar que em Amondawa não há ocorrência do alofone [gw] em ambiente intervocálico. Por outro lado, o Amondawa varia realizações de [w] com [v], enquanto os dialetos Tenharim e Jiahui não apresentam esse tipo de variação, exceto quando em sílabas átonas. Os únicos casos em que o fone [gw] em Tenharim e Jiahui corresponde a um fone [gw] no Amondawa são aqueles em que está presente o morfema {kwar}, que significa 'buraco'. Exemplo:

ae.p̃ŋ'gware 'narinas' (Ten; Jia) = nã.p̃ŋ'gware (Amo) 'narinas'

Ou ainda, com o morfema de plural {-kwer}, junto de palavra nasal: {kujã} + {kwer} + {-a} = kujã'ŋgwerɐ 'mulherada' (Ten; Jia; Amo).

Obviamente não são casos de ocorrência de /g^w/, em nenhuma das três línguas, mas apenas de /k^w/, sofrendo um dos processos morfofonológicos que serão descritos no Capítulo seguinte.

Desta forma, a análise dos dados, quanto aos fonemas aproximantes lábio-dental e lábio-velar em Kawahib (Tenharim; Jiahui e Amondawa), mostra que os dialetos falados pelos Tenharim e Jiahui mantêm os dois fonemas e, assim, demonstram ser mais conservadores nesse particular. Já no dialeto falado pelos Amondawa, não ocorre o fonema aproximante lábio-velar /w/ e se apresenta mais inovador, fundindo dois fonemas resultando um processo que Jakobson chamou de *desfonologização*.

(Ten; Jia): /v/: [v] ~ [β] ~ [w]

/w/: [gw] ~ [w] ~ [w̃] ~ [ŋw̃]

(Amo): $\left[\begin{array}{l} /v/ \\ /w/ \end{array} \right] \rightarrow /v/: [v] \sim [\beta] \sim [w] \sim [w̃]$

Entretanto, a diferença com respeito aos fonemas aproximantes lábio-dental /v/ e lábio-velar /w/ acima descrita, mesmo resultando em sistemas fonológicos ligeiramente distintos, não significa que se tenham tornado duas línguas diferentes, em lugar de dialetos (Tenharim/Jiahui versus Amondawa) da mesma língua.

II.3.1.4.d. Tap: r

O fonema tap /r/ tem uma única realização em qualquer contexto, inclusive em final de raiz de palavra.

/r/: (V_V): tɔ'riɐ̃ 'alegria, celebração' (Ten; Jia)

(Ṽ_Ṽ): nẽ'rãɲẽ 'teu dente' (Ten; Jia; Amo)

- (#_V): rea'ʔi ‘nome próprio’ (Ten)³⁴
 re'ʔaj ‘suar’ (Ten)
- (V_#): [vira'paɾɐ] = {virapar + a} ‘arco’ (Ten; Jia; Amo)
 [i'kwaɾɐ] = {ikwar + a} ‘buraco’ (Ten; Jia; Amo)

Podemos melhor representar cada um dos fonemas consonantais da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) conforme o seguinte quadro:

QUADRO 8. Ocorrência dos fonemas consonantais na sílaba

Em onset silábico	Em coda silábica final da raiz (em sílaba átona, final de palavra)
/ʔ/: [ʔ] [ka'ʔiɐ] = /kaʔi/ ‘macaco’ (Ten, Jia, Amo) [i'ʔa] = /iʔa/ ‘cabaça’ (Ten; Jia)	Não ocorre.
/w/: (somente em <u>Tenharim e Jiahui</u>) [w] [dʒa'waɾɐ] = /jawaɾ -a/ ‘onça’ (Ten; Jia) [gw] [dʒagwa'ri] = /jaWari/ ‘gato-do-mato’ (Ten; Jia)	Não ocorre.
/v/: [v] [i'va] = /iva/ ‘árvore’ (Ten, Jia, Amo) [vira'paɾɐ] = /virapar -a/ ‘arco’ (Ten, Jia; Amo) [β] [βira'ʔiŋɐ] = /viraʔiŋ -a/ ‘garça’ (Ten, Jia) [βira'ʔiŋɐ] = /viraʔiŋ/ ‘garça’ (Amo) [w] [awa'tiɐ] = /aWaTi -a/ ‘milho’ (Ten, Jia) [awa'ʔiɐ] = /avaʔji/ ‘milho’ (Amo)	/v/: [v] [tɔ'riɐ] = /toriW -a/ ‘alegria’ (Ten, Jia) [pi'ndɔɐ] = /pinoW -a/ ‘palha de babaçu’ (Ten, Jia) /pinɔv/ ‘palha de babaçu’ (Amo) [β] ['kaβɐ] = /kav -a/ ‘vespa’ ((Ten, Jia) ['kūβɐ] = /kūv/ ‘cinza’ (Amo) [w] [mbo'tawɐ] = /motaW -a/ ‘banquete; festa’ (Ten; Jia) [mbo'tawɐ] = /motav/ ‘banquete; festa’ (Amo)

³⁴ O fonema /r/ depois de silêncio é caso raro na língua Kawahib. Somente dois itens lexicais foram encontrados e somente na língua Tenharim.

<p>/r/:</p> <p>[r]</p> <p>[pi'ra] = /pira/ (Ten, Jia, Amo)</p>	<p>/r/:</p> <p>[r]</p> <p>[ta'kwarə] = /tak^war -a/ 'bambu' (Ten, Jia, Amo)</p>
<p>/p/:</p> <p>[p]</p> <p>[ipe'pə] = /ipepo/ 'pena da asa' (Ten, Jia, Amo)</p>	<p>/p/:</p> <p>[p] (somente em <u>Amondawa</u>)</p> <p>[ka'upə ~ ka'hupə] = /kahup/ 'caçar' (Amo)</p> <p>[w] (somente em <u>Tenharim; Jiahui</u>)</p> <p>[ka'huwə] = /kahup -a/ 'caçar' (Ten; Jia)</p>
<p>/k/:</p> <p>[k]</p> <p>[urukure'ʔa] = /urukureʔa/ 'coruja' (Ten, Jia, Amo)</p> <p>[kupi'ʔiə] = /kupiʔi/ (Ten, Jia, Amo)</p>	<p>/k/:</p> <p>[k] (somente em <u>Amondawa</u>)</p> <p>[ka'rikə] = /karik/ 'urinar' (Amo)</p> <p>[ka'rukə] = /karuk/ 'à tarde' (Amo)</p> <p>[ʉ] (somente em <u>Tenharim e Jiahui</u>)</p> <p>[ka'riʉə] = /karik -a/ 'urinar' (Ten; Jia)</p> <p>[ka'ruʉə] = /karuk -a/ 'à tarde' (Ten, Jia)</p>
<p>/ŋ/:</p> <p>[g]~[ŋg]</p> <p>[ga'hə ~ 'ga ~ 'ŋga] = /ŋaha/ 'ele' (Ten, Jia, Amo)</p> <p>[ŋ]</p> <p>[ŋã'ha] = /ŋãha/ 'eles, elas' (Ten, Jia, Amo)</p>	<p>/ŋ/:</p> <p>[ŋ]</p> <p>[tata'fŋə] = /tataTŋ -a/ 'fumaça' (Ten, Jia)</p> <p>[tata'fŋə] = /tataTfŋ/ 'fumaça' (Amo)</p> <p>[a'ŋãə] = /ajãŋ -a/ 'sombra humana; alma' (Ten, Jia, Amo)</p>
<p>/j/:</p> <p>[ɲ]</p> <p>[ɲãpe'pə] = /jãpepo/ 'panela de barro' (Ten, Jia, Amo)</p> <p>[j]</p> <p>[jatata'ʔia] = /jatataʔi/ 'estrela' (Ten, Jia, Amo)</p> <p>[dʒ]</p> <p>[dʒi'hə] = /jihe/ 'eu' (Ten, Jia, Amo)</p> <p>[ʒ]</p> <p>[ʒa'tiri'ʔi] = /jatiriʔi/ 'curto' (Ten; Jia)</p> <p>[ʒavo'fʃiə] = /javofʃi/ 'jaboti' (Amo)</p>	<p>/j/:</p> <p>[ɲ]</p> <p>[aerãŋə] = /aherãj/ = {ahe + r + ãj + a} 'dente' (Ten; Jia; Amo)</p> <p>[a'ʔiŋə] = /aʔiŋ -a/ 'semente' (Ten; Jia; Amo)</p> <p>[j]</p> <p>[ta'pijə] = /tapij -a/ 'casa' (Ten, Jia, Amo)</p>

<p>/n/:</p> <p>[n]</p> <p>[nẽ'rãpẽ] = {nehe + r + ãj} 'teu dente' (Ten; Jia; Amo)</p> <p>[nd]</p> <p>[nde'hẽ]= /nehe/ 'você' (Ten, Jia, Amo)</p>	<p>/n/:</p> <p>[n]</p> <p>[a'mãñẽ] = /amãñ -a/ 'chuva' (Ten, Jia, Amo)</p> <p>[ipu'tũñẽ] = /iputũñ -a/ 'noite, escuro' (Ten, Jia, Amo)</p>
<p>/m/:</p> <p>[m]</p> <p>[mĩ'tũpẽ] = /mĩtũ -a/ (Ten, Jia, Amo)</p> <p>[mb]</p> <p>[aerẽ'mbẽ] = {ahe +r + eme} 'lábios' (Ten, Jia, Amo)</p>	<p>/m/:</p> <p>[m]</p> <p>[aẽ'tõmẽ] = /aetõm -a/ 'favos de mel' (Ten, Jia, Amo)</p>
<p>/t/</p> <p>[t]</p> <p>[ĩ'tuẽ] = /ĩtu/ 'cachoeira' (Ten, Jia, Amo)</p>	Não ocorre.
<p>/tʃ/</p> <p>[tʃ]</p> <p>[ere,tʃãŋgã'hĩ] = /eretʃãŋahĩ / 'frio' (Ten, Jia, Amo)</p>	Não ocorre.
<p>/k^w/</p> <p>[kw]</p> <p>[kwa'ri] = /k^wari/ 'verão, estação da seca' (Ten, Jia, Amo)</p>	Não ocorre.
<p>/h/</p> <p>[h] ~ [ø]</p> <p>[tʃo'hɔ ~ tʃo'ɔ] = /tʃoho/ 'vamos!' (Ten, Jia, Amo)</p> <p>[hẽv ~ 'ẽv] = /hẽ/ 'ela' (Ten, Jia, Amo)</p>	Não ocorre.

Na sílaba, a coda é a posição de travamento silábico sendo comum ser ocupada por consoantes vozeadas e glides. Esta tendência natural é atestada em Tenharim e Jiahui, conforme quadro acima, onde toda consoante em **coda silábica final da raiz** (em sílaba átona, final de palavra) é sempre vozeada; soante. Em Amondawa, além das consoantes vozeadas também ocorrem as obstruintes não vozeadas [p] e [k] em posição de coda.

II.3.2. Vogais Orais e Nasais

Apresentamos os fonemas vocálicos da língua Kawahib (Tenharim; Jiahui e Amondawa). Iniciamos pelo quadro das vogais em suas realizações fonéticas registradas:

QUADRO 9: Fones vocálicos

Orais			Nasais		
i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
ɪ	ə	ʊ	ĩ	õ	õ
e	ɐ	o	ẽ	ẽ	õ
ɛ	a	ɔ	ẽ	ã	õ

Em Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) são seis os fonemas vocálicos orais e também seis os fonemas vocálicos nasais, conforme demonstrado no quadro abaixo:

QUADRO 10: Fonemas vocálicos

	anteriores		posteriores			
			não-arredondadas		arredondadas	
	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal
alta	i	ĩ	ĩ	ĩ	u	ũ
não alta	e	ẽ	a	ã	o	õ

Há oposição entre os seguintes pares de sons foneticamente semelhantes em contextos fonologicamente idênticos (pares mínimos) ou análogos, o que comprova seu status de fonemas:

[a] : [ã]

/a/: pɔʃi'ʔa 'peito' (Amo) aepɔti'ʔa 'peito' (Ten; Jia)

/ã/: potʃi'ʔã 'camarão' (Amo) poti'ʔã 'camarão' (Ten; Jia)

[e] : [ẽ]

/e/: pe'he 'vocês' (Ten; Jia; Amo)

/ẽ/: pẽ'hẽɐ 'caminho' (Ten; Jia; Amo)

[i] : [ĩ]

/i/: mbo'ʔi 'esteio' (Ten; Jia; Amo)

/ĩ/: a^he'ti 'nariz' (Ten; Jia)**[ɨ] : [ĩ]**

/ɨ/: aparavu'ki '(eu) trabalho' (Ten; Jia; Amo)

/ĩ/: ae'ki 'língua' (Ten; Jia; Amo)

[o] : [õ]

/o/: ere'dʒo 'venha aqui' (Ten; Jia; Amo)

a'ʋo 'aqui' (Ten; Jia; Amo)

'mbɔia 'comida, refeição' (Ten; Jia; Amo)

/õ/: gara'mɔ 'por que?' (Amo)

tãfi'tɔ 'uirapuru' (Jia)

[u] : [ũ]

/u/: ika'tu 'bonito; bom' (Ten; Jia; Amo)

tamã'kuɐ 'cigarro' (Ten; Jia)

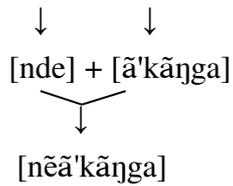
/ũ/: ñãfi'ʔũ (Ten, Jia) ~ ñãtʃi'ʔũ (Amo) 'carapanã'

ipẽ'kũɐ 'pica-pau' (Ten; Jia)

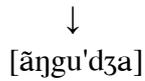
A oposição entre vogais orais e nasais, no entanto, só acontece na posição tônica. Em posição átona, qualquer vogal pode ser nasalizada em qualquer direção, se houver contexto favorável, ou seja, haver uma vogal tônica nasal que espalha nasalidade, ou, mesmo em palavras com sílaba tônica oral, se houver alguma consoante nasal em posição pré-tônica.

Veja os exemplos:

1. /ne/ + /akãŋ -a/ ‘tua cabeça’ (Ten; Jia; Amo)



2. /aŋuja/ ‘rato’ (Ten; Jia; Amo)



II.3.3. Tipos de Sílabas

A estrutura silábica Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) pode ser constituída das seguintes formas: V; CV e CVC (esta última, somente em posição final de palavra).

V. [a'kã] = /a.kã/ ‘galho’ (Ten; Jia; Amo)

CV. [i.'va] = /i.va/ ‘árvore’ (Ten; Jia; Amo)

CVC. [ka'hupə] = /ka.hup/ ‘caçar’ (Amo)

 [i.'ŋjẽ] = /i.ŋj -a/ ‘areia’ (Ten; Jia)

 [i.rí.'pẽm] = /i.rí.pẽm -a/ ‘peneira’ (Ten; Jia; Amo)

Na língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa), portanto, identificam-se três padrões silábicos (V; CV; CVC) não apresentando encontro consonantal intrassilábico (C+C).

Pease & Betts (1971) relatam ocorrer, no dialeto Parintintin, sílabas com núcleo de duas vogais, fato que não encontramos em Tenharim; Jiahui e Amondawa, pois trata-se de distintas análises.

FIGURA 7: Tipos de Sílabas em Parintintin

V	ohi	'he falls	CV	ñihi	'I'
VC	iʔŋʷava	'table'	CVC	kaʔŋʷira	'bush'
VV	aivu	'near'	CVV	aheakãŋã	'person's head'

FONTE: Pease & Betts, 1971, p. 4.

Os casos analisados como VV ou CVV por Pease & Betts (1971), trata-se de contextos heterossilábicos, que analisamos como V.V e CV.V.

CAPÍTULO III

III. ALGUNS PROCESSOS FONOLÓGICOS E MORFOFONOLÓGICOS DA LÍNGUA KAWAHIB

Apresentamos, na sequência, a descrição de alguns dos processos fonológicos e morfofonológicos da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa). Iniciamos pelos processos fonológicos.

III.1. Processos Fonológicos (Tenharim, Jiahui e Amondawa)

III.1.1. Abaixamento das vogais /e/ e /o/ em sílaba tônica.

As vogais /e/ e /o/ realizam-se como [ɛ] e [ɔ] respectivamente, ocorrendo elevação de F1 em posição de sílaba tônica, tanto nas nasais como nas orais:

/e/ → [ɛ]:

[i'pɛ] = /ipe/ 'igarapé' (Amo)

[buru'rɛ] = /murure/ 'lenha verde' (Jia)

[kware'tɛ] = /kwarete/ 'verão' (Ten)

[hẽɸ] = /hẽ/ 'ela' (Ten; Jia; Amo)

[pẽ'hẽɸ] = /pehẽ/ 'caminho' (Ten; Jia; Amo)

/o/ → [ɔ]:

[o'hɔ] = /oho/ '(ele) vai' (Ten; Jia; Amo)

[epĩ'rɔ] = /epirõ/ 'descascar' (Ten; Jia; Amo)

III.1.2. Distensionamento de /i/, /o/ e /a/ em sílabas átonas

A vogal alta anterior /i/ passa de tensa a não-tensa, tornando-se [ɪ] em sílaba átona.

/i/ → [i]:

[iɾova'hi] = /iɾovahi/ ‘amargo’ (Amo)

[ika'tu] = /ikatu/ ‘bom, bonito’ (Ten; Jia; Amo)

[a'vipi] = /aivipi/ ‘nome próprio’ (Amo)

A vogal posterior /o/, opcionalmente, passa de tensa a não tensa, tornando-se [ʊ], sempre em sílaba átona. Quando /o/ realiza harmonia vocálica com /u/, obrigatoriamente será realizado como [ʊ]:

/o/ → [ʊ]:

[ʊ'hu] = /ohu/ ‘(ele) veio’ (Ten; Jia; Amo)

(harmonia vocálica)

A vogal posterior /a/ torna-se menos tensa e mais fechada [ɐ], sempre em sílaba átona e, com maior frequência, em final de palavra, como realização do morfema que Aryon Rodrigues denominou de “caso argumentativo” (RODRIGUES, 2001a)³⁵.

/a/ → [ɐ]:

[a'piɐ] = /api -a/ ‘pama (fruta)’ (Ten; Jia; Amo)

[a'harɐ] = /ahar -a/ ‘cacho’ (Ten; Jia; Amo)

[ɐe'piɐ] = /ahepir -a/ ‘pele’ (Ten; Jia; Amo)

III.1.3. Distensão e Assilabificação de vogais anteriores em “cluster” vocálico heterossilábico.

Vogais anteriores não baixas sofrem distensão quando participam de encontro vocálico heterossilábico, seja ele subjacente ou resultado de juntura morfológica ou de queda consonantal.

[i] → [i]:

³⁵ É justo mencionar que Pe. Antônio Lemos Barbosa, no seu “Curso de Tupi Antigo” (BARBOSA, 1956, p. 35) chama o morfema {-a} de “índice nominal”.

[ta.i.'tuə] → [taɪ.'tuə] = /taitu/ 'catete' (Amo)

[ta.i.te.tu.'ʔi] → [taɪ.te.tu.'ʔi] = /taitetuʔi/ 'catete' (Ten; Jia)

[e] → [ɪ]:

[a.'vɔ] + [e.'tɛ] → [a.vɔɪ.'tɛ] = {avo + ete} 'perto' (Ten; Jia; Amo)

A posição átona favorece a ressilabificação da vogal anterior que constitui núcleo de sílaba e participa, como segundo elemento, de encontro heterossilábico. Ao mesmo tempo, a vogal sofre distensionamento e centraliza-se.

III.1.4. Assimilação de altura de vogal anterior em “cluster” heterossilábico em posição tônica.

Vogal anterior de sílaba tônica que, em razão de queda da consoante que a antecedia em *onset*, passa a integrar cluster vocálico heterossilábico, assimila-se em altura à vogal precedente.

[e] → [i]: [dʒi.'hɛ] → [dʒi.'e] → [dʒi.'i] → [dʒi] = /jihe/ 'eu' (Ten; Jia; Amo)

[ɛ] → [e]: [nde.'hɛ] → [nde.'ɛ] → [nde.'e] → [nde] = /nehe/ 'você' (Ten; Jia; Amo)

III.1.5. Ditongação:

Ocorre ditongação na língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) como um processo não fonológico, portanto, que não faz parte do sistema linguístico. Não é possível determinar um condicionamento para sua ocorrência, à exceção do fato de que a inserção de [j] ocorre depois de vogais que antecedem consoantes oclusivas, tanto surdas como sonoras.

[dʒajpe'pɔ] = /japepo/ 'panela' (Ten; Jia)

[dʒajta'taʔi] = /jatataʔi/ 'estrela' (Ten; Jia; Amo)

[aj,pinã'ŋga] = /apinaŋa/ 'pai, genitor' (Amo)

[mũjti'nĩŋɕ] = /mũtinĩŋ -a/ 'cobra-papagaio' (Jia)

[kuj'ʔi] = /kuʔi/ 'menina' (Ten)

III.1.6. Neutralização

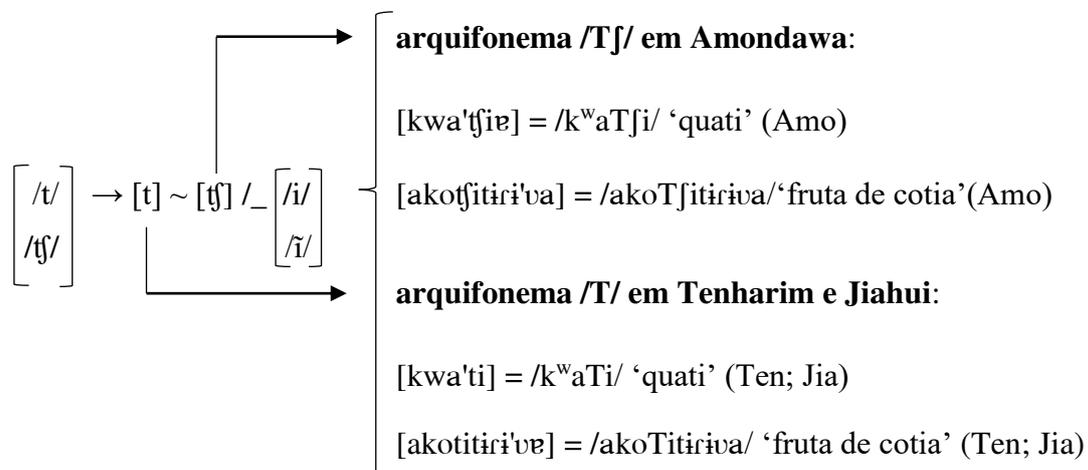
III.1.6.a) Neutralização de /t/ e /tʃ/ diante de /i/ e /ĩ/

No Capítulo II, que descreve a fonologia da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) quanto ao fonema oclusivo dental-alveolar surdo /t/, destacamos que somente em Amondawa a consoante oclusiva dental-alveolar [t] torna-se uma africada palatal [tʃ], quando se encontra diante de uma vogal anterior /i/ e sua correspondente nasal /ĩ/. Também postulamos que o fonema africado palatal surdo /tʃ/ em Tenharim; Jiahui e Amondawa, realiza-se como [tʃ] somente diante de vogais posteriores: [a], [ɨ], [o] e [u].

Assim, devemos concluir que em Amondawa, ocorre a neutralização de /tʃ + i/ com /t + i/, resultando na ocorrência apenas de [tʃi]. Em Tenharim e Jiahui, uma neutralização semelhante acontece, porém em favor da forma [ti]. Como não há ocorrências de [tʃe] em nenhuma das línguas, deduz-se ocorrer neutralização dos fonemas /t/ e /tʃ/ diante das vogais anteriores /i/ e /e/, nos três sistemas linguísticos analisados.

Dessa forma, a neutralização dos fonemas oclusivo dental-alveolar surdo /t/ e africado palatal surdo /tʃ/ diante de vogais anteriores, na língua Kawahib, resulta em arquifonemas distintos: em Amondawa, no contexto em que dá a neutralização ocorre o arquifonema /Tʃ/, enquanto que em Tenharim e Jiahui acontece o arquifonema /T/.

Exemplificamos esse processo de neutralização entre os fonemas oclusivo dental-alveolar surdo /t/ e africado palatal surdo /tʃ/.



Outros exemplos sobre a neutralização dos fonemas oclusivo dental-alveolar surdo /t/ e africado palatal surdo /tʃ/ através dos arquifonemas /Tʃ/ e /T/ em Amondawa e Tenharim/Jiahui, respectivamente.

	Amondawa	Tenharim e Jiahui
	Arquifonema /Tʃ/	Arquifonema /T/
Milho	[ava'tʃiɐ] = /avaTʃi/	[ava'tiɐ] = /aWaTi -a/
Bico (de ave)	[i'tʃiɐ] = /iTʃi/	[i'tiɐ] = /iTĩ -a/
Cotia	[aku'tʃiɐ] = /akoTʃi/	[akoti'hu] = /akoTihu/

III.1.6.b) Neutralização de /k/ e /t/ diante de /i/ e /ĩ/

Somente em Amondawa ocorre, com os fonemas oclusivos dental alveolar surdo /t/ e velar surdo /k/, a palatalização de coronal realizando-se como [tʃ] diante de /i/ e sua correspondente nasal /ĩ/, caracterizando-se um processo de neutralização através do arquifonema /Tʃ/. Na verdade, como vimos anteriormente, diante de vogais anteriores, em Amondawa não ocorrem /t/ ou /tʃ/, como fonemas, dado que se trata de um contexto de neutralização, de modo que interpretamos ocorrer, nesses contextos, o arquifonema /Tʃ/. Uma vez que as sequências de /k/ + /i/ (ou /ĩ/) em Tenharim e Jiahui são realizadas como [tʃi] (ou /tʃi/) em Amondawa, o fone [tʃ] não pode ser atribuído nem ao fonema /t/ nem ao fonema /k/, onde, nos contextos indicados, ambos se realizam como [tʃ].

$$\begin{bmatrix} /t/ \\ /k/ \end{bmatrix} \rightarrow [tʃ] / \begin{bmatrix} /i/ \\ /ĩ/ \end{bmatrix}$$

Portanto, o arquifonema /Tʃ/ do Amondawa, quando diante de /i/ e /ĩ/, representa a neutralização da oposição entre três fonemas: /t/, /tʃ/ e /k/. Seguem-se dois exemplos:

[po'tʃiʔã] = /poTʃiʔã/ 'camarão' (Amo)

[o'tʃi] = /oTʃi/ '(ele) dorme' (Amo)

Já em Tenharim/Jiahui não ocorre a neutralização dos fonemas /t/ e /k/. Compare com os exemplos acima, as palavras correspondentes, com o arquifonema /T/ e o fonema /k/, em Tenharim e Jiahui:

/T/	/k/
[poti'ʔã] = /poTiʔã/ 'camarão' (Ten, Jia)	[ɔ'ki] = /oki/ '(ele) dorme' (Ten, Jia)

Comparação do fonema /k/ realizando-se como [tʃ] em Amondawa e como [k] em Tenharim e Jiahui diante de [i]:

	Amondawa	Tenharim e Jiahui
Deixa-me dormir!	nãdʒi'tʃiri	nãdʒi'kiri
Peixe elétrico	mbɔrɔ'tʃiɛ ~ mbora'kiɛ	pɔra'kiɛ
Para lá	tʃika'ti	kika'ti
Pequi	peʃia'uɛ	pekiau'hu
Agora	tʃi'rɔ	ki'rɔ

Conforme demonstrado nos itens acima, III.1.6.a e III.1.6.b, concluímos que, em Amondawa, antecedendo /i/ ou /i/, ocorre neutralização entre os fonemas /t/, /tʃ/ e /k/, por meio do arquifonema /Tʃ/.

No dialeto falado pelo povo Amondawa há outras duas peculiaridades:

a) Em Amondawa, entre os participantes mais velhos durante o trabalho de campo, registrei a ocorrência de uma variação (aparentemente) livre de [k] e [tʃ] quando diante de [i]. Entre os mais jovens essa variação não foi percebida, ocorrendo sempre [tʃ]. Isso nos leva a afirmar que ocorre em Amondawa um condicionamento de natureza sociolinguística (variação diastrática), uma vez que esta variação se restringe a uma faixa etária determinada.

Variação entre os mais velhos:

[ava'tʃiɐ] ~ [ava'kiɐ] = /avaTʃi/ ‘milho’ (Amo)

[mbora'tʃiɐ] ~ [mbora'kiɐ] = /moraTʃi/ ‘peixe-elétrico’ (Amo)

Como já é observado em várias línguas, ocorre em Amondawa uma assimetria na variação sonora: “Na mudança de som, [ki] muda para [tʃi] mais frequentemente do que [tʃi] muda para [ki]” (MIELKE, 2004, p. 75).

b) Também em Amondawa há uma situação específica em que a esperada neutralização entre /k/ e /tʃ/ não se dá, observando-se então a ocorrência fonética [ki]. Trata-se da realização do morfema {-ki} (sufixo de tempo passado) que se pospõe ao verbo. A ocorrência da fronteira de morfema, ao que parece (pelas imagens espectrográficas) associada a uma glotalização da consoante oclusiva velar surda [k], resulta na inibição do processo de neutralização.

Verbo + {-ki} → [verbo + ki], e nunca *[...tʃi], portanto nunca /Tʃi/

[aʔu'k^hiwaɣɛ/tʃiɾo,ve'kɔ] = {a- + -ʔu + ki + uʔi Tʃiɾove + ko} ‘ontem eu ia comer farinha’
 1ªp.s. comer PASS farinha futuro ontem

[a.kõntk^hi'kɔ] = {akĩ + ki + ko} ‘ontem choveu’
 chover PASS ontem

III.1.6.c) Neutralização de /v/ e /w/ (Tenharim e Jiahui)

No Capítulo anterior (itens II.3.1.4.b e II.3.1.4.c) vimos que em Tenharim e Jiahui os fonemas aproximantes lábio-dental /v/ e lábio-velar /w/ podem ser realizados, ambos, através do fone bilabial [w] (entre outros alofones). Dessa forma, a neutralização dos fonemas aproximantes lábio-dental /v/ e lábio-velar /w/ em Tenharim e Jiahui resulta no arquifonema /W/. A neutralização acontece em sílaba átona em contexto intervocálico.

$$\left[\begin{array}{c} /v/ \\ /w/ \end{array} \right] \rightarrow [w] / (V_V)$$

Exemplos:

/v/ = [w] ~ [v] em sílaba átona:

[ava'tiɐ] ~ [awa'tiɐ] = /aWaTi -a/ ‘milho’ (Ten; Jia)

[nãmbu'raʋɐ] ~ [nãmbu'rawɐ] = /nãmuraW -a/ ‘nambu’ (Ten; Jia)

[mbo'taʋɐ] ~ [mbo'tawɐ] = /motaW -a/ ‘banquete; festa’ (Ten; Jia)

/w/ = [w] ~ [gw] em sílaba átona:

[karugwara'pɛ] ~ [karuwara'pɛ] = /karuWarape/ ‘barata’ (Ten; Jia)

Abaixo, a transcrição fonológica do item lexical que se traduz por ‘indígena’ coloca em evidência a ocorrência do contraste entre os fonemas /v/ e /w/ em Tenharim e Jiahui e a fusão desses em um único fonema, no dialeto Amondawa: /v/

(Ten; Jia): [kagwa'hiʋɐ ~ kawa'hiʋɐ ~ kagwa'hiwɐ] = /kaWahiW -a/ ‘indígena’

$\begin{array}{cccccc} \uparrow & \uparrow & \uparrow & \uparrow & \uparrow & \uparrow \\ /w/ & /v/ & /w/ & /v/ & /w/ & /v/ \end{array}$

(Amo): [kawa'hiʋɐ ~ kava'hiʋɐ ~ kawa'hiwɐ] = /kavaʋiv -a/ ‘indígena’

$\begin{array}{ccc} \overleftarrow{\quad} & \overleftarrow{\quad} & \overleftarrow{\quad} \\ /v/ & /v/ & /v/ \end{array}$

O dialeto Amondawa não apresenta ocorrência do alofone [gw] em ambiente intervocálico. Por outro lado, o Amondawa varia realizações de [w] com [v], enquanto os dialetos Tenharim e Jiahui não apresentam esse tipo de variação, exceto quando em sílabas átonas.

III.1.7. Nasalização

A oposição entre os fonemas vocálicos orais e nasais na língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) está exemplificada no Capítulo anterior, item II.3.2.

Rodrigues (1990) afirma que no Guaraní Antigo, por exemplo, a vogal intrinsecamente nasal em uma palavra é a vogal da sílaba tônica. É o que ocorre também na língua Kawahib (Tenharim; Jiahui; Amondawa).

Podemos identificar, no estudo dessa língua, dois graus de nasalidade: vogais fortes (fortis) e suaves (lenis), onde as vogais em posição acentuada são plenamente nasais.

Vogais fortes ocorrem em sílabas tônicas e também em sílabas átonas, desde que essas estejam entre consoantes nasais. As vogais suaves ocorrem somente em sílabas átonas.

[a.'mã.nẽ] ‘chuva’ (Ten; Jia; Amo)
 ↑ ↑
 forte suave

[ŋã.'ha] ‘eles; elas’ (Ten; Jia; Amo)
 ↑
 suave

Vogais átonas nasais se mantêm fortes mesmo quando separadas pela glotal [ʔ], em sílaba tônica:

[ae.tũ.'ʔã] ‘umbigo’ (Ten; Jia; Amo)
 ↑ ↑
 forte forte

[õ.'ʔã] ‘lâmina da flauta’ (Ten)
 ↑ ↑
 forte forte

III.1.7.a) Nasalização em final de palavra: [-m]; [-n]

Amondawa apresenta uma característica fonética, das vogais nasais finais, que enfatiza a nasalidade por meio de um alongamento de murmúrio nasal (através dos fones [-m] e [-n]).

[-m]:

iputu'pãm ‘afogar-se’ (Amo) ~ iputu'pã ‘afogar-se’ (Ten)

o'wẽm ‘apagar o fogo’ (Amo) ~ o'gwẽ ‘apagar o fogo’ (Ten)

[-n]:

ikaro'wãn 'ficar doente' (Amo)

a'kĩn 'chover' (Amo) ~ ɔ'kĩ 'chover' (Ten; Jia)

III.1.7.b) Nasalização da consoante oclusiva [p] e a pré-nasalizada [mb]:

Podemos verificar que, em poucos itens lexicais, houve em Tenharim e Jiahui uma sedimentação da oclusiva labial desvozeada [p], mas que em Amondawa realiza-se com a labial pré-nasalizada vozeada [mb]:

	(Ten; Jia)	(Amo)
Peixe-elétrico	pora'kiɐ	mbɔɔ'tʃiɐ

Trata-se de casos praticamente isolados, cuja explicação deve ter origem histórica.

Quanto ao fonema /m/, houve uma sedimentação do alofone [mb] entre os Tenharim e Jiahui e de [m] entre os Amondawa.

Português	(Ten; Jia)	(Amo)
Algo, coisa	mba'terɐ	mã'terɐ

III.1.7.c) Nasalização regressiva:

Como aponta Dietrich (2010, p. 18),

“A nasalidade tanto vocálica como consonântica é um dos fatores principais da fonologia tupi-guarani. Nas línguas mencionadas (tupinambá, língua brasílica, guarani), a nasalidade se manifesta no nível da palavra. Uma palavra é oral ou nasal. A chamada harmonia vocálica provoca determinadas mudanças na distribuição das consoantes: tupinambá *nde py*, ‘teu pé’, mas *ne irũ*, ‘teu companheiro’ (DIETRICH, 2010, p. 18).

Da mesma forma em Kawahib, quando a vogal da sílaba tônica é nasal, ocorre a nasalização regressiva para a vogal pré-tônica.

Palavra principal: [arẽ'mbɛ] ‘lábios’ (Ten, Jia, Amo)

[nẽrẽ'mbɛ] → [nde] + [arẽ'mbɛ] ‘teus lábios’ (Ten, Jia, Amo)

Palavra principal: [i'kãŋɛ̃] ‘osso’ (Ten, Jia, Amo)

[jĩ'kãŋɛ̃] → [dʒi] + [i'kãŋɛ̃] ‘meu osso’ (Ten, Jia, Amo)

III.1.7.d) Nasalização progressiva:

Os glides [w] e [j] sofrem nasalização sistemática quando seguem imediatamente a um segmento nasal.

a) Os exemplos abaixo mostram a nasalização progressiva de /j/ nos limites da raiz:

[ijã'rõ̃] ‘ficar bravo’ (Ten, Jia, Amo)

[mõ'kõ̃] ‘dois’ (Ten, Jia, Amo)

[nõmã'nõ̃] ‘não morreu’ (Ten)

b) Nasalização progressiva de [w]:

[adʒuru'hu oue'ue o'ʊõwõ̃] ‘o papagaio voou; foi embora’ (Ten)

[adʒa'ʔo ga a'kõwõ̃] ‘ele está chorando’ (Amo)

III.1.8. Segmentos ambivalentes: [w] e [j]

Na análise fonológica, os segmentos [w] e [j] são considerados ambíguos, pois podem ser interpretados tanto como vogais, como consoantes. Assim, se tais segmentos ocorrem em *onset* e em coda silábica e essas posições forem ocupadas exclusivamente por consoantes, então, essa sequência deverá ser considerada glide. No entanto, se ocorrer no núcleo será considerado vogal (KINDELL, 1981).

Em Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) os segmentos [w] e [j] tanto ocorrem em onset como em coda silábica, sendo considerados como glides. Portanto, sequências de vogal+glide ou glide+vogal não podem ser entendidas como ditongos. Na seção que tratou do padrão silábico (Capítulo II, item II.3.3) ficou claro que não há sequências vocálicas homossilábicas. Apenas foneticamente podem formar-se ditongos, na circunstância descrita na seção III.1.3, deste Capítulo (Distensão e Assilabificação de vogais anteriores em cluster vocálico heterossilábico).

QUADRO 11: Segmentos ambivalentes: [w] e [j]

<i>Onset silábico</i>	<i>Coda silábica</i>
[w]	[w]
[owa'pɔ] = /o.va.po/ “(ele) faz” (Amo) [o'kɔwo] = /o.ko.Wo/ ‘voou’ (Ten; Jia)	[kutu'kawɐ] = /ku.tu.kav/ ‘tatuagem’ (Amo) [tu'pawɐ] = /tu.paW -a/ ‘rede’ (Ten; Jia) [nãmbu'rawɐ] = /nã.mu.rav/ ‘nambu’ (Amo)
<i>Onset silábico</i>	<i>Coda silábica</i>
[j]	[j]
[jakũnã'umɛ] = /ja.ku.nã.um -a/ ‘peixe, espécie de’ (Ten) [jãndi'ʔa] = /ja.ni.ʔa/ ‘mandi’ (Amo)	[mo'kɔj] = /mo.kɔj/ ‘dois’ (Ten; Jia; Amo) [a'gwajɐ] = /a.waj -a/ ‘rabo’ (Ten; Jia) [adzɪ'pej] = /a.ji.pej/ ‘um’ (Ten) [mbɔjɐ] = /moj -a/ ‘comida’ (Ten; Jia; Amo)

III.1.9. Evidências histórico-comparativas

Comparando os segmentos vocálicos do Kawahib (Tenharim; Jiahui; Amondawa) com cognatos na língua Tupinambá (Barbosa, 1967; 1970 apud CUNHA, 1987), devido ao fato de ser mais acessível o material lexical dessa língua, pressupõe-se que as vogais do Tupinambá estão mais próximas do Proto Tupi-Guarani (CUNHA, 1987, p. 59).

Os exemplos que se seguem mostram que as vogais tônicas do Kawahib (Tenharim; Jiahui; Amondawa) assimilaram as características da respectiva vogal tônica do Tupinambá:

Português	Tupinambá³⁶	Kawahib (Ten; Jia; Amo)
Flor	/po'tír/	/po'tír/
Colar	/po'ʔír/	/mo'ʔír/
Seco (rio)	/tipáb/	/ti'pa/
Rosto	/oḅá/	/aero'va/
Tucano	/tukán/	/tu'kãn/
Trovão	/tupán/	/tu'pã/
Mulher	/kuyã/	/ku'jã/
Umbigo	/puruã/	/aeti'ʔã/
Coco de tucumã	/tukumã/	/tuku'mã/

III.2. Processos Morfofonológicos (Tenharim, Jiahui e Amondawa)

Descrevemos, a seguir, alguns dos processos morfofonológicos da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa).

Apresentamos as ocorrências morfofonológicas da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) que ocorrem em fronteira de morfemas e/ou palavras.

III.2.1. Assimilação

III.2.1.a) Lenição de [k] → [ŋg]; [g]

O processo de lenição da consoante oclusiva velar surda /k/ ocorre em Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) quando /k/ estiver:

³⁶ Dados obtidos em CUNHA, 1987, p. 60.

1) Em fronteira de morfema, precedido por vogal nasal, em sílaba tônica.

/k/: (k → ŋg / Ñ + _)

Uma vogal nasalizada faz com que a consoante surda inicial do morfema seguinte na mesma palavra fonológica passe à vozeada, criando-se ainda um contorno ou passagem pré-nasalizada.

mã'rã 'o que' + $\overbrace{\text{ka'tu 'bom, bonito, correto'}}$ > marãŋga'tu 'o que pode ser' (Amo)

mokõj 'dois' + $\overbrace{\text{ka'tu 'bom, bonito, correto'}}$ > mokõjŋga'tu 'três' (Amo)

2) Em fronteira de morfema, precedido por consoante nasal, em sílaba tônica.

/k/: (k → g / C_{nasal} _)

[tatatʃiŋ'gavø] = /tatafĩŋkav/ = {tatafĩŋ + kav + a} 'tabaco' (Amo)
fumaça que.faz caso.argumentativo
surgir.efeito

[eñiɲðŋ'gavø] = /eñjõŋkav/ = {eñjõŋ + kav + a} 'esteira' (Ten)
dormir que.faz caso.argumentativo
surgir.efeito

[aepãŋ'gavø] = /aheajãŋkav/ = {ahe + ajãŋ + kav + a} 'espelho; máquina fotográfica' (Ten; Jia)
de.gente alma que.faz caso.argumentativo
surgir.efeito

O mesmo não ocorre quando consoante surda inicial de morfema é precedida de uma vogal oral na fronteira de morfema:

dʒa'te 'astro' = $\overbrace{\text{ka'tu 'bom, bonito, correto'}}$ > dʒateka'tu 'nome próprio' (Ten)

mã'ŋgara 'o que' = ka'tu 'bom, correto' > mã'ŋgaraka'tu 'o que pode ser' (Jia)

III.2.1.b) Lenição de [k] → [g] diante de [i].

Nos três dialetos (Tenharim, Jiahui e Amondawa), o processo de lenição de [k] ocorre em fronteira de morfema, precedido por vogal oral, diante de [i].

/k/: (k → g/V +_i):

[iɲe'giɲ] = /iɲeki/ = {iɲek + i + a} ‘marreco’ (Ten; Jia; Amo)
pato diminutivo caso.argumentativo

O processo de lenição da consoante oclusiva velar surda não ocorre em Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) quando [k]:

1) Estiver em sílaba tônica e precedido de vogal oral:

[iɲe'koɲ] = /iɲeko/ ‘pica-pau’ (Ten; Jia; Amo)

[aɛ'kiɲɲ] = /aɛkiɲ/ = {aɛ + kiɲ + a} ‘piolho’ (Ten; Jia; Amo)

[areɲia'kava] = /areɲiakav/ = {are + eɲiak + kav} ‘espelho’ (Ten; Jia; Amo)

2) Não estiver em fronteira de morfema:

[dzaka're] ‘jacaré’ (Ten; Jia; Amo)

[iɲari'ka] ‘cachoeira’ (Ten)

[kaite'i] ‘macaco-prego’ (Ten; Jia; Amo)

III.2.1.c) Lenição de [k] → [ɰ]:

Somente em Tenharim e Jiahui é que ocorre o processo de lenição da consoante oclusiva velar surda [k], realizando como aproximante velar [ɰ], quando estiver em coda silábica de sílaba átona em final de palavra:

(Amo)

[ara'dziɰɲ] = /arajik/ ‘veia’

(Ten; Jia)

[aera'dziɰɲ] = /arajik -a/ ‘veia’

[i'vakɐ] = /ivak/ 'céu'

[i'vaɯɐ] = /ivak -a/ 'céu'

[dʒate'vukɐ] = /jatevuk/ 'carrapato'

[dʒate'vuɯɐ] = /jatevuk -a/ 'carrapato'

[mbu'tukɐ] = /mutuk/ 'mosquito'

[mbu'tuɯɐ] = /mutuk -a/ 'mosquito'

[ka'rukɐ] = /karuk/ 'entardecer'

[ka'ruɯɐ] = /karuk -a/ 'entardecer'

[mãndʒi'ɔkɐ] = /maniok/ 'mandioca'

[mãndi'ɔɯɐ] = /maniok -a/ 'mandioca'

[i'hikɐ] = /ihik/ 'tocha, palheiro'

[i'hiɯɐ] = /ihik -a/ 'tocha, palheiro'

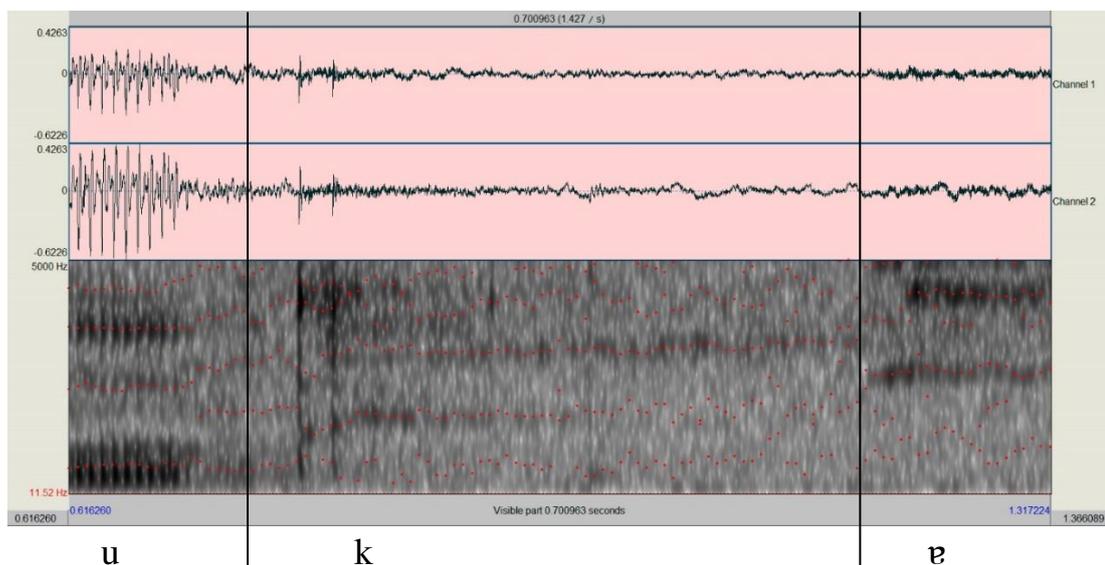
[aere'vekɐ] = /aerevek/ 'barriga'

[aere'veɯɐ] = /aerevek -a/ 'barriga'

Exemplificamos com espectrogramas da mesma palavra, na fala Amondawa (figura 8); na fala Tenharim (figura 9) e na fala Jiahui (figura 10):

FIGURA 8: Espectrograma de [k] em contexto intervocálico em Amondawa

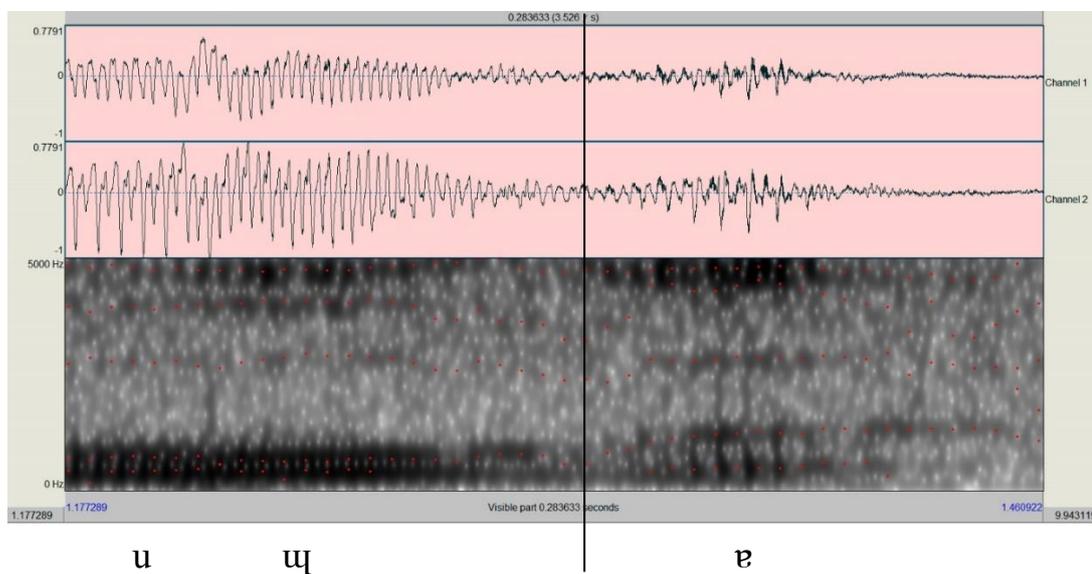
Palavra: [dʒate'vukɐ] 'carrapato' (Amo)



Acima, vê-se claramente a realização de /k/ como uma oclusiva surda, sendo visíveis o silêncio que precede a soltura da oclusão, e a explosão propriamente dita.

FIGURA 9: Espectrograma de [ɰ] em contexto intervocálico em Tenharim

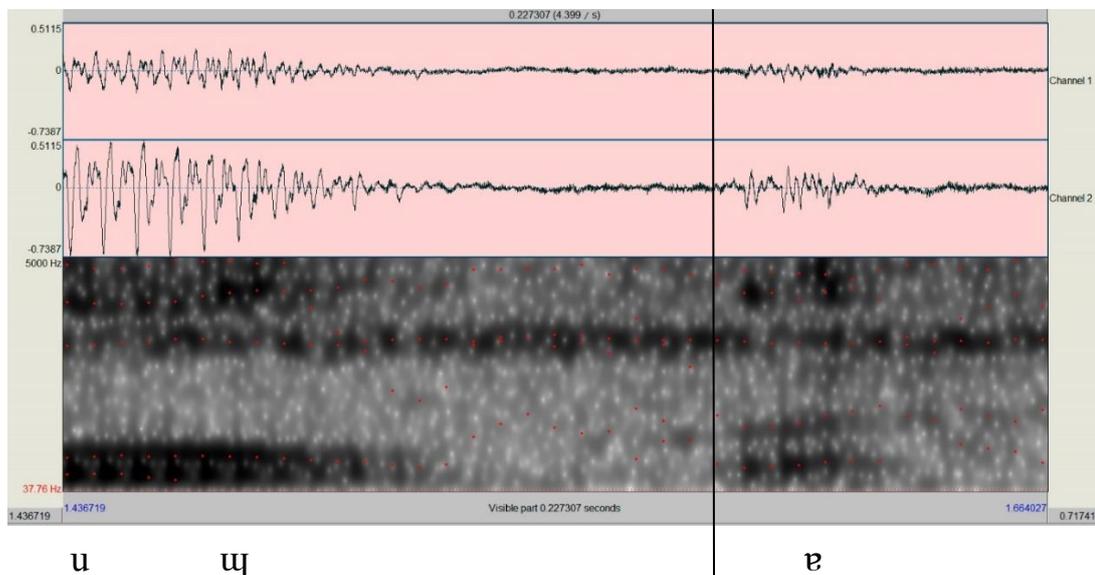
Palavra: [dʒate'ʊuɰə] 'carrapato' (Ten)



Já na figura 9, acima, bem como na figura 10, a seguir, entre as vogais /u/ e /a/ não se veem evidências de oclusão e, muito menos, explosão. Aqui, a consoante oclusiva velar /k/ é claramente realizada por uma aproximante velar [ɰ].

FIGURA 10: Espectrograma de [ɰ] em contexto intervocálico em Jiahui

Palavra: [dʒate'ʊuɰə] 'carrapato' (Jia)



III.2.1.d) Lenição de [p]→[mb]:

A lenição da consoante oclusiva bilabial surda [p] ocorre em fronteira de morfema, precedida por vogal nasal, realizando-se como uma consoante pré-nasalizada [mb].

/p/: (p → mb / $\tilde{V}+_)$:

Palavras principais: tapi'ʔiɲẽ 'não indígena' (Ten; Jia; Amo)

i'pira 'pele' (Ten; Jia; Amo)

tapi'ʔiɲẽ + i'pira → tapiɲã'mbira 'roupa (pele do branco (não-indígena))' (Ten; Jia; Amo)

III.2.1.e) Lenição de [p] → [w]:

Somente em Tenharim e Jiahui, ocorre a lenição da consoante oclusiva bilabial surda [p] realizando-se como aproximante bilabial [w] quando em posição de coda, em sílaba átona de final de palavra. Em Amondawa, o fonema oclusivo bilabial surdo /p/ sempre se realiza como [p], inclusive em posição de coda em sílaba átona de final de palavra:

[ka'hupɐ] → /kahup/ 'caçar' (Amo)

[ka'huwɐ] → /kahup/ 'caçar' (Ten; Jia)

III.2.2. Ressilabificação

A ressilabificação na língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) ocorre quando a consoante final de um morfema forma nova sílaba com a vogal inicial do morfema seguinte.

[ipu.tũnũ'hu] = {iputũn + uhu} = {i.pu.tũ.nu.hu} 'escuro' (Ten, Jia, Amo)

[ere.tʃãŋga'hĩ] = {eretʃãŋ + ahĩ} = {e.re.tʃã.ŋa.hĩ} 'friagem' (Ten, Jia, Amo)

III.2.3. Acento tônico:

Em relação aos traços suprasegmentais, aqueles que se superpõem às sílabas (cf. LADEFOGED, 1975, p. 14), observamos que na língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) somente o acento mantém relevância fonológica. Sendo assim, o acento tônico deve ocorrer sempre na última sílaba da raiz, tornando-a palavra oxítona; tanto pode ocorrer em sílabas com vogal oral quanto em sílabas com vogal nasal:

[kwa'ra] = /kwarə/ = {kwa.ra} ‘sol’ (Ten; Jia; Amo)

['kwarə] = /kwar/ = {kwar + a} ‘buraco, toca’ (Ten; Jia; Amo)

[a'karə] = /akar/ = {a.kar + a} ‘quintal’ (Ten; Jia; Amo)

[aka'ra] = /akara/ = {a.ka.ra} ‘peixe cará’ (Ten; Jia; Amo)

[dzɪ'dzɪvə] = /jɪjɪv/ = {jɪ.jɪv + a} ‘açai – planta’ (Amo)

[dzɪdzɪ'va] = /jɪjɪva/ = {jɪ.jɪ.va} ‘açai – fruto’ (Amo)

No entanto, há alguns itens lexicais entre os Tenharim; Jiahui e Amondawa onde, possivelmente por circunstâncias históricas, o morfema {-a} (“caso argumentativo” - RODRIGUES, 2001a) tornou-se a vogal acentuada, portanto, fazendo-se parte da raiz. Segue alguns exemplos:

[tapa'kurə] = /tapakur/ = {ta.pa.kur + a} ‘braçadeira; bracelete’ (Amo)

[tapaku'ra] = /tapakura/ = {ta.pa.ku.ra} ‘braçadeira; bracelete’ (Ten; Jia)

[mbi'arə] = /miar/ = {mi.ar + a} ‘caça (animal abatido)’ (Ten; Jia)

[mbia'ra] = /miara/ = {mi.a.ra} ‘caça (animal abatido)’ (Amo)

Conforme D’Angelis (em comunicação pessoal), com relação ao Tupi Antigo em José de Anchieta, as palavras Tupi são oxítonas. Segundo Anchieta, algumas palavras paroxítonas terminadas em [e] são composição. De fato, tratam-se de palavras às quais se agregou alguma posposição, como em [ika'tupe]. Também segundo ele, algumas terminadas em [a] são paroxítonas.

Também podemos verificar que em Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa), da mesma maneira que ocorre no Tupi Antigo, em algumas palavras, há agregação de posposição, tornando-as paroxítonas:

(palavra + pe)

[kwara'ipe] ‘fenômeno meteorológico: chuva seguida de sol’ (Amo)

[ia'pɔpe] ‘estação da cheia dos rios’ (Ten; Jia)

Se, na composição, o sufixo é elemento átono, mantém-se o acento da palavra composta no lugar do acento da raiz da palavra.

Palavra principal: [ipu'tũnẽ] = /ipu'tũn/ ‘noite, escuro’ (Ten; Jia; Amo)

[ipu'tũrumu] = {ipu'tũn + r + amo} ‘escurecendo’ (Ten; Jia; Amo)
(harmonia vocálica)

Mas quando o sufixo possui sílaba tônica, essa sílaba recebe o acento do termo composto.

Palavra principal: [ivɨ'turɐ] = /ivɨ'tur/ ‘serra, colina’ (Ten; Jia; Amo)

[ivɨ'turu'hu] = {ivɨ'tur + u'hu} ‘montanha’ (Ten; Jia; Amo)

Em algumas composições, permite-se conservar o acento de cada palavra:

a) Adjetivo ou nome + [e'tɛ] ou [u'hu]:

[ika'tu] + [e'tɛ] → [ika,tue'tɛ] ‘muito bom’ (Ten; Jia; Amo)

[pa'kɔvɐ] + [e'tɛ] → [pa,kɔve'tɛ] ‘banana, espécie de’ (Ten; Jia; Amo)

[pa'kɔvɐ] + [u'hu] → [pa,kɔvu'hu] ‘banana nanica’ (Ten; Jia)

b) Nome + ['kwɛrɐ]:

[kũ'nã] + ['kwɛrɐ] → [kũ'nã'ɲgwɛrɐ] ‘mulherada (coletivo)’ (Ten; Jia; Amo)

III.2.4. Afixo átono [a] em final de palavra

Há três tipos de [a] em final de palavra na língua Kawahib (Tenharim; Jiahui e Amondawa), demonstrando que os dialetos em questão diferem nesse aspecto, ou seja, que o Amondawa mantém, sincronicamente, o emprego gramatical do morfema {-a} (caso argumentativo), enquanto os dialetos Tenharim e Jiahui o lexicalizaram.

1) Palavras que terminam em uma vogal [a] tônica:

A vogal [a] tônica em final de palavra se refere ao fonema componente da raiz da palavra, isso acontece nos três dialetos pesquisados (Tenharim, Jiahui e Amondawa).

Exemplos:

[ta'ta] “fogo”; [kwa'ra] “sol”; [dʒu'ka] “matar” (Ten; Jia; Amo)

↓ ↓ ↓
/tata/ /kwara/ /juka/ = vogal [a] tônica compondo a raiz da palavra

2) Palavras que terminam em uma vogal tônica, diferente de [a]:

Em Amondawa ocorre a inserção do morfema {-a} no final de palavras terminadas em vogal tônica diferente de [a]. Os dialetos Tenharim e Jiahui alternam entre realizações com e sem a vogal [a] átona final³⁷, no entanto, nos três dialetos pesquisados, a raiz da palavra permanece a mesma.

Exemplos:	(Amo)	(Ten; Jia)
/kanine/ “Arara”	kanĩ'ndεε	kanĩ'nde = kanĩ'ndεε
/api/ “pama”	a'piε	a'pi = a'piε
/ɲaha ahepo/ “mão (dele)”	ga'pœ	ga'pɔ = ga'pœ

3) **Afixo átono [a] em final de palavra:** Raiz de palavra que termina em consoante + vogal [a] átona

Neste caso, especificamente, a análise é distinta para os dialetos pesquisados: em Amondawa estamos diante de um sufixo, que é o morfema {-a} que Aryon Rodrigues

³⁷ Pode-se inferir que esse processo em Tenharim e Jiahui não é muito antigo, uma vez que há pessoas mais velhas que ainda oscilam entre o novo e o velho uso.

denominou "caso argumentativo". Já em Tenharim e Jiahui, a vogal [a] átona final em muitos nomes é apenas vestígio do morfema {-a} que, historicamente, sofre um processo de *fixação linguística*, lexicalizando-se, ou seja, torna-se parte da raiz das palavras de que participa.

Quando enunciadas isoladamente e até mesmo em uma frase compondo o Sintagma Nominal, não ocorre distinção do dialeto Amondawa com os dialetos Tenharim e Jiahui na porção final da palavra.

Exemplos em palavras enunciadas isoladamente:

[dʒa'gwarɐ] = /javar + a/ "onça" (Ten; Jia) = [dʒa'warɐ] = /javar + a/ "onça" (Amo)

↓
Vogal átona final

↓
Vogal átona final

[kãni'tarɐ] = /kanitar + a/ "cocar" (Ten; Jia, Amo)

↓
Vogal átona final

Porém, quando o mesmo nome se compõe com outra palavra à sua direita, formando um sintagma maior, revela-se claramente a diferença com que o dialeto Amondawa e os dialetos Tenharim e Jiahui consideram a vogal átona final.

Exemplos em sintagmas maiores:

1. onça pintada: dʒa'gwarɐ pĩni'pĩni mu'ʔɛ = /jawara + pinipĩni + mu'ʔɛ/ (**Ten; Jia**)

↓
vogal [a] faz parte da raiz (lexicalização)

dʒa'wapine'mõɐ (Amo) = /javar -∅ + pinemõ + a/ (**Amo**)

↓
morfema {-a} (caso argumentativo)

2. onça preta: dʒa'gwarɐ upiu'hu = /jawara + upiuhu/ (**Ten; Jia**)

↓
vogal [a] faz parte da raiz (lexicalização)

dʒa₁warunu'huɐ = /javar -∅ + un + uhu + a/ (**Amo**)

↓
morfema {-a} (caso argumentativo)

3. rabo de onça: $dʒa'gwarə\ ra'gwajə = /jawara + r + awaj + a/$ (**Ten; Jia**)

↓
vogal [a] faz parte da raiz (lexicalização)

$dʒa'wara'wajə = /javar -\emptyset + r + awaj + a/$ (**Amo**)

↓
morfema {-a} (caso argumentativo)

Nos três casos acima, prova-se que o [ə] foi lexicalizado em Tenharim e Jiahui uma vez que não pode ser omitido na construção do sintagma: a vogal átona [ə] se integra à palavra independente.

Por outro lado, em Amondawa, conforme exemplificado em (1), a vogal átona [ə] não apenas é omitida como também, exatamente pelo fato de não pertencer à raiz ao se dar a composição do sintagma, gera uma situação de contiguidade entre a consoante final da primeira palavra com a consoante inicial da segunda, produzindo a queda da primeira. No exemplo (2) a omissão do {-a} (quando a palavra não é o fim do sintagma) torna contígua a consoante final da raiz à vogal inicial do sufixo, ressilabificando-se; e em (3) a situação é semelhante com a de (1), nesse caso, inserindo dois taps [r] em contato.

III.2.5. Relacional de contiguidade [r]:

Os prefixos relacionais são bastante descritos nas línguas da família Tupí-Guaraní, sendo “analisados como componentes de um sistema que marca a contiguidade ou não-contiguidade entre um termo dependente e o termo do qual este depende” (MEIRA & DRUDE, 2013, p.1).

Em Kawahib (Tenharim; Jiahui; Amondawa) o prefixo relacional de contiguidade é manifestado pelo prefixo [r], marcando a contiguidade do termo dependente (possuidor) ao termo independente (possuído).

$[kanĩ'nde\ ə'rava] = \{kanine + a + r + ahav + a\}$ ‘rabo da arara’ (Ten; Jia; Amo)

$[dʒa'gwarə\ ra'gwajə] = \{javar + a + r + awaj + a\}$ ‘rabo da onça’ (Ten; Jia)

III.2.6. Reduplicação de sílabas

Em Kawahib (Tenharim; Jiahui; Amondawa) a reduplicação de sílabas mantém uma relação à frequência da ação (verbo) ou ao som emitido (onomatopeia):

apĩfĩpi'fĩ 'eu tusso' (Ten)

ajpõ'põ 'eu soluço' (Ten)

dzi'pĩ'fĩ dzi 'eu estou tossindo' (Jia)

itõrõ'rõ 'roncar' (Jia)

ikitõrõ'rõ '(ele) ronca' (Ten)

kĩrikĩ'i'ĩe 'periquito' (Amo)

III.2.7. Crase

Quando duas vogais idênticas se encontram em fronteira de palavras, ocorre a crase.

a) Fusão de i + i

[avatʃita'huɐ] = {avaTʃi + ita + uhu + a} 'milho duro (milho híbrido)' (Amo)

milho
duro
grande
caso.argumentativo

crase

b) Fusão de u + u

[tatu'hu] = {tatu + uhu} 'tatu canastra' (Ten; Jia)

tatu
grande

crase

III.2.8. Fusão de vogais distintas

Quando ocorre fusão de vogais distintas, a tendência é preservar a vogal com o traço [-alta]:

a) Entre vogais distintas, posteriores:

[avatʃita'huɐ] = {avaTʃi + ita + uhu + a} 'milho duro (milho híbrido)' (Amo)



mantém a vogal [-alta]: [a]

b) Entre vogais distintas, anteriores:

[kware'tɛ] = {k^wari + ete} 'alto verão' (Ten; Jia; Amo)



mantém a vogal [-alta]: [e]

No entanto, quando duas vogais distintas, posterior e anterior, se encontram em fronteira de palavras, ambas se matém na palavra.

[ta,tue'tɛ] = {tatu + ete} 'tatu, espécie de' (Ten; Jia; Amo)



As vogais [+posterior] e [-posterior] se mantém: [u]; [e]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação apresenta um estudo comparativo de três dialetos da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) através de uma análise sincrônica do seu sistema fonológico.

Parafraseando Campbell (1999), as línguas que pertencem à mesma família linguística são geneticamente relacionadas uma à outra: isto significa que derivam de uma única língua ancestral, por isso denominada proto-língua (CAMPBELL, 1999, p. 108). Sabemos que as línguas mudam constantemente e essas mudanças podem não apenas fazer surgirem distintos dialetos, como até mesmo novas línguas. No entanto, como reafirma Bessa Freire (2003), o conceito impreciso do que é uma *língua* torna-se uma questão complexa, pois há preceitos que vão além de uma delimitação de fatores linguísticos, ou seja, “a base da identificação de uma língua não reside exclusivamente nas categorias e formas linguísticas ou nos aspectos sistêmicos, que constituem o principal foco da descrição linguística” (BESSA FREIRE, 2003, p. 93).

É relevante destacar que os dialetos da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa) estão em constante interação com a língua majoritária do território nacional, a língua portuguesa. A ideia de “línguas em contato” é um termo abstrato quando se leva em consideração a escala e o grau desse contato (BESSA FREIRE, 2003, p. 57), mas o foco principal desta pesquisa não é analisar as condições sociais e históricas do processo de contato entre línguas e dialetos. No entanto, sabemos com Thomason & Kaufman (1988) que uma situação de contato conduz inevitavelmente ao bilinguismo, gerando sempre mudanças linguísticas, sobretudo nos falantes, como também nas estruturas das línguas envolvidas. Relevante será, portanto, examinar as motivações que levaram os Kagwahiva Setentrionais e Meridionais a se tornarem bilíngues tão rapidamente.

Em cada um dos dialetos estudados (Tenharim, Jiahui e Amondawa) registramos, durante a pesquisa, vários itens lexicais que são neologismos e empréstimos linguísticos. Esses fenômenos linguísticos se manifestam somente em línguas vivas, obviamente, e são relevantes porque configuram uma dinâmica interna da língua, ocasionando a criação e importação de vocábulos, manifestando a ação de fatores extralinguísticos. Destacamos algumas dessas particularidades inerentes a cada um dos dialetos da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa), tanto no nível fonêmico como lexical.

Na comparação entre os dialetos Tenharim e Jiahui com o dialeto falado pelo povo Amondawa postulamos que há um processo que vai além da diferença como "realização

fonética". Isso porque um dialeto produz neutralização de uma forma, e o outro dialeto de outra; um dialeto exibe determinado processo morfofonológico e outro não; um dialeto incorpora um elemento morfossintático à raiz da palavra (a ponto de mudar a posição da sílaba tônica) e outro não. Entretanto, são muitos os itens lexicais que se mantêm idênticos nos três dialetos, como por exemplo, [ka'ʔa] 'folha'; [ta'ta] 'fogo'; [ʔva] 'árvore'; inclusive na constituição de neologismos: [arepia'kauə] 'espelho, máquina fotográfica'; [tapɨ'ʔɨpãmbirə] 'roupa'. Nos três dialetos, o fonema /h/ pode elidir-se em *onset* silábico, tanto no início como no meio da palavra.

Somente em Amondawa os fonemas: oclusivo velar /k/, oclusivo dental /t/ e africado palatal /tʃ/ perdem o contraste fonêmico, neutralizando-se diante de /i/ ou /ĩ/, por meio do arquifonema /Tʃ/. Também em Amondawa se mantém o morfema {-a} em palavras nas quais o Tenharim não o faz. Quando se trata de um nome terminado em vogal, a raiz permanece a mesma (isto é, mantém-se igual nos três dialetos pesquisados); por exemplo: 'surubim:' [uru'viə] (Amo) =[uru'vi] (Ten; Jia); pama: [a'piə] (Amo) = [a'pi] (Ten; Jia); ferida: [mbiru'ruə] (Amo) =[mbiru'ru] (Ten; Jia). Quando se trata de um nome terminado em consoante, aquilo que em Amondawa é uma raiz lexical acrescida de sufixo, como em {**javar + a**}, em Tenharim e Jiahui tornou-se uma forma lexicalizada, de modo que o que fora um morfema {-a} passou a ser apenas um fonema final da raiz: {**jawara**}. Os dialetos Tenharim e Jiahui fixaram à raiz o que no Amondawa continua sendo um morfema funcional – caso argumentativo, cf. Aryon Rodrigues (2001a) – por meio de um processo de *lexicalização*. Nesse caso, o dialeto falado pelos Amondawa demonstra-se mais conservador ao que era a proto-língua. Por outro lado, também se restringindo ao dialeto Amondawa, não ocorre o fonema aproximante lábio-velar /w/, manifestando a fusão dos fonemas aproximantes lábio-dental /v/ e lábio-velar /w/, resultado de um processo de *desfonologização* e, por esse aspecto, o dialeto Amondawa se apresenta mais inovador. Contudo, a ocorrência de que Tenharim e Jiahui distingam os dois fonemas aproximantes, um labial /v/ e um velar /w/ (do mesmo modo que fazia o Tupi antigo e faz o Guarani atual), enquanto o Amondawa tenha fundido ambos em um único (o fonema labial /v/), caracterizando sistemas fonológicos ligeiramente distintos, não significa que sejam línguas também distintas, e não mais dialetos. Fatores internos e externos podem ser responsáveis por essas manifestações nos dialetos da língua Kawahib (Tenharim, Jiahui e Amondawa).

Em Jiahui, a palatalização de consoantes (C+j) é mais frequente que em Amondawa e que em Tenharim, expressando-se como uma variação sociolinguística. No

entanto, o dialeto Jiahui não se revela significativamente diferente do Tenharim, contradizendo o que foi afirmado por Sampaio (2001)³⁸. Alguns fatores sociopolíticos podem ter contribuído para tal: a perda da terra tradicional fez com que o povo Jiahui se deslocasse para conviver entre os Tenharim por décadas, até a retomada (parcial) do seu território.

Quanto à estrutura silábica, a presença de consoantes obstruintes surdas em sílabas átonas final de palavras (posição de coda) ocorre em Amondawa, mas não em Tenharim e Jiahui – onde neste contexto, todas as consoantes são vozeadas [+ voz], demarcando uma característica de distinção dialetal entre Kagwahiva Meridionais e Setentrionais.

Pease & Betts (1971) relatam ocorrer, no dialeto Parintintin, sílabas VV e CVV, fato que não encontramos em Tenharim, Jiahui e Amondawa. Trata-se, de fato, de distintas análises; os casos analisados como VV ou CVV por Pease & Betts permitiu demonstrar tratar-se de contextos heterossilábicos, que analisamos como V.V e CV.V.

Sendo as línguas naturais potencialmente dinâmicas, a manifestação de variação inter e intradialetal (variações diatópicas e diastráticas) revelam a ocorrência de mudança linguística em processo. “A generalização de uma mudança não é, por outro lado, uniforme ou instantânea, implica covariação de formas alternativas durante um longo período de tempo” (CALLOU & LEITE, 1994, p. 98). Isso é atestado em Amondawa, ocorrendo variantes em função da faixa etária. Estudos a partir da geografia linguística, por exemplo, poderão oferecer um panorama mais amplo das variações dialetais da família Tupi-Guarani.

Pode-se atestar um bom sinal para a língua Kawahib que se reinventa e persiste em sobreviver, uma vez que se comprova, cada vez mais, um panorama de obsolescência linguística no âmbito das línguas indígenas, e até mesmo a extinção de toda uma comunidade linguística – a exemplo do processo histórico ocorrido com os Tupi-Cawahib ou Tupi do alto Machado, considerados extintos desde a segunda metade do século XX, e os Kagwahiva do rio Capivari. Através dos registros etnográficos e linguísticos deixados pela Comissão Rondon (1913-1915), Nimuendajú (1924; [1927] 1955) e Lévi-Strauss ([1938] 1958; [1955] 1981; 1963; 1994) podemos ter acesso, mesmo que parcialmente, a essa realidade linguística e cultural que não mais existe. Daí resulta a relevância do registro e estudo das línguas indígenas atuais com o objetivo de “salvaguardar o maior conhecimento possível destas

³⁸ Durante o levantamento de dados linguísticos, por haver poucos falantes fluentes da língua Kawahib entre os Jiahui, obtivemos a participação do mesmo indígena que atuou como informante na pesquisa de Sampaio (2001).

línguas, para que a posteridade não perca por completo a riqueza deste aspecto da diversidade humana e da sua herança cultural” (BRITO, 2015, p. 216-235).

Ao mesmo tempo, torna-se urgente a instauração de política e planejamento linguísticos efetivos para que essas línguas não entrem em processo de desuso. Muito se pode contribuir com uma assessoria linguística, tendo como objetivo o fortalecimento da língua materna, com a participação efetiva da comunidade interessada, evitando ou amenizando impactos socioculturais e ideológicos que a instauração da escrita, por exemplo, causa em uma comunidade indígena, reafirmando o direito desses povos à uma educação diferenciada, intercultural e bilíngue. Somado a essa expectativa, que as informações linguísticas contidas neste trabalho dissertativo possam contribuir ao aprimoramento do mapeamento linguístico através dos seus dialetos constituintes, descrevendo e explicando os mecanismos que exercem mudanças na língua Kawahib, bem como esclarecer ao questionamento de Menéndez (1981; 1989) à hipótese de Nimuendajú (1948) a respeito de uma origem única dos povos Kagwahiva e sua separação do grupo matriz no alto Tapajós (KRACKE, 2007).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAMSON, Arne; ABRAHAMSON, Joyce. [1974]. **Os Fonemas da Língua Júma**. tradução de Helena Vera Flor. SIL International Publications. Disponível em: <<https://www.sil.org/system/files/reapdata/35/71/75/35717547649259360186546714115576362462/JUFonema.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2018, 10:04h.
- AGUILAR, Ana Maria G. Cavalcanti. **Contribuições para os estudos histórico comparativos sobre a diversificação do sub-ramo VI da família linguística Tupí-Guaraní**. 2015. 223 p. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.
- ALMEIDA, Fernando Ozorio; NEVES, Eduardo Góes. (2015). Evidências Arqueológicas para a origem dos Tupi-Guarani no Leste da Amazônia. **MANA – Estudos de Antropologia Social**. Rio de Janeiro, Dez 2015, vol. 21, n. 3, p.499-525. ISSN 0104-9313. Disponível em: <http://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/artigo:almeida-neves-2015/almeida_neves_2015_tupi-guarani.pdf>. Acesso em 06 maio 2017, 17:47h.
- BATES, Henry Walter. [1863]. **Um naturalista no rio Amazonas**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1979.
- BARBOSA, Pe. Antônio Lemos. **Curso de Tupi Antigo**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956 - 2a tiragem, 1956.
- BESSA FREIRE, José Ribamar. Karé, o último dos Juma. In: **Povos Indígenas no Brasil: 1991/1995**. São Paulo: ISA - Instituto Socioambiental, 1996.
- _____. **Da Língua Geral ao Português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. Tese de Doutorado, Instituto de Letras, 2003. Disponível em: <http://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/tese%3Abessa-freire-2003/bessa_freire_2003.pdf>. Acesso em: 20 dez 2017, 12:20h.
- _____. **Rio Babel - A história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011.
- BETTS, LaVera. **Dicionário Parintintin-Português, Português-Parintintin**. Cuiabá/MT: Sociedade Internacional de Linguística - SIL, 1981.
- _____. **Kagwahiva Dictionary**. Anápolis/GO: Sociedade Internacional de Linguística - SIL, 2012.
- BRITO, Austria Rodrigues. Obsolescência das Línguas Indígenas e Políticas Linguísticas para Vitalização. **Agenda Social - Eletronic Journal**. Campos dos Goytacazes-RJ, 2015, vol. 9, n. 1, p. 216-235. ISSN 1981-9862. Disponível em:

<<http://www.revistaagendasocial.com.br/index.php/agendasocial/article/view/254/127>>. Acesso em: 11 jan. 2018, 18:32h.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 3. Ed. (ver.). Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

CAMPBELL, Lyle. **Historical Linguistics**. An Introduction. Cambridge: The MIT Press, 1999.

_____. Classification of the indigenous languages of South America. In: **The indigenous languages of South America: a comprehensive guide**. Edited by Lyle Campbell and Verónica Grondona (The World of Linguistics, v. 2, p. 59-166). De Gruyter Mouton, Radboud University Nijmegen, 2012.

CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CHRIST, Catarina Lourdes. Grupos de indígenas isolados no Mato Grosso. In: **Relatório 2009: violência contra os povos indígenas no Brasil**, p. 132-141. Brasília: CIMI – Conselho Indigenista Missionário, 2009. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/pub/publicacoes/1280418665_Relatorio%20de%20Violencia%20contra%20os%20Povos%20Indigenas%20no%20Brasil%20-%202009.pdf>. Acesso em: 05 maio 2017, 12:20h.

CIMI – Conselho Indigenista Missionário. **Relatório Violência contra os povos indígenas no Brasil** – dados de 2015. ISSN 1984-7645. Brasília: CIMI – Conselho Indigenista Missionário publicado em 2016.

CIMI – Conselho Indigenista Missionário - Regional Rondônia. **Panewa Especial**. Porto Velho: Editora São Miguel, 2015.

COMISSÃO RONDON. (1947). **Historia Natural**: Ethnographia (pelo coronel Cândido Mariano da Silva Rondon – Chefe da Comissão). Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1947.

_____. **Missão Rondon**: apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (sob a direção do Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon de 1907 a 1915). Rio de Janeiro: Typ do Jornal do Commercio, 1916. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1077/662437.pdf?sequence=4>>. Acesso em 13 abr. 2017; 12:37h.

- COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. **Nhandeva Aywu**: fonologia do Nhandeva-Guarani. Campinas: Curt Nimuendajú; Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2010.
- CUNHA, Péricles. **Análise Fonêmica Preliminar da Língua Guajá**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade de Campinas. Campinas: UNICAMP, 1987.
- CYPRIANO, Doris Cristina Castilhos de Araujo. Almas, corpos e especiarias. **Pesquisas - Antropologia n° 65**. Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo: Unisinos, 2007.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Línguas Indígenas no Brasil: urgência de ações para que sobrevivam. In: Anari Braz Bomfim & Francisco Vanderlei F. da Costa (orgs). **Revitalização de língua indígena e educação escolar indígena inclusiva**, p. 93-117. Salvador: Egba, 2014.
- DIETRICH, Wolf. More evidence for an internal classification of Tupi-Guarani languages. In: **Indiana**, Suplemento 12. Berlim: Gebr. Mann Verlag, 1990.
- DIETRICH, Wolf; DRUDE, Sebastian. Variation in Tupi languages: Genealogy, language change, and typology. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 10, n. 2, p. 213-215, Maio - Agosto, 2015.
- DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker. **O Português e o Tupi no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- DWYER, Arienne M. Ética y aspectos prácticos del trabajo de campo cooperative. In John Haviland and Jose Antonio Flores Farfan, eds. **Bases de la documentación lingüística**. Mexico City: Instituto Nacional de Lenguas Indígenas, pp. 49-89, 2007.
- FERREYRA, Manoel. **Breve notícia do rio Tapajós cujas cabeceyras últimas se descobrirão no ano de 1742**. Biblioteca Pública de Évora. Manuscrito não publicado. Citado em Menéndez, 1989, p. 139-140.
- FREITAS, José Garcia de. Os Índios Parintintin. **Journal de la Société des Américanistes de Paris**, n.s. Paris, 18: p. 67-73, 1926.
- _____. Relatório encaminhado ao Diretor do SPI, Sr. Dr. José Bezerra Cavalcanti, pelo inspetor Bento Preira de Lemos referente às atividades da IR 1 no exercício de 1930. In: **Museu do Índio** (filme 33, planilha 396, p. 02-12), Rio de Janeiro, Museu do Índio, 1930.

- FUNAI – Fundação Nacional do Índio. Arquivos da 1ª DR-Manaus; da 8ª DR – Porto Velho e do Extinto Setor de Documentação da AESP; *Pesquisa de Maria Conceição Militão Rocha – Documentação da 8ª DR* – Brasília, 1983.
- GALVÃO, Eduardo. Áreas culturais indígenas do Brasil: 1900-1959. In: **Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil**, p. 193-228. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979.
- GONDIM, Joaquim. A pacificação dos Parintintins. **Museu do Índio**. Biblioteca Marechal Rondon, publicação nº 87, 1925.
- HUGO, Vitor. **Desbravadores**. Humaitá: Missão Salesiana. (2 volumes), 1959.
- ISA – Instituto Socioambiental. Karipuna de Rondônia. História do contato. [S.l.]. In: **Povos indígenas no Brasil**. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/karipuna-de-rondonia/1337>>. Acesso em: 26 jan. 2016, 12:20h.
- _____. Índios isolados. In: **Povos indígenas no Brasil**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quem-sao/Indios-isolados>>. Acesso em 07 abr. 2017, 09:28h.
- JAKOBSON, Roman. [1931]. **Princípios de Fonologia Histórica**. Trad. W. R. D'Angelis. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, 2008.
- _____. [1958]. Os estudos tipológicos e sua contribuição à Linguística Histórico-Comparativa. In: **Princípio de Fonologia Histórica**, p. 43-59. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, 2008.
- JENSEN, Cheryl. Comparative Tupí-Guaraní morphosyntax. In: **Handbook of Amazonian Languages**, p. 487-618, vol. 4, part III, D.C. Derbyshire; G.K. Pullum (Eds.). Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.
- _____. Tupí-Guaraní. In: **The Amazonian Languages**. R.M.W. DIXON; A. AIKHENVALD (Eds), Cambridge: Cambridge University Press, p. 125-161, 1999.
- KAUFMAN, Terrence. Language History in south of America: what we know and how to know more. In: Payne, D. L. (org.). **Amazonian Linguistics-studies in low and South American Languages**, p. 13-73. Austin: University of Texas Press, 1990.
- KINDELL, G. E. **Guia de análise fonológica**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- KRACKE, Waud H. **Force and Persuasion: Leadership in an Amazonian Society**. Chicago: University of Chicago Press, 1978.
- _____. Kagwahiv moieties: form without function? In: Ken Kensinger (ed.). **Marriage patterns in Lowland South America**, p. 99-124. Urbana: University of Illinois Press, 1984.

- _____. Dreams, Ghosts, Tales: Parintintin Imagination. **The Psychoanalytic Review** vol. 84, n. 2, p. 273-281, 1997.
- _____. A posição histórica dos Parintintín na evolução das culturas Tupí-Guarani. In: RODRIGUES A. D.; CABRAL, A.S.A. C. (Orgs.). **Línguas e culturas Tupí**, p. 23-35. Brasília: Editora Curt Nimuendaju/ LALI-UnB, 2007.
- KROEMER, Gunter. **Cuxiuara**, o Purus dos indígenas. Ensaio etno-histórico e etnográfico sobre os índios do médio Purus. São Paulo: Edições Loyola, 1985.
- LADEFOGED, Peter. **Preliminaries to linguistic phonetics**. Chicago: University of Chicago Press, 1971.
- _____. **A Course in Phonetics**. New York: Harcourt, Gavanovich Inc, 1975.
- LATHRAP, Donald. **O alto Amazonas**. São Paulo: Editorial Verbo, 1975.
- LEONEL, Mauro. **Etnodicéia Uruéu-au-au**. São Paulo: Edusp/IAMA/Fapesp, 1995.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Tribes of the Right Bank of the Guaporé River. In: **Handbook of South American Indians** – Vol 3, p. 371-379. Washington, Smithsonian Institution, 1948.
- _____. Documents Tupi-Kawahib. **Miscellanea Paul Rivet Octogenario Dicata**. Tomo II. XXXI, p. 323-338. Congresso Internacional de Americanistas, Universidad Nacional Autónoma de México, 1958.
- _____. The Tupi-Cawahib. In: Julian H. Steward. **Handbook of South American Indians** – Vol. 3, p. 299-305. Washington: US Government Printing Office, 1963.
- _____. [1955]. **Tristes Trópicos**. Lisboa, edições 70, 1981.
- _____. **O Totemismo Hoje**. Lisboa: edições 70, 1986.
- _____. **Saudades do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MAGALHÃES, Cel. Amilcar A. Botelho de. **Pelos sertões do Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional (Brasiliana, 195), 1941.
- MACAULAY, Monica. Training Linguistics Students for the Realities of Fieldwork. In: **Anthropological Linguistics**, vol. 46, n. 2 (Summer, 2004), p. 194-209. Published by: The Trustees of Indiana University on behalf of Anthropological Linguistics, 2004. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/30029028?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em 07 ago. 2016, 18:25h.
- MEIRA, Sérgio; DRUDE, Sebastian. Sobre a origem histórica dos “prefixos relacionais” das línguas Tupí-Guaraní. **Cadernos de Etnolinguística**, ISSN 1946-7095, vol. 5, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.etnolinguistica.org/issue:vol5n1>>, Acesso em: 04 nov. 2017; 14:55h.

- MELLO, Antônio Augusto Souza. **Estudo Histórico da Família Linguística Tupi-Guarani.** Aspectos Fonológicos e Lexicais. Tese (doutorado) em linguística e Língua Vernácula do Instituto de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2000.
- MENÉNDEZ, Miguel A. **Uma contribuição para a Etno-história da área Tapajós-Madeira.** Dissertação de Mestrado. São Paulo:USP - FFLCH-USP, 1981.
- _____. **Os Kawahiwa.** Uma contribuição para o estudo dos tupi centrais. Tese de doutorado, São Paulo: USP - FFLCH-USP, 1989.
- _____. A área Madeira-Tapajós. Situação de contato e relações entre colonizador e indígenas. In: **História dos índios no Brasil**, p. 281-296. São Paulo: Cia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/Fapesp, 1992. Também disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/hist%3Ap281-296/p281-296_Menendez_A_area_Madeira-Tapajos.pdf. Acesso em: 22 abr. 2017; 16:04h.
- MIELKE, Jeff. **The Emergence of Distinctive Features.** Dissertation presented in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree Doctor of Philosophy in the Graduate School of The Ohio State University, 2004.
- MILLER, Eurico Theofilo. A cultura cerâmica do Tronco Tupí no alto Jí-Paraná, Rondônia, Brasil: Algumas reflexões teóricas, hipotéticas e conclusivas. In: **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, vol.1, n.1, p. 35-136. Brasília: Universidade de Brasília, Laboratório de Línguas Indígenas, 2009.
- MUSEU DO ÍNDIO – **Documentos.** Microfilmes do extinto Centro de documentação Etnológica, organizado a partir de documentos recuperados por Carlos de Araújo Moreira Neto, cópia na Funai, Brasília, Aesp, Rio de Janeiro, filmes 43 a 46, planilhas de número 400 a 537.
- MUSEU NACIONAL. **Rondônia 1912.** Gravações históricas de Roquette-Pinto. Coleção documentos Sonoros. Rio de Janeiro: Ed. por Edmundo Pereira e Gustavo Pacheco. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aroquete-pinto-1912-rondonia/rondonia_CD_livreto.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2016.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Os índios Parintintin do rio Madeira. In: **Journal de la Société des Américanistes**, tome 16, p. 201-278, 1924.
- _____. As tribus do alto Madeira. **Journal Societé des Americaistes de Paris**, tome 17, p.137-172, 1925.
- _____. The Cawahib, Parintintin, and their Neighbours. In: **Handbook of South American Indians – Vol 3**, p. 283-298. Washington: Smithsonian Institution, 1948.
- _____. [1927]. Reconhecimento dos rios Icaña, Ayarí, e Uaupés, março a julho de 1927. Apontamentos linguísticos. In: **Journal de la Société des Américanistes**, Tome 44, p. 149-178, 1955.

- NOELLI, F. S.; BROCHADO, José Proenza. Vida acadêmica e a arqueologia Tupi. In: PROUS, A.; LIMA, T. A. (Eds.). **Os Ceramistas Tupiguarani**. Volume I – Sínteses regionais, p. 17-47. Belo Horizonte: IPHAN, 2008.
- PEASE, Helen. [1968]. **Parintintín Grammar**. Porto Velho: Associação Internacional de Linguística, 2007. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/PNGram.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2017, 16:58h.
- _____. [1977] **Juma – Parintintín Similarities**. Anápolis: Associação Internacional de Linguística, 2010. Disponível em: <https://www.sil.org/system/files/reapdata/12/37/58/123758111651496176451422765285651082990/JUPnSim.pdf>. Acesso em: 02 maio 2017, 19:55h.
- PEASE, Helen; BETTS, LaVera. Parintintin Phonology, In: ed. David Bendor-Samuel. **Tupi Studies I**, p.1-14. Summer Institute of Linguistics, Publication Number 29. Norman: University of Oklahoma, 1971.
- PEGGION, Edmundo A. **Relações em perpétuo desequilíbrio: a organização dualista dos povos Kagwahiva da Amazônia**. São Paulo: Ed. Annablume, 2011.
- _____. Juma: a tragédia de um povo. In: **Povos indígenas no Brasil 1996/2000**, São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.
- RAMIREZ, Henri. Etnônimos e topônimos no Madeira (séculos XVI-XX): um sem-número de equívocos. In: **Revista Brasileira de Linguística Antropológica** vol. 2, n. 2, p. 179-224. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/8838>>. Acesso em: 16 abr. 2017, 13:26h.
- _____. As línguas indígenas do Alto Madeira: estatuto atual e bibliografia básica. In: **Língua Viva** - Versão eletrônica - Volume 01, n° 01, Outubro, 2006. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Aramirez-2006/ramirez_2006_madeira.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2017, 17:29h.
- RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.
- _____. **O povo brasileiro**. 2. Ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- RICE, Keren. Documentary Linguistics and Community Relations. In: **Language, documentation & Conservation**. Vol. 5, p. 187-207, 2011. Disponível em: <<https://scholarspace.manoa.hawaii.edu/bitstream/10125/4498/1/rice.pdf>>. Acesso em 16 abr. 2017, 18:34h.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A classificação do tronco lingüístico Tupí. In: **Revista de Antropologia**, vol. 12, n. 1/2, p. 99-104, 1964.
- _____. **Línguas Indígenas do Brasil** - Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

- _____. **Fonologia do Guarani Antigo**, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- _____. On the linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guaraní. In: Rodrigues, A. D. & Dietrich, W. **Diachronica**, vol. 14, p. 265-304, 1997.
- _____. Tupí. In: R. M. W. DIXON and ALEXANDRA Y. AIKHENVALD. **The Amazonian Languages**, p. 107-122. Research Centre for Linguistic Typology, Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- _____. Panorama das línguas indígenas da Amazônia. In: F. Queixalós e O. Renault-Lescure (org.). **As línguas amazônicas hoje**, p.15-28. São Paulo: Instituto Socioambiental (IRD/ISA/MPEG), 2000.
- _____. Sobre a natureza do caso argumentativo. In: QUEIXALOS, Francesc (org.), **Des Noms et des Verbes en Tupí-Guaraní: État de la Question. Studies in Native America Linguistics**. München: LINCOM Europa, 2001a.
- _____. Biodiversidade e diversidade etnolinguística na Amazônia. In: M. S. Simões (Org.). **Cultura e biodiversidade entre o rio e a floresta**, p. 269-278. Belém/PA: UFPA, 2001b.
- _____. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. 3. Ed. São Paulo: Loyola, 2002a.
- _____. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guarani. In: Cabral, A. S. A. C.; A. D. Rodrigues (orgs.). **Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história**, Tomo I, p. 327-336.. Belém: EDUFPA, 2002b.
- _____. Aspectos da História das Línguas Indígenas da Amazônia. In: M. S. Simões (Org.). **Sob o signo do Xingu**, p. 37-51. Belém/PA: IFNOPAP/UFPA, 2003.
- _____. As vogais orais do Proto-Tupí. In: A.D. Rodrigues & A.S.A.C. Cabral (Orgs.). **Novos estudos sobre línguas indígenas**, p. 35-46. Brasília: Ed. UnB, 2005.
- _____. As consoantes do Proto-Tupí. In: Ana Suelly A. C. Cabral & A. D. Rodrigues (Orgs.). **Línguas e Culturas Tupí (I)**, p. 169-203. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú; Brasília: LALI-UnB, 2007.
- _____. Considerations on the concepts of language and dialect: a look on the case of Asuriní of Tocantins and Parakanã. In: **Revel** - Special edition, n. 3, 2009. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br/eng]. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_special_3_considerations_on_the_concepts_of_language.pdf. Acesso em: 07 ago. 2016, 17:46h.
- _____. [1984-1985]. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, vol. 3, n. 2, dezembro, 2011, p. 233-252. Brasília: LALI-UnB, 2011.
- _____. Tupían. Aryon Dall’Igna Rodrigues and Ana Suelly Arruda Câmara Cabral,. In: Edited by Lyle Campbell and Verónica Grondona. **The indigenous languages of South America: a comprehensive guide**, p. 495-574. (The World of Linguistics, vol. 2). De Gruyter Mouton, Radboud University Nijmegen, 2012.

RONDON, Candido Mariano. **Índios do Brasil**. Do Centro ao Noroeste e Sul de Mato Grosso. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos Índios/Ministério da Agricultura, 1946.

- SAKEL, Jeanette; EVERETT, Daniel L. **Linguistic Fieldwork**. A Student Guide. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- SAMPAIO, Wany Bernardete de Araujo. **Estudo Comparativo sincrônico entre o Parintintin (Tenharin) e o Uru Eu Wau Wau (Amondava)**: contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahib. Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, 1998.
- _____. **As línguas Tupi-Kawahib**: um estudo sistemático filogenético. Guajará-Mirim: UNIR - Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2001.
- SURVIVAL INTERNATIONAL. Piripkura, Mato Grosso. In: Survival international website, 2017. Disponível em: <<http://www.survivalbrasil.org/povos/indios-isolados-brasil>>. Acesso em: 09 abr. 2017; 18:01h.
- _____. Kagwahiva do rio Pardo. In: Survival international website, 2017. Disponível em: <<http://www.survivalbrasil.org/ultimas-noticias/11652>>. Acesso em: 12 abr. 2017; 16:27h.
- SWADESH, Morris. **Lista de Swadesh**. Disponível em: <http://linguistica.fflch.usp.br/sites/linguistica.fflch.usp.br/files/Ling_Hist-dia3.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2016.
- THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1988.
- TRUBETZKOY, Nikolai. [1969]. A Fonologia Atual. In: Dascal, M (org). **Fundamentos Metodológicos da Linguística**, vol. 2, p.15-35. Campinas: Edição do Autor, 1981.
- _____. **Principles of Phonology**. Berkeley: University of California Press, 1969.
- UNESCO. (2017). **Atlas of the World's Languages in Danger**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/languages-atlas/index.php>>. Acesso em: 05 maio 2017, 09:53h.
- VELDEN, Felipe Vander. Os Tupí em Rondônia: diversidade, estado do conhecimento e propostas de investigação. In **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Vol. 2, n. 1, p. 115-143, Brasília, 2010. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/viewFile/8832/6635>

ANEXO A – Localização geográfica dos povos Tenharim, Jiahui e Amondawa

